

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
CAROLINA SCAVAZZA**

**GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES: O
FÓRUM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**TAUBATÉ- SP
2010**

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
CAROLINA SCAVAZZA**

**GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES: O
FÓRUM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté. Área de concentração: Língua Materna e Línguas Estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Zamponi.

**TAUBATÉ- SP
2010**

CAROLINA SCAVAZZA

**GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES: O
FÓRUM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Data: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª. Graziela Zamponi
UNITAU

Assinatura: _____

Prof^ª Dr^ª. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi
UNITAU

Assinatura: _____

Prof^ª Dr^ª Marlene Silva Sardinha Gurpilhares
FATEA

Assinatura: _____

Dedicatória

“Necessitamos sempre de ambicionar alguma coisa que, alcançada, não nos torna sem ambição”, essa sábia frase do poeta Carlos Drummond de Andrade incutiu em mim o desejo, desde a época da graduação, de me tornar mestre. Esse sonho hoje se realiza, sendo a vitória de todos que, de certo modo, cooperaram para que eu conseguisse concluir o mestrado.

Ao meu esposo amado Gean, minha alma gêmea, que sempre acreditou em meu potencial e em meu ideal, que esteve ao meu lado estimulando, apoiando e rezando para que meu sonho se tornasse realidade. Sobretudo, pela paciência pelos anos de dedicação e finais de semanas debruçados entre livros e anotações.

Aos meus pais queridos João e Wania, modelo de conduta, de honestidade, de amor, de pai e mãe; que souberam plantar em meu coração a importância de premissas básicas da vida, como estudo, ética, justiça, além de me permitirem acreditar em meu sonho.

Aos meus queridos sogros, por me apoiar e estimular a importância do estudo na formação humana.

Aos amigos e professores claretianos, que desde a graduação e o início da minha carreira profissional, apoiaram-me e supriram-me a minha ânsia pelo saber. Em especial, o saudoso professor de latim Pe. Elias Leite, os queridos professores Renato Alessandro dos Santos, Ana Dorotéia Arantes de Medeiros e Ana Cláudia Silva, o meu ex-editor chefe e amigo Jota Alves, o meu ex- coordenador geral Dyjalma Antonio Bassoli e meu grande amigo Rafael Augusto Gatti Regueiro, pelas incansáveis ajudas na formatação das figuras da SAV e na compreensão das tecnologias virtuais.

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora por acompanhar-me nos momentos difíceis que encontrei e por ter me dado a força para realizar esse trabalho. Por ter me abençoado com uma família maravilhosa e por ter me proporcionado excelentes oportunidades profissionais.

Agradeço ao Santo Antonio Maria Claret, que além de santo, foi um grande educador e humanista. Quero seguir-te sempre!

Agradeço a minha querida Professora Doutora Graziela Zamponi que, com competência, habilidade e dedicação, orientou-me neste trabalho. Por ser uma mulher de fibra, inteligente e que se torna um paradigma para mim.

Às Professoras Doutoradas Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi e Ana Dorotéia Arantes Medeiros pelas suas valiosas sugestões.

Minha gratidão se estende a instituição claretiana, por ter me ensinado a sua missão, tão coerente e bela, que eu consiga segui-la sempre. Agradeço ao Pe. Luis Claudemir Botteon e ao Artieres Estevão Romeiro por confiarem em minha pesquisa e cederem-me o direito de pesquisar os fóruns educacionais do Centro Universitário Claretiano, minha eterna gratidão.

Resumo

SCAVAZZA, Carolina. *GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES: O FÓRUM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade de Taubaté, Taubaté, 2010.

Esta dissertação, desenvolvida à luz dos pressupostos teóricos de Bakhtin, tem como objetivo mais geral caracterizar um dos gêneros que configuram o novo espaço de educação virtual, o fórum educacional. Especificamente, este trabalho objetiva determinar o modo de estruturação, as marcas de estilo e a natureza temática do fórum educacional, assim como suas condições de produção, além identificar os mecanismos que regem seu funcionamento no ambiente da educação virtual. Sem constituir um gênero genuinamente novo, o fórum educacional é um gênero secundário transmutado de outro gênero também secundário – a discussão ou o debate em sala de aula. O corpus da pesquisa consistiu de cinco fóruns desenvolvidos nos cursos de graduação a distância do Centro Universitário Claretiano, do qual participa como tutora a autora deste trabalho. Verificou-se que os fóruns educacionais – essencialmente escritos – são ferramentas assíncronas, estruturadas em turnos ou intervenções de diversas ordens, cuja finalidade é a construção colaborativa do conhecimento por parte dos participantes. Verificou-se ainda que os temas dizíveis nesse gênero, restritos à área acadêmica, versam sobre tópicos das diversas disciplinas dos cursos de EaD. Como característica de estilo, o gênero é marcado simultaneamente por traços de oralidade e de escrita formal e coloca em interação interlocutores que assumem papéis assimétricos, quando se considera a relação tutor-aluno; quando a relação se dá entre os participantes/alunos, os papéis são simétricos. A identificação das características do fórum educacional pode levar a uma reflexão sobre o modo como essa ferramenta está sendo utilizada, o que pode gerar ações estratégias de otimização dessa prática.

Palavras-chave: Gênero do discurso. Educação a Distância. Fórum educacional.

Abstrat

SCAVAZZA, Carolina. *GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES: O FÓRUM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*. MA dissertation – Applied Linguistics Postgraduate Program. Universidade de Taubaté, Taubaté, 2010.

This thesis, written based on Bakhtin's theoretical assumptions, aims a characterization of one typical resource currently used on the new virtual educational environment, the educational forum. Specifically, this research aims to determine how to create the structure, the typical style and the thematic of the educational forum as well as the routine to build them. Besides that, this research has the purpose of identifying the rules related to the educational forum operation in the environment of virtual education. Not talking about something new, the educational forum is a sub genre transmuted from another also secondary genre - the discussion or debate in classroom. The corpus of the research consisted of five forums developed in the Claretiano University Centre distance courses, which acts as a tutor the author of this thesis. It was verified that the educational forums - essentially written - are asynchronous tools, structured in several kinds of shifts or interventions, whose purpose is the collaborative construction of knowledge by the participants. It was also verified that the related themes in this genre, restricted to academic purpose, deal with topics from several disciplines of the courses of distance learning. As a characteristic style, the genre is marked by traces of both oral and written formal poses and interacting partners that play asymmetric roles. The identification of the characteristics of educational forum can lead to a reflection about how this tool is being used, what actions can generate strategies for optimization of this practice.

Keywords: Gender discourse. Distance Education. Educational forum.

Quadros

Quadro 1: Gêneros textuais emergentes na mídia virtual.....	47
Quadro 2: Gêneros textuais emergentes na mídia virtual atualizado.....	49
Quadro 3: Parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual.....	50
Quadro 4: Panorama das principais características das gerações do EaD.....	60
Quadro 5: Máximas sobre a aprendizagem tradicional e colaborativa.....	70
Quadro 6: Inserções no fórum por participante.....	102
Quadro 7: Tipos de inserções no fórum por participante.....	108

Gráficos

Gráfico 1: Contínuo de gêneros na comunicação tradicional impressa e falada.....	51
Gráfico 2: Contínuo de gêneros na comunicação digital mediada por computador.....	52

Figuras

Figura 1: Organização Institucional para EaD I.....	63
Figura 2: Organização Institucional para EaD II	64
Figura 3: Orientações.....	78
Figura 4: Lista com os links fechados.....	79
Figura 5: Lista com os links abertos.....	79
Figura 6: Fórum com os links fechados.....	81
Figura 7: Modelo de EAD do Claretiano.....	82
Figura 8: Relação entre texto e enunciado, língua e discurso.....	85

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - Gêneros de discurso	14
1.1 Bakhtin e sua obra	14
1.2 Alguns conceitos-chave	16
1.2.1 Discurso	17
1.2.2 Língua, fala e enunciado	20
1.2.3 Interação verbal	30
1.2.4 Dialogismo e polifonia.....	33
1.3 Gêneros de discurso	33
1.4 Gêneros discursivos emergentes	45
Capítulo 2 - A educação a distância (EaD)	54
2.1 Educação a distância	55
2.1.1 Breve histórico da EaD: das origens aos dias de hoje	56
2.1.2 Três gerações de modelos da EaD	58
2.1.3 As leis que regem a EaD no Brasil	61
2.2 Pressupostos básicos da EaD	64
2.2.1 A tecnologia como ferramenta	65
2.2.2 Interatividade e Interação	66
2.2.3 A atitude colaborativa	68
2.2.4 A autonomia do estudante a distância	70
2.2.5 O papel do professor na EaD	72
2.2.6 Ferramentas síncronas e assíncronas	74
2.3 Modelos de EaD	75
2.3.1 O Centro Universitário Claretiano	75

2.3.2 Sistema disponível no curso em EaD	77
Capítulo 3 – Em busca da caracterização do fórum educacional.....	54
3.1 Situando o gênero fórum educacional	83
3.2 Perseguindo um objetivo: a caracterização do fórum educacional	83
3.2.1 Percurso metodológico	85
3.2.2 Identificação da esfera sócio-comunicativa onde circula o fórum educacional	87
3.2.3 Situação de interação: os parceiros da comunicação e seus papéis na interação	91
3.2.4 Componentes constitutivos: temas, marcas linguísticas ou estilo e estrutura composicional	92
3.3 Fórum 5: uma amostra de análise	101
3.3.1 O início: proposta de tema e intervenções	102
3.3.2 Análise do funcionamento do fórum 5	103
Conclusão	111
Referências	114
Anexos	

Introdução

Este trabalho aborda o fórum educacional¹ em ambiente de Educação a Distância (EaD), um dos gêneros discursivos que configuram esse novo espaço da educação virtual. O interesse em pesquisar esse tema nasceu da constatação de que ainda não há material suficiente que oriente o professor-tutor (o que propõe e conduz a discussão no fórum) a explorar com eficiência essa ferramenta usada para a construção colaborativa do conhecimento. Nesse sentido, estudar o gênero fórum educacional pode contribuir para a compreensão dessa ferramenta, de modo a propiciar a geração de estratégias de otimização do uso desse gênero.

Para tentar suprir essa lacuna, determinou-se como objetivo mais geral desta pesquisa buscar uma caracterização desse gênero, aqui conduzida a partir da perspectiva bakhtiniana. Especificamente, este trabalho objetiva determinar o modo de estruturação, as marcas de estilo e a natureza temática do fórum educacional, assim como suas condições de produção, além identificar os mecanismos que regem seu funcionamento no ambiente da educação virtual.

A noção de gênero tem uma indiscutível relevância nos estudos linguísticos,² tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista aplicado. Do ponto de vista teórico, o exame dos gêneros constitui uma área do amplo campo dos estudos do texto e do discurso, cuja natureza e possibilidade de descrição e explicação são objeto de debate nas mais diversas vertentes dos estudos linguísticos; do ponto de vista aplicado, o estudo dos gêneros é fundamental para otimizar os processos de aquisição e ensino da

¹ Neste trabalho, optamos pela grafia do termo '*fórum*' / '*fórum educacional*' (com letras minúsculas), quando se tratar da noção de gênero, seguindo a forma já consagrada com que os gêneros são grafados nos estudos sobre o assunto, embora no âmbito da EaD, a expressão tenda a ser grafada com letras maiúsculas. Alertamos ainda que, quando nos referirmos aos diversos fóruns que compõem o corpus desta pesquisa, usaremos a letra maiúscula, por se tratar do nome de documentos específicos.

² Aqui cabe um alerta ao nosso leitor, quanto à grafia neste trabalho: quando se tratar de citação, manteremos a grafia do texto original; do contrário, adotaremos as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

língua materna ou estrangeira, e para contribuir para a eficiência das trocas verbais nos mais diversos âmbitos do uso linguístico, entre eles o virtual, mediado pelo computador.

Esse suporte é uma realidade cada vez mais presente na vida das pessoas, levando a alterações significativas nas relações sociais e na aquisição de novos conhecimentos. Isso é particularmente mais verdadeiro, se se considera a nova modalidade educacional propiciada pela Educação a Distância, modalidade que vem-se disseminando nas mais diversas Instituições de Ensino e sendo estimulada por políticas oficiais de educação.

Para empreender este percurso investigativo, tomou-se como fundamento teórico a teoria bakhtiniana, especificamente no tocante aos gêneros de discurso e de algumas noções-chave, como discurso, língua, fala, enunciação/enunciado, além de interação verbal, encontradas em duas das principais obras de Bakhtin: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006) e *Estética da Criação Verbal* (2003).³ Como ponto de apoio e diálogos possíveis com o autor russo, utilizamos ainda os trabalhos de Brait (2008), Marcuschi (2002a, 2002b e 2006), e Maingueneau (2001), entre outros que também traremos para esse diálogo. Como nosso objeto de estudo se encontra entre os novos gêneros, surgidos com o advento da Internet, adotamos a perspectiva de Marcuschi (2002a, 2002b e 2006) quanto à caracterização dos gêneros emergentes.

O corpus desta pesquisa é constituído de cinco fóruns educacionais, desenvolvidos no Centro Universitário Claretiano, dos quais quatro foram colhidos no primeiro semestre de 2009 dos cursos de Administração (Fórum 1 e 4) e de Licenciatura em Geografia e Pedagogia (Fóruns 2 e 3, respectivamente). O Fórum 5 foi desenvolvido no segundo semestre do mesmo ano, na disciplina *Políticas da Educação Básica*, e dele participaram alunos do segundo ano de Licenciatura em História.

Nesta pesquisa optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, pois essa orientação se coaduna com o objetivo desta investigação, qual seja, a descrição e explicação do uso de um gênero discursivo, situado em contextos sociais e culturais

³ As obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da criação verbal* foram publicadas pela primeira vez em 1929 e 1953, respectivamente.

efetivamente existentes. Uma abordagem dessa natureza enfoca tipicamente o estudo de um corpus relativamente pequeno, porque o que importa, neste trabalho, é revelar os significados sociais que os gêneros – particularmente o fórum educacional – assumem na prática social.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além de uma Introdução e uma Conclusão.

No capítulo 1, explicita-se a base teórica que norteia esta dissertação. O capítulo está dividido em duas partes: na primeira, apresentam-se os fundamentos teóricos e alguns conceitos-chave enraizados na obra bakhtiniana e seu Círculo⁴ e na de outros autores cujas vertentes teóricas podem ser aproximadas à do autor russo; além disso, trazemos uma tipologia de gêneros com base em variados critérios, como apresenta Maingueneau, num necessário diálogo com a ótica bakhtiniana; na segunda, descrevem-se os gêneros emergentes, com base na proposta de Marcuschi (2002a, 2002b, 2006).

No capítulo 2, enfoca-se a Educação a Distância, mostrando as leis que a legitimam e as preocupações do MEC nos *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância*. É apresentado um breve estudo sobre a Educação a Distância, dando ênfase ao desenvolvimento dessa modalidade no Brasil. Para isso, são apresentados alguns pressupostos teóricos para EaD, utilizando-se autores que corroboram a nossa análises, tais com Kenski (2003), Belloni (2003), Lévy (1999), além dos estudos feitos no Núcleo Minerva da Universidade de Évora. Para finalizar, mostramos que ainda não há um modelo de Educação a distância definido.

No terceiro e último capítulo, é definida uma metodologia e feita a análise do corpus, a partir da qual se busca uma descrição do gênero fórum educacional, especificamente suas características temáticas, estilísticas e composicionais, além da determinação de suas condições de produção.

⁴ Como aponta Rodrigues (2004, p. 417 – nota 1) – assim como muitos outros autores – é polêmica a questão da autoria de alguns textos publicados por Voloshinov e Medvedev, mas atribuídos a Bakhtin por muitos pesquisadores. Essa questão não será levada em consideração neste trabalho, mesmo porque, segundo a autora, se a autoria jurídica é diferente, a intelectual pode ser considerada convergente. Por isso, a indicação da autoria será feita de acordo com as informações constantes das publicações consultadas.

Finalmente, são apresentadas as conclusões com base no percurso investigativo realizado.

Capítulo 1

Gêneros de discurso

A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

(Mikhail Bakhtin (2003, p.262))

Este capítulo apresenta uma teorização sobre os gêneros de discurso, campo em que se situa nossa pesquisa, voltada para o exame de um gênero digital na sua versão educacional: o fórum. Em seu itinerário, o capítulo parte de uma breve apresentação da vida e obra de Bakhtin, principal nome nos estudos dos gêneros, passando por alguns conceitos-chave, para focalizar finalmente os gêneros de discurso em geral e os emergentes em particular.

1.1 Bakhtin e sua obra

A perspectiva teórica aqui adotada fundamenta-se nos estudos da teoria enunciativa de Mikhail Bakhtin (2003, 2006), especificamente nos estudos relativos aos gêneros de discurso, cujo conceito só se coaduna com um conceito de língua considerada não como um sistema estável, mas como um lugar de interação; para o autor, não interessam as propriedades formais dos gêneros, e sim o modo como eles se constituem, da mesma maneira que não interessam as formas linguísticas ao nível do sistema, mas a língua na sua relação com as necessidades enunciativas. O que se privilegia é a natureza funcional e interativa da língua e não seu aspecto formal e estrutural.

Em Fiorin (2006), encontramos uma introdução detalhada da vida e obra do pensador russo, da qual citaremos as partes principais, pois julgamos relevante estabelecer um paralelo entre vida e teoria do autor, já que pensamos que a conjuntura social influencia e muito a vida do indivíduo.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin nasceu no dia 16 de novembro de 1895 em Orel, ao sul de Moscou e faleceu em 1975 em Moscou, depois de longa enfermidade. Bakhtin teve, em sua infância e adolescência, grande contato com várias línguas, por conta das cidades em que ele sua família moraram. Esse plurilinguismo iria marcar muito as suas obras.

De 1918 a 1920, Bakhtin ministrou aulas em Nevel, onde constituiu um círculo de amigos, que mais tarde ficaria conhecido como Círculo de Bakhtin. De 1920 a 1924, o autor russo vai morar em Vitebsk, um animado centro cultural, e continua a ensinar. Nessa época, participam do Círculo, entre outros, Valentin Nikolaévitch Voloshinov e Pável Nikolaévitch Medvedev.

No período de 1924 a 1929, Bakhtin publica quatro trabalhos importantes: *O método formal nos estudos literários*, *Discurso na vida e discurso na arte*, *Freudismo: uma crítica marxista* e *Marxismo e filosofia da linguagem*. Esse último livro constitui um dos livros-bases para esta pesquisa.

Em 1929, Bakhtin é preso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados em um campo de concentração em Solóvki, mas, por conta de sua frágil saúde, é exilado na cidade Kustanai, na fronteira do Cazaquistão com a Sibéria. É nessa época que ele trabalha em ensaios sobre sua teoria do romance.

No ano de 1936, vai para Saransk e, no ano seguinte, para Savelovo, onde, até o fim da Segunda Grande Guerra, ensina russo e alemão. Em 1940, apresenta, no Instituto Gorki, sua tese de doutoramento, intitulada *Rabelais e a cultura popular*. Por conta da guerra, Bakhtin não consegue defender sua tese, o que só é feito em 1946; porém, o título de doutor lhe será negado. Em 1965, esse mesmo trabalho lhe dará renome mundial.

Bakhtin ficou conhecido no Ocidente a partir de 1967, quando a búlgara Julia Kristeva, psicanalista, escritora e crítica literária, que estudava na França, publicou uma apresentação de suas obras sobre Dostoievski e Rabelais, na revista *Critique*: “Bakhtin, o discurso, o diálogo, o romance”.

Bakhtin é considerado uma das figuras mais fascinantes da cultura europeia do século XX, apesar de ter tido, como podemos verificar em sua trajetória, uma vida simples e uma carreira apagada. A vida de Bakhtin foi marcada pelo ostracismo, pelo exílio, pela exclusão dos círculos acadêmicos mais privilegiados, conforme nos informa Fiorin (2006, p. 11). No entanto, os estudos de Bakhtin são de grande valia e impressionam por sua originalidade e riqueza de conteúdo. As reflexões literárias, o estudo da cultura popular, a carnavalização e os gêneros discursivos tornam a obra de Bakhtin e de seu Círculo, ainda hoje, uma grande referência em diferentes áreas do conhecimento, como a educação, a história, a antropologia, a psicologia, entre outras.

Por vezes, a sua obra pode parecer complexa e de difícil entendimento; isso, talvez, se deva ao fato de Bakhtin não a considerar produto acabado, estável e monológico, como afirma Fiorin (2006, p. 12) a obra de Bakhtin é marcada por um inacabamento, um vir a ser.

1.2 Alguns conceitos-chave

Para abordar os gêneros de discurso, é imperativo considerar antes alguns conceitos da obra bakhtiniana assim como seu diálogo com outros autores, pois, como em qualquer teoria, um certo modo de ver um fenômeno tem em sua base postulados dos quais se parte. Daí a necessidade de refletir sobre alguns primitivos teóricos, que, no nosso caso, se restringem às noções de discurso, língua, fala e enunciação, e sobre o que torna possível a enunciação: a interação, e por fim o conceito de dialogismo e polifonia, princípios unificadores da obra de Bakhtin.

No entanto, juntamente com Brait (2006, p. 9-10), deve-se reconhecer que Bakhtin, Voloshinov e Medvedev jamais postularam um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada. Apesar disso, a autora sustenta que o conjunto de obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso.

Brait (2006, p. 10) não estabelece uma definição fechada dessa teoria/análise do discurso, porque para ela esse fechamento seria uma contradição em relação aos termos que a postulam. No entanto, afirma que

é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos, que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias determinantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (BRAIT, 2006, p. 10)

É com base nessa posição que se elegeram alguns conceitos-chave da obra bakhtiniana; no entanto, vale alertar que essa seleção e as explicações de tais conceitos alicerçam-se não só na obra do próprio autor russo como também nas diferentes leituras feitas por aqueles que o estudam e/ou o adotam como horizonte teórico ou ainda mantêm com ele possíveis diálogos.

1.2.1 Discurso

O termo ‘discurso’, tanto no uso comum, quanto no uso especializado, é tomado em diversas acepções. Para esta pesquisa, faz-se necessário conceituá-lo, porque se trata de um primitivo teórico ao qual estão articulados outros conceitos-chave.

Num trabalho que tem como foco os gêneros de discurso, não se pode restringir a uma conceituação geral daquilo que constitui seu cerne. Assim, seguindo a esteira de Bakhtin (2006) e Maingueneau (2001), buscamos aqui apontar os elementos que configuram o discurso como tal.

Bakhtin estabelece a noção de discurso na relação com a língua (enquanto sistema):

[...] temos em vista que o *discurso*, ou seja, a **língua em sua integridade concreta e viva** e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 181, grifo nosso)

Fenômeno complexo, multifacetado, concreto, o discurso só pode existir na forma de enunciados⁵ concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de

⁵ O conceito de enunciado será abordado no item 1.2.2.

uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas; em outras palavras, o discurso se realiza por meio dos gêneros de discurso.

Embora não apenas da perspectiva sócio-histórica e dialógica da linguagem e do sujeito, Maingueneau (2001) apresenta um conceito de discurso que encontra eco na concepção bakhtiniana.

O autor aponta que o termo ‘discurso’ proliferou nos estudos da linguagem, ganhando sentidos que estão longe da unanimidade. Segundo o autor, a utilização recorrente da noção de discurso é um sintoma da modificação da nossa maneira de conceber a linguagem a partir da Pragmática, que trouxe novas facetas da comunicação verbal.

Concebido a partir de uma perspectiva assumida pelo locutor, *o discurso é orientado* em função de uma finalidade, desenvolvendo-se no tempo de forma linear. Essa linearidade muitas vezes é interrompida, desviada, retomada, mas sempre monitorada pelo locutor, quer se trate de um discurso monológico, em que o locutor controla do início ao fim o enunciado, quer se trate de um discurso dialógico, em que a interação se dá face a face.

O discurso também é uma forma de ação sobre o outro (mesmo que a intenção comunicativa seja a de informar), já que toda enunciação é um ato que visa modificar uma situação. Quando nos referimos aos atos de fala, estamos retomando a noção da linguagem como ação tal como a concebe Austin (1990). Mas em um nível superior, esses atos de fala se integram em discursos de um gênero determinado, que visam produzir uma modificação nos interlocutores.

O discurso é interativo, seja monológico, seja dialógico, embora essa característica se manifeste de forma mais evidente na interação oral, cujo protótipo é a conversação. Nesse sentido, diz Maingueneau (2001), não se deve confundir a “*interatividade*” fundamental do discurso com a *interação oral*:

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma interatividade constitutiva (fala-se também de *dialogismo*), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e

com relação à qual constrói seu próprio discurso.
(MAINGUENEAU, 2001, p. 54)

O discurso é contextualizado; fora de um contexto o discurso simplesmente não existe. Isso significa que não se pode adotar a noção de contexto como algo que se acrescenta ao discurso para que se possa interpretá-lo. Um “mesmo” enunciado em dois contextos distintos corresponderá a dois discursos distintos. Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto, podendo modificá-lo no curso da enunciação. Por exemplo, antes ou depois de uma aula, um professor pode conversar de igual para igual com seus alunos; mas, durante a aula, novas relações são estabelecidas e o discurso é que define esse novo contexto de relações, e os parceiros assumem papéis bem definidos: professor / aluno.

O discurso é assumido por um sujeito, um EU que se coloca como fonte das coordenadas dêiticas – pessoais, temporais e espaciais – e, ao mesmo tempo, assume as atitudes diante do que diz e em relação ao seu interlocutor (fenômeno da modalização).

O discurso é regido por normas. Para produzir um enunciado, o locutor deve respeitar algumas ‘regras do jogo’, assim como seu interlocutor deve supor que o locutor assim se comporte para poder interpretar o discurso. Isso se faz não por um contrato explícito, mas por um acordo tácito, inseparável da atividade verbal. Assim, segundo Maingueneau (2001, p. 30), na interação verbal entra em ação um saber *mutuamente conhecido*: cada um postula que seu parceiro aceita as regras e espera que o outro as respeite.

E, finalmente, *o discurso é considerado no bojo de um interdiscurso*, pois ele só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos. É o caso da classificação de um discurso de acordo com o gênero: essa categorização implica relacionar esse discurso com um conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero. (MAINGUENEAU, 2001, p. 56)

Essa concepção de discurso mantém pontos de contato com a ótica bakhtiniana: a *interatividade / dialogismo* e a *contextualização* constitutiva, já que não existe interação verbal no vácuo; a *modalização* e seus indicadores, que podem ser vistos como manifestação da relação dialógica; as *normas do discurso*, que, grosso modo,

podem ser aproximadas dos gêneros, principalmente no que diz respeito ao efeito normativo que eles exercem sobre as interações verbais; e o *interdiscurso*, que pressupõe ser o discurso, assim como o enunciado no sentido de Bakhtin, um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva. Essas aproximações permitem afirmar que existe um diálogo possível entre os dois autores e suas vertentes teóricas.

1.2.2 Língua, fala e enunciado

Na construção da base epistemológica da teoria de Bakhtin, é necessário considerar os conceitos de língua, fala e, principalmente, enunciado. Embora os conceitos desses primitivos teóricos perpassem toda a obra do autor, é em *Marxismo e filosofia da linguagem* que encontramos uma reflexão que, ao longo de dois capítulos, culmina na conceituação desses termos.

Bakhtin (2006) organiza sua argumentação a partir de duas orientações do pensamento filosófico-linguístico: o *subjativismo idealista* e o *objetivismo abstrato*. Essas duas vertentes constituíram as linhas mestras do pensamento filosófico e linguístico até meados do século XX e, de certa forma, polarizaram os estudos da linguagem.

Para a primeira orientação, a do subjativismo idealista, os fundamentos da língua encontram-se nos atos de fala, de criação individual. Nesta orientação, que tem Humboldt como seu mais notório representante, *a língua é uma evolução ininterrupta, uma criação contínua*. A língua é análoga às outras manifestações ideológicas, em particular às do domínio da arte e da estética (Bakhtin, 2006, p. 74). Para a segunda orientação, a do objetivismo abstrato, o centro organizador de todos os fatos de língua situa-se no sistema linguístico (formas fonéticas, gramaticais e lexicais).

Com foco no indivíduo, o subjativismo idealista está calcado nos seguintes postulados (BAKHTIN, 2006, p. 74-75):

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.

2. As leis da criação linguísticas são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado (“*ergon*”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado.

Com foco na língua como sistema, o objetivismo abstrato se apoia nos seguintes postulados:

A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.

As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.

As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seus sentido não existe vínculo natural e compreensível para consciência, nem vínculo artístico.

Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. *Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si.* (BAKHTIN, 2006, p. 85).

Se na primeira orientação o centro é o indivíduo, que goza de liberdade de criação e constitui o ponto inicial da sistematização da língua, na segunda, o centro é o sistema a cujas coerções o indivíduo se acha submetido, como afirma Bakhtin (2006, p. 80-81): “A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal.”

Por se colocar numa perspectiva oposta à linha bakhtiniana e talvez por ter se tornado um poderoso paradigma que se fez presente nos estudos linguísticos da primeira metade do século XX, o objetivismo abstrato, manifestado no estruturalismo de feição saussuriana, é alvo de maior questionamento por parte de Bakhtin.

Bakhtin começa por questionar essa vertente e a sua correlata concepção de *língua* em oposição a *fala*, quando traz para a discussão a dimensão diacrônica:

Entretanto, o sistema lingüístico, único e sincronicamente imutável, transforma-se, evolui no processo de evolução histórica de uma determinada comunidade lingüística, posto que a identidade normativa do fonema, tal qual nós a estabelecemos, é diferente nas diferentes épocas da evolução de uma língua. Em poucas palavras, a língua tem sua história. Como podemos pensar esta história do ponto de vista da segunda orientação? (BAKHTIN, 2006, p. 81-82).

Nessa vertente, há um fosso separando a história do sistema linguístico e a abordagem não-histórica, sincrônica desse mesmo sistema, já que se considera que há uma intransitividade das relações e regras de um sistema de um determinado momento histórico para esse mesmo⁶ sistema em outro momento histórico. Em outras palavras, as relações que existem entre as formas linguísticas de um sistema considerado no eixo da sincronia nada têm em comum com qualquer dessas formas quando elas são consideradas em diferentes estágios da evolução histórica da língua.

A que atribuir, então, a mudança da língua no eixo do tempo? Qual é a lógica da história da língua? Responde Bakhtin: a lógica dos erros individuais ou dos desvios. Esses erros ou desvios se efetuam fora da consciência individual, sendo, portanto, involuntários. Essa é a condição de sua realização. Se numa determinada época só pode haver uma norma linguística, pela combinação sistemática entre os elementos interdependentes e complementares do sistema, fora dessa norma só há lugar para a

⁶ Seria realmente o mesmo sistema em dois momentos diferentes? Ou dois sistemas em dois momentos diferentes?

transgressão. Essa transgressão, que não é percebida e, portanto, corrigida, generaliza-se a partir do erro e se torna, então, a nova norma linguística. Essa ponderação sustenta a idéia de que entre a língua como sistema e sua evolução histórica não há um vínculo, pois as duas instâncias são regidas por leis completamente diferentes.

Nesse ponto, justamente, identifica-se a perspectiva diametralmente oposta da vertente do subjetivismo idealista. Com o foco no indivíduo, fonte de renovação constante da língua, a incompatibilidade entre as dimensões da sincronia e da diacronia se anula. Aqui cabe uma citação do autor, que resume esse confronto:

A diferença entre as duas orientações fica muito bem ilustrada pela (*sic*) seguinte: as formas normativas, responsáveis pelo imobilismo do sistema lingüístico (*ergon*), não eram, para a primeira orientação, senão resíduos deteriorados da evolução lingüística, da verdadeira substância da língua, tornada viva pelo ato de criação individual e único. Para a segunda orientação, é justamente este sistema de formas normativas que se torna a substância da língua. A refração e a variação de caráter individual e criador das formas lingüísticas não constituem mais que detritos da vida da língua (mais exatamente, do imobilismo fenomenal desta), harmônicos inúteis e intangíveis do tom fundamentalmente estável das formas lingüísticas (BAKHTIN, 2006, p. 84).

Aqui se instala a tensão entre os elementos de uma das dicotomias saussurianas: língua (sistema) e fala (ato individual de enunciação), a primeira de natureza social e essencial, e a segunda de natureza individual, acessória e relativamente accidental. E o objeto da linguística é a língua e não a fala, diz Saussure. No entanto, ele próprio reconhece o papel fundamental da fala na história da língua, pois, segundo o mestre genebrino, tudo o que é diacrônico na língua se dá através da fala, em que se encontra o germe de todas as mudanças: “Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: [...]” (SAUSSURE, 1972 [1916]).

Essa problemática leva Bakhtin a formular duas perguntas relativas à verdadeira realidade da língua, fazendo seguir cada uma delas as opções de resposta oferecidas, respectivamente, pelas perspectivas teóricas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato:

Mas o que é que se revela como verdadeiro núcleo da realidade lingüística? O ato individual da fala – a enunciação – ou sistema da

língua? E qual é, pois, o modo de existência da realidade lingüística? Evolução criadora ininterrupta ou imutabilidade de normas idênticas a si mesmas? (BAKHTIN, 2006, p. 84).

A partir daqui, o autor russo inicia a construção de uma outra perspectiva de língua, fala e, com esta, de enunciação.

Em relação às posições do objetivismo abstrato, Bakhtin pondera que, fora de uma perspectiva teórica, não existe nenhum indício de um sistema de normas imutáveis; ao contrário, abstraindo-se a consciência individual subjetiva, lançando-se sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta. Desse modo, “para o observador que enfoca a língua de cima, o lapso de tempo em cujos limites é possível construir um sistema sincrônico não passa de uma ficção.” (p. 93-94) E mais: “O sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência subjetiva do locutor de uma dada comunidade lingüística, num dado momento da história.” (p. 94). Com isso, constata-se que Bakhtin associa o sistema sincrônico à consciência individual, o que permite inferir que o que Saussure localiza fora do indivíduo, Bakhtin localiza no interior desse mesmo indivíduo.

Isso não significa, porém, que a relação entre consciência individual e sistema objetivo de normas seja desprovida de objetividade; se se erra ao postular que um sistema de normas imutáveis e incontestáveis possui uma existência objetiva, acerta-se quando ao se postular que a língua constitui, *relativamente à consciência individual*, um sistema de normas imutáveis, pois, para o indivíduo, a língua, no momento em que é usada, constitui um sistema de normas fixas. Em outras palavras, realizamos nossas enunciações de acordo com um sistema de regras que, no momento do uso, parece ser único, estático e imutável, estando ausente daí a consciência histórica de que a língua se inscreve num processo contínuo de transformação.

Todavia, Bakhtin acrescenta que essa consciência subjetiva não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas, o que parece ir de encontro ao que foi anteriormente asserido. Mas não se trata disso. O que o autor pondera é que o sistema, tal como o entendem os partidários do objetivismo abstrato, é, ele mesmo, uma abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados. “O sistema lingüístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da

comunicação.” (p. 95) Poder-se-ia afirmar que o sistema linguístico tal como o concebem os teóricos não passa de um simulacro, que não serve à real interação verbal. Isso se deve ao fato de que

o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas [...] num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. (p. 96)

Assim, ao contrário da concepção saussuriana, que vê a língua como abstrata, Bakhtin concebe a língua como algo concreto, manifestada por meio dos atos de fala, da comunicação efetiva entre os indivíduos falantes. O locutor utiliza-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas; para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto, ou seja, para o locutor, não importam os aspectos formais da língua e sim aquilo que configura, em um dado contexto, numa situação concreta.

Conforme nos mostra Marcuschi (2007, p. 22), nesse contexto teórico

a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade, sem contudo cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. Fugimos também de um realismo externalista, mas não nos situamos numa visão subjetivista. Assim, toda postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua.

Essas postulações têm implicação direta na maneira de se considerar o “signo”. Oposto a um mero sinal (entidade de conteúdo imutável, que não pode substituir, refletir nem refratar nada), o signo, entidade flexível e variável, só tem existência em contextos concretos precisos e numa enunciação particular, o que atesta sua pertença ao domínio da ideologia. Nós nos comunicamos por signos, não por sinais. E a compreensão de um enunciado não se limita a um processo de identificação, mas de decodificação⁷: identificamos sinais, mas decodificamos signos:

⁷ Esse termo, quando inserido num quadro estruturalista, normalmente é associado à noção de passividade (o receptor decodifica exatamente o que o emissor disse com base apenas no código), o que absolutamente não é o caso do domínio teórico bakhtiniano. Nesse domínio, não existe unilateralidade,

Enquanto uma forma lingüística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor lingüístico. A pura “sinalidade” não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de “sinalidade” e de identificação que lhe é correlata seja real.

Esclarecendo esse postulado, Bakhtin mostra que, na língua materna, usada pelos membros de uma dada comunidade lingüística, o sinal e o processo de identificação estão apagados; já no aprendizado de uma língua estrangeira, a “sinalidade” e o processo de identificação estão presentes, porque há situações em que os sinais ainda não se tornaram signos. E, de forma brilhante, termina com uma asserção lapidar: “a língua ainda não se tornou língua”. (p. 97) Aqui o termo “língua” se reveste de sentido diferente nas duas ocorrências⁸: na primeira, língua como um sistema de sinais para a consciência do locutor; na segunda, língua como um sistema de signos, portanto, contextualizada, significativa, enfim, viva.

Nas palavras de Bakhtin (2006, p.98),

na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com o sistema abstrato de forma normativa, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos conceitos possíveis de uso de cada uma forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática lingüística.

Nesse sentido, como o aponta Sobral (2006, p. 272), tratando da relação entre texto e discurso/gênero do ponto de vista da distinção entre “significação” (nível da sinalidade) e “sentido” (nível da compreensão ideológica), “sem discursividade/genericidade, nenhum texto tem sentido (*smysl*), reduzindo-se à significação (*znachenie*) advinda de um dado estágio histórico-social de estabilização da língua”. Do mesmo modo, a compreensão do sentido não se limita à identificação dos signos nos termos da norma estável da língua (a sinalidade ou significação), mas a leva em conta para entender a valoração dos signos pelo locutor por ocasião de seu uso, que

mas interação; o receptor, sempre ativo, tem sempre uma atitude responsiva frente à comunicação de um locutor.

⁸ Do contrário, haveria aí uma contradição, pois, pela lógica, a uma entidade nomeada por um sintagma que pressupõe sua existência, não pode ser atribuída uma predicação que negue a propriedade que a constitui como tal.

é para Bakhtin “a prática viva da língua”, algo contextualizado, dirigido a um interlocutor, real ou suposto, mas sempre parte do “auditório” típico.⁹

É nesse quadro que se insere o conceito de enunciado. Na perspectiva bakhtiniana, “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p.289), ou seja, o enunciado – necessariamente contextualizado – é concebido como unidade de comunicação.

O enunciado é a unidade do discurso, que só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, de sujeitos discursivos inseridos em esferas da atividade e comunicação humana. Dessa forma, o enunciado é único e irrepetível. Como elo da cadeia discursiva, mantém relações dialógicas com os outros enunciados: constitui uma resposta a outros enunciados ao mesmo tempo em que propicia os que lhe seguem.

Segundo Rodrigues (2004, p. 424) o enunciado é constituído de uma dimensão verbal ou de outra natureza semiótica, organizada em um conjunto coerente de signos (organização textual), mas também de uma dimensão social, interacional (que inclui, além dos participantes, as coordenadas temporais, espaciais e históricas) e sua orientação valorativa. Assim conclui a autora:

Desse modo, considerando-se a dimensão social como parte constitutiva do enunciado, este tem autor e destinatário, tem uma finalidade discursiva, está ligado a uma situação de interação, dentro de uma dada esfera social, entre outros aspectos. (RODRIGUES, 2004, p. 424)

Além de sua natureza de elo na cadeia de comunicação, o enunciado, na ótica bakhtiniana é marcado por mais duas características: a) a alternância dos sujeitos falantes; b) o acabamento do enunciador. Com efeito, para Bakhtin, o enunciado tem suas fronteiras traçadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, a alternância dos locutores. Assim, tanto um “- Ah!” (como resposta a um enunciado proferido por outro locutor) quanto um romance constituem enunciados. Eles comportam um começo e um fim absolutos, marcados, respectivamente, por enunciados anteriores e enunciados-

⁹ Agradecemos ao Professor Doutor Adail Sobral, do Programa de Linguística Aplicada do LAEL – PUC/SP, a expressiva ajuda no entendimento do conceito de sinalidade, orientada via e-mail, e pela disposição em contribuir para um esclarecimento maior nos estudos bakhtinianos.

resposta de outros locutores (mesmo que se limitem a uma atitude responsiva muda). Daí decorre a outra peculiaridade do enunciado: o acabamento. A alternância dos sujeitos só ocorre porque o locutor disse ou escreveu *tudo* o que queria dizer; é como se houvesse um conclusivo "*dixi*" ("*acabei de falar*"), que abre a possibilidade de resposta. Aí reside o caráter de totalidade de um enunciado. Essas duas características são claramente definidas pelo autor:

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o "*dixi*" percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2003, p. 275).

Em outro momento de sua obra, o enunciado é posto em relação de equivalência com "discurso", o que atesta a flutuação terminológica muitas vezes encontrada nos estudos do autor russo, como se vê abaixo:

Nosso discurso, isto é, nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 295, grifo nosso)¹⁰

Marcuschi (2006, p. 25) também adota essa equivalência:

bakhtinianamente falando, toda a manifestação lingüística se dá como discurso, isto é, uma totalidade viva e concreta da língua e não como uma abstração formal que se tornou o objeto preferido e legítimo da lingüística. **O enunciado ou discurso** não é um ato isolado e solitário, tanto na oralidade como na escrita. O discurso diz respeito aos usos coletivos da língua que são sempre institucionalizados, isto é, legitimados por alguma instância da atividade humana socialmente organizada (MARCUSCHI, 2006, p.25, grifo nosso).

Bakhtin e seu Círculo articulam a noção de enunciado aos outros tantos elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo, entre eles os gêneros de discurso (cf. item 1.3), como apontam Brait e Melo (2008, p. 63).

¹⁰ M. Bakhtin, *Estética da criação verbal*, trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p.314. Nesse texto consta a seguinte tradução: "Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos". Já a citação utilizada no trabalho é retirada da tradução de Paulo Bezerra, feita a partir do russo, que estamos utilizando como referência.

A enunciação, noção vinculada à de enunciado, também deve ser entendida na ótica bakhtiniana. Nesse ponto, é preciso alertar que esses dois termos – enunciação/enunciado - são altamente polissêmicos em ciências da linguagem e só ganham contorno conceitual definido no interior das teorias linguísticas que os mobilizam. Como foge ao âmbito desta pesquisa, não abordaremos tais variações. Aqui, focalizam-se tais conceitos da ótica bakhtiniana.

O conceito de enunciação não é ampla e continuamente construído na obra bakhtiniana, como é o de enunciado. No entanto, constata-se que, em determinado momento de sua obra, o autor conceitua a enunciação como produto de um ato de fala. Nas palavras do autor (2006, p. 113),

o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.* (BAKHTIN, 2006, p. 113, grifo do autor)

Para Bakhtin (2006, p. 116), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, e, mesmo não havendo um interlocutor real, este poderá ser substituído pelo representante médio (típico) do grupo social ao qual pertence o locutor. As noções enunciado/enunciação têm grande importância no pensamento de Bakhtin, justamente por ele conceber a linguagem de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos. Conforme a (re) leitura de Brait e Melo (2008, p.65), a concepção de enunciado/enunciação bakhtiniana não se encontra pronta e acabada em uma determinada obra, em um determinado texto; o sentido e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras do autor russo. Os enunciados e a enunciação configuram o processo interativo realizado pelo verbal e o não verbal.

Aqui cabe uma consideração que terá implicação na análise do corpus dessa pesquisa. Retomando o mencionado acima, o termo *enunciado* é polissêmico, só tendo seu sentido no interior das oposições em que está inserido. Desse modo, quando em oposição à enunciação, ele pode ser definido como produto do ato de enunciar (noção de natureza pragmática) ou como uma sequência verbal de extensão variável (noção adotada no âmbito de vertentes da Linguística Textual). É esse segundo sentido que o

termo é, às vezes, empregado no domínio da análise da conversação, corrente da etnometodologia, que focaliza trocas verbais autênticas. Neste domínio, o termo está ligado à noção de ‘*turno conversacional*’¹¹; assim, poder-se-ia considerar cada turno um enunciado. No entanto, esse conceito, se adotado, criaria uma incoerência teórica relativamente à noção de enunciado no sentido de Bakhtin. Desse modo, será adotado o termo ‘*turno conversacional*’ ou simplesmente ‘*turno*’ para a alternância dos interlocutores durante a réplica do diálogo, e ‘enunciado’ para referir *gênero de discurso*. Relativamente ao fórum – objeto desta pesquisa – considera-se que essa ferramenta de comunicação virtual é um gênero, portanto, uma forma de enunciado estruturado em turnos, que correspondem a cada uma das intervenções dos participantes.

1.2.3 Interação verbal

Todas as vezes que nos comunicamos, fazemos isso por meio da palavra inserida num determinado meio social concreto que nos engloba. Para que a interação aconteça, é necessário que os seus interlocutores sejam socialmente definidos e estabelecidos e que ele não ultrapasse as fronteiras de classe e de época; por isso também, que não pode haver interlocutor abstrato, pois não haveria linguagem comum. Assim, a situação de interação **não** é um elemento externo (contextual); ela se integra ao enunciado, constituindo-se como uma de suas dimensões inalienáveis e sendo indispensável para a compreensão do sentido do enunciado.

A palavra, para Bakhtin (2006), comporta duas faces, pois ora ela procede de alguém ora ela se dirige para alguém, ou seja, a palavra é o produto da interação do locutor e do ouvinte. No entanto, a palavra não pertence ao locutor totalmente; o locutor é, em um dado momento, o único dono da palavra, e esse é o ato fisiológico de materialização da palavra, mas conforme nos mostra o escritor russo, a categoria de propriedade não se aplica a esse ato visto ser ele genuinamente fisiológico.

¹¹ O turno conversacional, de certa forma, possui as três particularidades de enunciado: é marcado pela alternância dos sujeitos e, eventualmente, pelo acabamento e constitui um elo na cadeia discursiva. No entanto, essas características não lhe garantem o status de *enunciado* tal como entende Bakhtin, pois, além de estar inserido em outro domínio teórico, falta-lhe a dimensão sócio-histórico-ideológica, inalienável do conceito bakhtiniano. Trata-se, portanto, de uma noção adotada num possível recorte teórico, que considera apenas a dimensão linguística na interação face a face (turno). Para um aprofundamento na questão, consulte Rojo (2002).

Bakhtin (2006) nos mostra que, apesar de se lançar mão de três esferas da realidade (física, fisiológica e psicológica) resultando em um conjunto complexo de numerosos elementos, ainda assim, este complexo é privado de alma, necessitando inseri-lo num complexo mais amplo que o engloba, ou seja, na esfera única da relação social organizada. Sendo assim, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam a uma mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada, e que os dois indivíduos envolvidos estejam integrados na unicidade da situação social imediata.

A unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser veiculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem. Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala (BAKHTIN, 2006, p. 73).

Segundo Stella (2008, p. 181),

as palavras, escolhidas para constituírem o projeto discursivo, possuem, em seu bojo, traços que permitem sua utilização, de acordo com determinados gênero, em uma determinada situação. A escolha das palavras possíveis em um contexto de utilização, por sua vez, só é possível, porque elas já foram experimentadas por outros locutores em situação semelhante (STELLA, 2008, p.181).

Segundo Bakhtin (2006, p.117), “quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem-definidas”. Isso quer dizer que, quanto mais mergulhado na cultura dentro da qual enuncia, quanto mais “penetrado” por essa cultura, mais o locutor constituirá como “seu” interlocutor o interlocutor médio, ou típico, que é aquele que mais se aproxima do interlocutor típico do segmento dessa sociedade em que o locutor tem seu lugar. Todo locutor e interlocutor é membro de uma dada sociedade, ou melhor, de um dado segmento ou setor dessa sociedade. Logo, o locutor se dirige sempre a um interlocutor presente ou, na falta deste, ao interlocutor típico presumido, e o faz com mais eficácia quanto mais “conhece” a sociedade na qual enuncia.

Esse leitor pode ser, grosso modo, identificado com o que Maingueneau (1996) chama de **público genérico**, um certo tipo de receptor, socialmente caracterizável, a respeito do qual o locutor poderá fazer várias suposições, entre elas, as relativas ao

universo de conhecimento que será determinante para os procedimentos de elaboração discursiva. Em outras palavras, antes de ser um *público empírico*, ou seja, o conjunto de indivíduos concretos que desempenharão o papel de interlocutor, o público genérico é uma espécie de imagem à qual o produtor do texto deve atribuir determinada competência linguística e enciclopédica, que variará de acordo com o gênero de discurso.

1.2.4 Dialogismo e polifonia

O princípio dialógico está inserido em toda a concepção teórica de linguagem de Bakhtin. Para ele, o dialogismo é o permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram a sociedade, a história e a cultura; não há uma produção cultural que não esteja inserida na linguagem e no dialogismo.

Para Bakhtin (2006), o dialogismo é desdobrado em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto e da intertextualidade no interior do discurso.

Quanto ao primeiro aspecto, conforme aponta Barros (2003, p.03), é no dialogismo decorrente da interação verbal que se estabelece a relação ente eu - tu (ou seja, entre o enunciador e o enunciatário), tomando-se aqui um cuidado para não confundir com a relação subjetivista de E. Benveniste. Para Bakhtin, só se pode compreender o dialogismo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito, que perde o papel principal, sendo substituído pelas diferentes vozes sociais que o tornam um sujeito histórico e ideológico.

Quanto ao segundo aspecto, o dialogismo diz respeito ao o diálogo entre os muitos textos da cultura. Barros (2003, p.04) afirma que a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade “interna” das vozes que falam e polemizam no texto, nele produzindo o diálogo com outros textos.

Barros (2003, p.5) alerta que muitas vezes algumas teorias colocam o conceito de dialogismo e polifonia como sinônimos; no entanto, ela nos mostra que o termo *polifônico* é usado para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam

entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem; em outras palavras, nos textos polifônicos, as vozes aparecem; nos monofônicos, elas se ocultam sobre a irreal aparência de uma única voz. Já o termo *dialogismo* é usado para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso e resulta das múltiplas vozes sociais, podendo apresentar efeitos de polifonia ou monofonia.

1.3 Gêneros de discurso

Os estudos sobre os gêneros de discurso tomaram vulto no final do século XX e se tornaram referências para pesquisas acadêmicas e ensino de línguas. No campo dos estudos linguísticos, os gêneros constituem um domínio de interesse de estudiosos ligados à Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Linguística Textual, entre outros. No caso particular do Brasil, os estudos sobre o assunto têm sido impulsionados especialmente pela proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o que tem motivado trabalhos dos mais variados tipos, desde a reflexão teórica até os usos pedagógicos dos gêneros no ensino fundamental e médio. Tal diversidade de interesses e linhas teóricas, certamente, justifica a existência das várias perspectivas de análise e os vários caminhos para a definição e abordagem dos gêneros de discurso.

Mas num aspecto todos os estudos parecem concordar: qualquer que seja a opção teórica, todas as abordagens encontram-se enraizadas, de alguma forma, nas reflexões de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros de discurso, que são alvo de diferentes (re)leituras. Como o gênero de discurso é concebido pelo autor russo? Para responder a essa pergunta, é necessário primeiramente considerar alguns aspectos.

A obra bakhtiniana é marcada pelo inacabamento¹² e pela ausência de uma teoria fechada; além disso, como aponta Rodrigues (2004, p. 417), sua terminologia é flutuante, ocorrendo, no entanto, dentro de um processo de ressignificação constante. Esse traço em Bakhtin pode ser visto particularmente quando se trata dos gêneros de

¹² Rodrigues (2004, p. 426) cita dois textos inacabados, publicados depois da morte do autor: *El problema del texto en la lingüística, la filología y otras ciencias humanas: ensayo de análisis filosófico e De los apuntes de 1970-1971*, que integram a publicação mexicana da obra do autor: **Estética de la creación verbal**. Tradução do russo por Tatiana Bubnova. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985.

discurso, cuja noção o autor alargou para todas as práticas de linguagem e inseriu no domínio sócio-histórico e, portanto, ideológico.

Com efeito, na primeira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, os gêneros de discurso são designados também como *formas dos atos de fala, diferentes modos de discurso, formas de interação verbal, gêneros linguísticos, formas de discurso, gêneros, formas de discurso social, formas de enunciação*.¹³ Essa flutuação pode ser vista na seguinte passagem:

... das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam tanto as **formas** como os **temas dos atos de fala**. [...] A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de diferentes **modos de discurso**, sejam eles interiores ou exteriores. [...] Estas **formas de interação verbal** acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social [...] Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos **gêneros linguísticos**. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de **formas de discurso** na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo **gênero**, isto é, a cada **forma de discurso social** corresponde um grupo de temas. Entre as **formas de comunicação** (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a **forma da enunciação** (‘respostas curtas’ na ‘linguagem de negócios’) e enfim o tema existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. *Eis porque a classificação das formas da enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal.* (BAKHTIN, 2006, p. 42-43, grifo do autor em itálico; grifo em negrito do autor desta pesquisa)¹⁴

Quanto à construção do conceito de gênero de discurso, Rojo (documento eletrônico) afirma que

a elaboração do conceito parece ter-se iniciado na obra de Bakhtin/Medvedev (1928), em que o Círculo se confronta com o formalismo. Nessa obra, o Círculo trata dos *gêneros literários ou poéticos*, mas já começa a estender o conceito a outros campos ou esferas de circulação dos discurso, renunciando a idéia de *gêneros discursivos*. Nela, o Círculo já afirma a centralidade do conceito de gênero e já distingue sua definição do conceito daquela dada pelos formalistas, caracterizando o gênero por uma dupla orientação dialógica para com o real e a vida [...]

¹³ Cf. Rojo (2002), que também tece considerações sobre essa variação terminológica.

¹⁴ Rojo (2002) e Rodrigues (2004) citam a mesma passagem quando abordam a questão da flutuação terminológica em Bakhtin.

Rodrigues (2004, p. 423), considerando os gêneros num quadro de abordagem mais geral, faz duas observações esclarecedoras:

Uma primeira observação é a de que a abordagem do autor concretiza-se pelo ângulo sócio-histórico, articulando as dimensões histórica e normativa dos gêneros e enfatizando a sua relativa estabilidade (a relação entre o dado e o novo). Uma segunda, decorrente da primeira e já mencionada anteriormente, é a de que o seu conceito de gênero não se limita àquelas *formas de discurso social* que alcançaram uma determinada valoração ideológica (aquelas que são objeto de estudo da Poética e da Retórica), justamente porque concebe o gênero como uma forma concreta e histórica, necessariamente presente em todas as manifestações discursivas, uma vez que o discurso materializa-se na forma de enunciados, que são sempre construídos em determinados gêneros. (RODRIGUES, 2004, p. 423)

Aí estão dimensões constitutivas dos gêneros: a que diz respeito a seu caráter constitutivamente sócio-histórico e, decorrente dela, a universalidade do gênero, pois não há comunicação que possa ser realizada a não ser pela mediação dessas mais variadas formas de discurso.

Com efeito, para Bakhtin (2003), toda e qualquer ação verbal só se realiza por meio de algum gênero de discurso, constitutivamente ligado a determinadas *esferas de atividades humanas*. Assume-se, assim, esse pressuposto bakhtiniano básico de que é impossível a comunicação verbal a não ser por meio de algum gênero. Assim, sempre que falamos, utilizamos gêneros do discurso, ou seja, formas-padrão de enunciados convencionados para agir em determinada situação discursiva. No dizer do autor, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados por cada esfera de utilização da língua. Esses enunciados são construídos sócio-historicamente e se relacionam diretamente a diferentes situações sociais.

Nesse sentido, o gênero é uma ferramenta. Essa tese de Schneuwly (1994) pode ser assim resumida: o gênero é um instrumento (semiótico), fruto de interação social, que permite a ação discursiva de um sujeito numa situação determinada. No entanto, isso não significa que o gênero se reduz a um mero papel de intermediário: mediador de práticas discursivas, elaborado e convencionado socialmente a partir dessas mesmas práticas. O gênero é, ao mesmo tempo, um guia e um controlador das atividades discursivas por meio das quais o homem age linguisticamente no mundo. Assim como

uma ferramenta já contém em sua constituição os elementos que permitem identificar os objetos a que se destina, definindo inclusive as ações possíveis de um sujeito sobre esse objeto, o gênero reflete as condições e as finalidades das práticas discursivas nas diversas esferas das atividades humanas, das quais é tributário. Assim, considerando-se o gênero um instrumento da ação discursiva, pode-se afirmar que, como ferramenta, ele deve ser adaptado para funcionar numa determinada situação e, ao mesmo tempo, ele pode prefigurar as ações linguísticas adequadas a essa situação, pois, como afirma Schneuwly (1994), o conhecimento e a concepção da realidade estão parcialmente contidos nos meios de agir sobre ela.

Para Bakhtin (2003), os gêneros discursivos podem ser pensados tanto do ponto de vista *ontogenético* - quando são vistos como realizações das interações produzidas na esfera da comunicação verbal -, quanto do ponto de vista *filogenético* - quando é possível acompanhar a expansão para outras esferas da comunicação realizada graças à dinâmica de outros códigos culturais que se constituem em relação à palavra. As esferas de uso da linguagem, então, podem ser dialogicamente configuradas em função do sistema de signos que as realizam, como bem observa Machado (2008, p.165)

Quanto ao aspecto da construção coletiva dos gêneros, Marcuschi (2007) esclarece que

os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas (p.35).¹⁵

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis: **conteúdo temático** – domínio de sentido de que se ocupa o gênero -, **estilo** - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, em suma, as marcas linguísticas dos gêneros - e **construção composicional** – elementos estruturais compartilhados pelos textos pertencentes ao gênero. Deve-se ressaltar que essas dimensões estão mergulhadas num contexto sócio-histórico-ideológico de produção e circulação dos gêneros.

¹⁵ Luiz Antônio Marcuschi, dentre outros autores de mesma linha de pesquisa, utiliza o termo *gênero textual* para significar *gênero de discurso*. Optamos, neste trabalho, por uma questão de coerência teórica e terminológica, pela utilização *gênero de discurso*, tal como se encontra nas obras bakhtinianas.

Mas há que se considerar que essas dimensões genéricas se constituem historicamente a partir de novas situações de interação verbal ou não-verbal da vida social, que vão se estabilizando nas diversas esferas sociais. Dessa forma, ligados às situações sociais, os gêneros sofrem mudanças na medida em que as situações sociais se alteram. Uma vez constituídos, os gêneros exercem um efeito normativo sobre as interações verbais ou não-verbais. Nesse sentido, eles são formas de ação: na interação, funcionam como referência para a construção dos enunciados, da perspectiva do locutor, e como horizonte de expectativas, da perspectiva do interlocutor, balizando sua compreensão e interpretação do enunciado (atitude responsiva).

Esse conceito de gênero, aparentemente tão simples, envolve uma grande complexidade. No entanto, por força do grande impacto inovador da obra do autor russo e da adoção de suas teorias como suporte de práticas pedagógicas, o conceito terminou por se banalizar, o que favoreceu, de certo modo, um esvaziamento equivocado, como aponta Faraco (2003, apud MARCUSCHI, 2006). Além disso, como apontam alguns estudiosos, entre eles Rojo (2002), a obra de Bakhtin mais frequentemente tomada como referência para os estudos dos gêneros é *Estética da criação verbal*, de 1953, especificamente, o capítulo em que o autor focaliza os gêneros de discurso. No entanto, o conceito de gênero já aparece na obra do Círculo desde 1926 e, com certeza, já em 1929, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, textos que dizem mais sobre o que são e como funcionam os gêneros e de maneira mais aprofundada e complexa; além disso, segundo a autora, a obra de 1953 é uma formalização explícita e de divulgação - incompleta e nem tão acabada - das idéias disponíveis nas obras anteriores.

Aqui cabe uma pequena digressão no desenvolvimento da nossa apresentação, já que algumas críticas têm sido endereçadas ao modo como os estudos posteriores se apropriaram desse conceito de gênero.

Marcuschi (2006) critica uma tradição de estudos sobre a obra de Bakhtin que não considera um aspecto fundamental no conceito de gênero: a relatividade do caráter estável dos gêneros, representada no advérbio cognato “relativamente”:

[...] parece que para Bakhtin, era mais importante frisar o “relativamente” do que o “estável”. Contudo, para muitos, o aspecto

mais interessante foi a noção de *estabilidade* tida como essencial para a afirmação da forma, mas do ponto de vista enunciativo e do enquadre histórico-social da língua, a noção de *relatividade* parece sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos históricos e as fronteiras fluidas dos gêneros. (p. 23)

Marcuschi ainda faz eco a uma crítica feita por Faraco (2003, apud MARCUSCHI, 2006, p. 27) a respeito da transposição dos conceitos bakhtinianos para o domínio da pedagogia. Faraco lamenta o uso inflacionado e quase “epidêmico” dessa transposição, que não incorporou as funções sócio-verbais e ideológicas dos gêneros, limitando-se à investigação e aplicação dos gêneros quanto às suas propriedades formais.

Bakhtin (2003, p. 264) faz uma distinção entre os **gêneros primários e gêneros secundários**. Os **primários** são considerados simples, pois provêm da comunicação espontânea e cotidiana, sendo predominantemente orais, os **secundários** são considerados mais complexos, como os romances, dramas, pesquisas científicas e os grandes gêneros publicísticos. Os gêneros secundários surgem nas condições de um convívio cultural complexo e relativamente desenvolvido e organizado.

Faraco (2003, apud MARCUSCHI, 2006) lê essa distinção de uma perspectiva ideológica. Segundo o autor há uma “distinção entre duas esferas da criação ideológica: a ideologia do cotidiano e os sistemas constituídos”.

A primeira esfera, relativa ao gênero primário, compreende

a totalidade das atividades sócio-ideológicas centradas na vida cotidiana, desde os mais fortuitos eventos (um acidental pedido de informação na rua) até aqueles que se associam diretamente com os sistemas ideológicos constituídos (a leitura de um romance por exemplo).

Já a segunda esfera, relativa ao gênero secundário compreende “a totalidade das práticas sócio-ideológicas culturalmente mais elaboradas, como as artes, as ciências, o direito, a filosofia, a religião etc.”

Para Bakhtin (2003), os gêneros secundários podem valer-se dos primários, assim como os primários podem ser influenciados pelos secundários. Bakhtin cita como exemplo a conversa espontânea do cotidiano (gênero primário) que é absorvida e

transmutada quando integra um romance (gênero secundário). Em relação ao nosso domínio de investigação, que abrange a comunicação virtual mediada pelo computador, essa transmutação pode ser vista nos gêneros que emergem das tecnologias digitais. Alguns deles absorvem e transmutam a conversação em uma nova e complexa esfera, que é a *Web*. Essa questão será discutida no próximo item.

É importante salientar também que os gêneros ainda podem também hibridizar-se, ou seja, quando um gênero secundário se vale de outro gênero secundário imitando-o em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo.

A proposta bakhtiniana abriu caminho para diversos estudos, que se proliferaram, o que acabou gerando uma considerável diversidade de leituras.

Rajo (2002) distingue nas (re)leituras do autor russo duas vertentes: uma que se centra no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos - que dá origem às teorias dos gêneros de discurso/discursivos -, vertente enraizada nas concepções de Bakhtin, e outra que se volta para a descrição da composição e materialidade do texto - que dá origem às teorias dos gêneros de texto/textuais. Para a autora, a vertente discursiva vê o gênero como objeto discursivo ou enunciativo e não como forma ou tipo. Segundo ela, não se podem considerar os gêneros de discurso fora dos parâmetros da situação de produção dos enunciados. Diferentemente de posições estruturais ou textuais, os gêneros e os textos/enunciados a eles pertencentes não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção. Constituem elementos essenciais dessa situação de produção os parceiros da interlocução (locutor e seu interlocutor, ou horizonte/auditório social), e os papéis que assumem nas relações sociais, institucionais e interpessoais, determinantes de muitos aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do texto ou discurso. E assim os gêneros são convencionalizados, de acordo com esses lugares e relações, viabilizando regularidades nas práticas sociais de linguagem, e refletem o conjunto possível de temas e de relações nas formas e estilos de dizer e de enunciar. Aqui, então, seria mais apropriado usar o termo "gênero de discurso/discursivo".

A vertente textual, embora de certa forma enraizada em Bakhtin, tem uma finalidade descritiva (descrição de textos, gêneros, contextos) e vê o gênero como "famílias de textos", determinadas por similaridades que podem se dar no nível do próprio texto (similaridades de formas de composição, similaridades linguísticas ou de estilo) ou do contexto/situação de produção. Aqui, então, seria mais apropriado usar o termo "gênero de texto/textual", como afirma Rojo (2002).

Se, por um lado, é possível determinar teoricamente as duas vertentes, por outro, quando analisamos alguns estudos que vêm sendo desenvolvidos no domínio dos gêneros, é possível perceber uma certa indistinção entre as fronteiras. A começar pela terminologia usada. Não raro, dependendo do quadro teórico adotado, as expressões *gênero de discurso* e *gênero textual* são usadas como sinônimas, ocorrendo aí uma questão apenas de ordem terminológica; mas, em outros contextos teóricos, constituem expressões designativas de noções diferentes, o que aponta para uma diferença de ordem conceitual. Essa questão terminológica é, por vezes, apontada explicitamente, como por exemplo em Cunha (2002, p.169), que, em nota de rodapé, afirma: "Marcuschi utiliza o conceito de *gênero textual*. Por uma questão de coerência teórica e terminológica, usamos *gênero discursivo*, tal como se encontra em Bakhtin (1977)."

Já Marcuschi (2002b, p.22), que não usa a expressão "*gênero de discurso*", aponta:

Em outros termos, partimos da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*. Essa posição, defendida por Bakhtin [1977] e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais.

O termo "*gênero de texto*" também é adotado por Bronckart (1999, p.75-76), que, inclusive toma Bakhtin como uma de suas "referências maiores":

Chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão **gênero de texto** em vez de *gênero de discurso*. Enquanto, devido à sua relação de interdependência com as atividades humanas, os gêneros são múltiplos, e até mesmo em número infinito, os segmentos que entram em sua composição

(segmentos de relato, de argumentação, de diálogo, etc.) são em número finito, podendo, ao menos parcialmente, ser identificados por suas características lingüísticas específicas (...) Esses diferentes segmentos que entram na composição de um gênero são produto de um trabalho particular de semiotização ou de *colocação em forma discursiva* e é por essa razão que serão chamados de **discursos**, de agora em diante. Na medida em que apresentam fortes regularidades de estruturação lingüística, consideraremos que pertencem ao domínio dos tipos; portanto, utilizaremos a expressão **tipo de discurso** para designá-los, em vez da expressão *tipo textual*.¹⁶

Diante desse panorama, uma opção teórico-metodológica faz-se aqui necessária.

Na esteira de Bakhtin (2003, 2006), adotamos que o gênero é um universal concreto, decorrente das relações sociais e regulador das interações e discursos configurados em enunciados. Invocamos Rojo (2002, nota 22), que nos esclarece a respeito do sentido de “universal concreto”:

Assim como Marx qualifica, no campo da Economia, o valor (de uso, de troca), o capital, como universais concretos, isto é, entes concretos e universalmente operantes (numa dada sociedade) – embora não empiricamente verificáveis – que regulam as relações sociais (de produção, de classe, de poder) e viabilizam sua materialização (dinheiro, ações, preços de produtos, produtos, trabalho, salário, lucro). Correlativamente, numa leitura marxista, os gêneros seriam os universais concretos a partir dos quais se materializam os textos/enunciados. E isso não é materialismo mecanicista.

Embora Bakhtin tenha proposto uma tipologia ampla dos gêneros, dividindo-os em primários e secundários, o estudo dos gêneros de discurso, durante a história dos estudos lingüísticos, propiciou o surgimento de tipologias, que variam conforme a perspectiva adotada.¹⁷

Maingueneau (2001) aborda essa questão apresentando alguns critérios de classificação, que dão origem a diversas tipologias. O autor as reúne em três categorias: as comunicacionais, as situacionais e as lingüístico-discursivas.

¹⁶ Essa citação permite observar a confusão terminológica bastante disseminada: o que Bronckart denomina "*discurso*" e "*tipo de discurso*", muitos autores denominam "*texto*" e "*tipo de texto*".

¹⁷ Isso não significa que se atribua a Bakhtin o papel de ‘marco zero’ nos estudos dos gêneros, de maneira geral. O que se pode e deve atribuir a ele, a esse respeito, é uma teoria inovadora sobre os gêneros do discurso.

As *tipologias comunicacionais*, de maneira geral, se assentam na noção de funções da linguagem e funções sociais. As tipologias com base nas funções da linguagem adotam a já bastante conhecida teoria de Jakobson, que, a partir das três funções idealizadas por Bühler – referencial, emotiva e conativa –, estabeleceu mais três: fática, metalinguística e poética. Segundo Maingueneau, trata-se de um critério de delicada classificação, pois um mesmo gênero pode mobilizar muitas funções ao mesmo tempo; além disso, muitas vezes, há enunciados difíceis de associar com clareza a uma das funções.

As tipologias com base nas funções sociais tomam como perspectiva as necessidades sociais, como por exemplo, o contato e a religião. Assim, uma conversa familiar e um sermão, seriam reconhecidos, respectivamente, como gêneros de discurso cuja função nasce dos imperativos das relações sociais.

As *tipologias situacionais* são estabelecidas a partir de condições sócio-históricas. Maingueneau (2001, p. 61) exemplifica essa perspectiva citando um relatório de estágio que supõe a existência de empresas e de estudantes que buscam experiência profissional, de professores para aplicar e avaliar as tarefas escritas, e de todo um sistema de ensino inserido no mundo do trabalho. De forma geral, essas tipologias opõem-se às de base comunicacional por seu caráter historicamente variável; enquanto as tipologias fundamentadas nas diversas situações de comunicação levam em conta as atividades sociais historicamente situadas, o que lhes confere um caráter flexível, as tipologias com base nas funções comunicacionais desconsideram essa dimensão, situando-se em um terreno, pode-se dizer, intemporal.

Além dos diversos setores de atividades histórico-socialmente constituídos, as tipologias que se enraízam nas diversas situações de comunicação abrangem ainda outros elementos, como o *espaço institucional* e o *estatuto dos parceiros*, lugar onde os gêneros circulam e os papéis que os interlocutores assumem na interação.

As tipologias linguístico-discursivas baseiam-se em propriedades mais precisamente enunciativas. Na raiz dessa categorização, encontra-se a distinção estabelecida por Benveniste (1976) entre discurso e história (narrativa). Apresentando de forma abreviada: o discurso se organiza em torno do tripé, *ego, hic, nunc*, ou seja,

dos sujeitos da enunciação (EU-TU), num determinado lugar e momento (presente), enquanto a história implica um tipo de corte entre o enunciado e sua situação de enunciação, estando ausentes dela os sujeitos da enunciação (delocução) e as marcas relativas ao lugar e momento em que ocorre a comunicação.

As tipologias enunciativas não consideram a inscrição social dos enunciados, conforme aponta Maingueneau; no entanto, as tipologias comunicacionais ou situacionais, por sua vez, desconsideram os funcionamentos linguísticos dos textos. Segundo o autor, no tratamento dos gêneros de discurso,

o ideal seria poder apoiar-se também sobre as tipologias propriamente discursivas, ou seja, tipologias que não separassem, por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e, por outro, as caracterizações enunciativas (MAINGUENEAU, 2001, p. 63).

Desse modo, para ele, os gêneros deveriam ser categorizados levando-se em conta sua função social na sua relação indissociável com funcionamentos linguísticos, aspectos que se configuram mutuamente e não podem ser separados.

Haveria um diálogo possível entre a proposta bakhtiniana e as tipologias apresentadas por Maingueneau? Embora se corra o risco de simplificar uma relação complexa por natureza, pode-se encontrar eco da concepção de Bakhtin na tipologia comunicacional com base na função social e nas tipologias situacionais, porque aquela se fundamenta nas necessidades sociais, enquanto estas estão ancoradas na realidade histórico-social, dimensões encontradas, *mutatis mutandis*, no conceito de gênero da ótica bakhtiniana.

Maingueneau (2001) parte do conceito de gêneros constituem *rotinas*, comportamentos estereotipados e anônimos que se estabilizam pouco a pouco, mas que continuam sujeitos a uma variação contínua. Segundo o autor, para que funcionem eficientemente, os gêneros encontram-se submetidos a um conjunto de condições de êxito, que envolvem os elementos a seguir.

1. *Uma finalidade reconhecida.* Todo gênero busca uma modificação da situação da qual participa. Para definir a finalidade específica de um gênero, deve-se responder à seguinte questão: *pelo gênero se diz ou se faz o quê?*

2. *O estatuto de parceiros legítimos.* Os gêneros envolvem papéis específicos desempenhados por aqueles que participam da cena enunciativa. Quem fala ou escreve? Quem ouve ou lê? Que competências devem ter esses sujeitos?
3. *O lugar e o momento legítimos.* Os gêneros implicam um lugar e um momento, que lhe são constitutivos: aula / sala de aula, consulta / consultório ou residência, julgamento / tribunal etc.
4. *Um suporte material.* Um texto pode ser oral – conversação face a face, conversa por telefone, programa de rádio – ou escrito – manuscrito, impresso, gravado na memória do computador etc. Uma modificação no suporte material altera radicalmente um gênero de discurso, como mostra Maingueneau (2001):

o que chamamos “texto” não é, então, um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de *suporte/transporte* e de *estocagem*, logo, de *memorização* (MAINGUENEAU, 2001, p. 68, grifo do autor).

5. *Uma organização textual.* Todo gênero de discurso associa-se a uma organização textual. Para dominar um gênero é preciso ter consciência mais ou menos clara dos modos de estruturação de seus constituintes, tanto no nível da frase quanto no nível de partes maiores.

Essas condições envolvem uma dimensão sócio-histórica, pois se se adota que os gêneros são usados de acordo com finalidades específicas, que os gêneros envolvem parceiros que desempenham determinados papéis, que os gêneros se legitimam de acordo com o momento e o lugar apropriado, que os gêneros se materializam de acordo com as modalidades de uso da língua, deve-se pressupor que os gêneros só têm existência num contexto social, histórico, portanto, ideológico.

Maingueneau (2001, p.69-70) recorre a metáforas emprestadas de três domínios para chegar a um quadro geral de caracterização dos gêneros: *contrato* (domínio do jurídico), *papel* (domínio do teatro) e *jogo* (domínio do lúdico).

Os gêneros constituem *contratos* de comunicação, no sentido de que, além de cooperativos, eles são regidos por normas, aceitas explícita ou implicitamente pelos

parceiros; em outras palavras, os gêneros exigem que os atores da cena comunicativa aceitem as regras mutuamente conhecidas e as sanções previstas para quem as transgredir; esse contrato-gênero é firmado pelos interlocutores. Um exemplo típico seria a produção de uma notícia de jornal, que deve ser verídica, apresentar um tema adequado (um acontecimento político, por exemplo), conter todas as informações necessárias para o seu entendimento – como, por exemplo, um *lead*, que condensa as principais informações a respeito de *o quê?*, *quem?*, *onde?*, *quando?*, *por quê?*; da mesma forma, o leitor espera que o jornalista respeite essas normas que correspondem às suas expectativas em relação ao gênero.

Além de constituir um contrato, os gêneros, segundo Maingueneau (2001) concebe metaforicamente, são como em um imenso teatro, em que variados papéis são encenados em diversas situações comunicativas, determinadas ou não. Por exemplo, quando um juiz anuncia a sentença em um tribunal, ele intervém como aquele que julga e sentencia alguém a alguma pena, e não como pai de uma família, esposo, filho de imigrantes italianos. Essa situação é modificada em outra situação comunicativa, como no caso do diálogo médico, por exemplo; em uma diagnóstico de alguma doença, quando determinações bem diferentes das apontadas na primeira são invocadas: tratamento para tal doença, medicamentos, exames. O que se percebe nitidamente é que os papéis que desempenhamos moldam nossa personalidade; representamos a cada situação comunicativa um papel estabelecido e legítimo, ou seja, “aqueles que tomam parte em gêneros de discurso [...] não podem deixar seus trajes nos camarins” (MAINGUENEAU, 2001, p. 70).

A fusão entre contrato e teatro gera o jogo, com suas as regras implicadas, cujos integrantes as conhecem e sabem que sua transgressão colocará o infrator “fora do jogo”. A diferença entre as regras de um jogo e as regras do discurso é que, enquanto as regras do jogo são rígidas e invariáveis, as regras do discurso são maleáveis e possuem zonas de variação, podendo o gênero se transformar dependendo da situação comunicativa.

1.4 Gêneros discursos emergentes

Conforme se observou em Bakhtin, os gêneros ordenam e estabilizam as atividades comunicativas do cotidiano; no entanto, apesar de toda ação social e sócio-discursiva que os gêneros apresentam, não se pode considerar que eles sejam instrumentos estanques e rígidos e sim eventos discursivos altamente maleáveis e dinâmicos. Com toda sua plasticidade, os gêneros caracterizam-se por suas funções cognitivas e institucionais ligadas ao contexto sócio-histórico e cultural no qual se desenvolve.

Segundo Marcuschi (2006), os gêneros, em geral,

desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou a novas tecnologias como o telefone, o rádio, a televisão e a internet. Um gênero dá origem a outro e assim se consolidam novas formas e novas funções de acordo com as atividades que vão surgindo. Nem sempre temos algo essencialmente novo, mas derivado como, por exemplo, os *chats* surgindo como uma forma de *conversação* por meios eletrônicos, ou *blogs* surgindo dos *diários de bordo*. Este estado de coisas mostra a dinamicidade dos gêneros e sua facilidade de adaptação inclusive na materialidade lingüística (p. 27).

Araújo (2004, p. 1280), adotando o conceito bakhtiniano de transmutação, também assume que o chat, assim como outros que emergem da nova tecnologia digital, não constitui um gênero genuinamente novo, mas um gênero que ‘reformata’ um gênero conhecido, no caso a conversação face a face. No entanto, acrescentamos: se o chat pode ser considerado um gênero secundário formado a partir de um primário (a conversação), o fórum educacional é um gênero secundário, formado de outro secundário: a discussão ou debate em sala de aula (presencial).

Os gêneros surgem com a necessidade e atividade sócio-cultural atuante, o que é perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros discursivos existentes. E não por menos, que um conjunto de gêneros discursivos esteja emergindo no contexto da tecnologia digital. Percebe-se que a tecnologia fez com que surgissem gêneros inovadores, mas não absolutamente novos, é o que Marcuschi (2007) chama de “novos gêneros e velhas bases” (p.20).

Apresentamos, no quadro abaixo, um modelo de tabela desenvolvida por Marcuschi (2002a) para comparar os gêneros emergentes na mídia virtual e suas

contrapartes pré-existentes, sugerindo um paralelo formal e funcional; salientamos que todos os gêneros tratados abaixo dizem respeito à interação entre indivíduos reais, embora suas relações sejam, no geral, virtuais:

Quadro 1: Gêneros textuais emergentes na mídia virtual

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Bate-papo virtual em aberto</i>	Conversações (em grupos abertos?)
3.	<i>Bate-papo virtual reservado</i>	Conversações duais (casuais)
4	<i>Bate-papo ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Bate-papo virtual em salas privadas</i>	Conversações (fechadas?)
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>Aula virtual</i>	Aulas presenciais
8	<i>Bate-papo educacional</i>	(Aula participativa e interativa???)
9	<i>Vídeo-conferência</i>	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares/ séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal

Fonte: Texto da Conferência pronunciada na **50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

Com base nesse quadro apresentado de Marcuschi (2002a), percebe-se que certos gêneros emergentes são projeções de outros como suas contrapartes prévias, o que induz que, os “criadores” de softwares seguiram padrões já existentes. Isso pode ser visto, por exemplo, na formatação do e-mail, que encontra sua contraparte nas cartas (pessoais e comerciais): indicam o destinatário e emissor (geração automática), assunto e data (gerada automaticamente), entre outros.

No entanto, em seus artigos sobre os gêneros emergentes, Marcuschi ressalta que não se deve confundir um programa (*software*) com um gênero, pois, como ele afirma, mesmo com toda rigidez de um programa, não há rigidez nas estratégias de realização do gênero, por sua plasticidade e sua ação social. O que lhe preocupa é a investigação da real novidade das práticas e não como são as estruturas internas.

Dada a natureza versátil da tecnologia, ao se identificar e caracterizar gêneros virtuais, corre-se o risco de ver ultrapassada uma categorização dos gêneros emergentes, pois o avanço tecnológico pode acabar por invalidar com grande rapidez muitas das classificações propostas. Podemos usar como exemplo o *Bate-papo*¹⁸ *ICQ (agendado)* que foi transposto do gênero existente *encontros pessoais*. Atualmente, não se utiliza

¹⁸ Os bate-papos virtuais, denominados *chats*, são realizados em tempo real, ou seja, on line, e provém de um programa chamado IRC (Internet Relay Chat).

mais o ICQ, que, até o momento da comunicação de Marcuschi (2002a), era considerado um gênero emergente de muita tecnologia; hoje esse gênero ICQ é considerado obsoleto, e deu lugar aos novos gêneros, como é o caso do Bate-papo MSN ou do Bate-papo Skype.

Quanto às incertezas apresentadas no quadro (marcadas pela interrogação), Marcuschi (2002a) quer mostrar que nem sempre os gêneros emergentes têm uma contraparte muito clara, muito bem definida, como é o caso do *Bate-papo virtual em salas fechadas* e a sua contraparte *Conversações (fechadas?)* ou ainda do *Bate-papo educacional* e sua contraparte *Aula participativa e interatividade???*.

Marcuschi ressalta (2002a, p. 15) que os gêneros apresentados são mediados pela tecnologia computacional, que oferece um programa de base – uma ferramenta conceitual - com podemos citar o Fórum, o Portfólio, a Lista etc. e que se servem da Internet¹⁹. Um dos aspectos mais importantes da especificidade da mídia virtual é a centralidade na escrita, pois a tecnologia digital depende da escrita para sustentar sua comunicação, apesar da integração de imagens e de som.

Essa posição já aponta para um traço característico dos gêneros emergentes: o intenso uso da escrita, como é o caso do fórum educacional. Essa “nova ordem virtual” acaba por provocar a necessidade de uma revisão de algumas ideias a respeito da interação verbal²⁰. Segundo Marcuschi (2002a, p. 14), nesse tipo de interação não há a necessidade da presença física dos interlocutores; além disso, “a produção oral não é necessária, mas apenas suficiente para determinar a interação verbal, pois é possível uma interação síncrona, pessoal e direta pela *escrita transmitida à distância*.” (grifo do autor)

¹⁹ Marcuschi coloca “telefonia”, optamos por colocar o termo “internet”. Concebemos Internet como um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo TCP/IP que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. Ela carrega uma ampla variedade de recursos e serviços, incluindo os documentos interligados por meio de hiperligações da World Wide Web, e a infraestrutura para suportar correio eletrônico e serviços como comunicação instantânea e compartilhamento de arquivos. As redes de comunicação estão ligadas estão ligadas World Wide Web (que em português significa, "Rede de alcance mundial"; também conhecida como Web e WWW) é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet.

²⁰ Nesse ponto de sua reflexão, Marcuschi toma por “interação verbal”, a interação realizada pelo uso da língua na modalidade oral.

Pensando no caráter transformador diretamente ligado às necessidades de uso dos locutores, sugerimos uma tabela atualizada com outros gêneros advindos das contrapartes pré-existentis:

Quadro 2: Gêneros textuais emergentes na mídia virtual atualizado

1	<i>Bate-papo SKYPE, MSN</i>	Encontros pessoais.
2	<i>Lista de dúvida/ sugestões</i>	Informativos compartilhados entre os alunos da turma
3	<i>Fórum educacional²¹</i>	Debate/ Discussão em sala de aula
5	<i>Portfólio educacional</i>	Trabalhos e atividades a serem feitos pelos alunos e corrigidas pelo professor.
6	<i>Blogs</i>	Diários

Nota-se que os gêneros emergentes que surgiram nas mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias, mas com toques híbridos, e por vezes bastante heterogêneos, o que desafia as relações entre oralidade e escrita, conforme nos mostra Marcuschi (2007, p. 33):

Os gêneros distribuem-se pelas duas modalidades num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana. Mas há alguns gêneros que só são recebidos na forma oral apesar de terem sido produzidos originalmente na forma escrita, como o caso das notícias de televisão ou rádio [...] Assim, é bom ter cautela com a idéia de gêneros orais e escritos, pois essa distinção é complexa e deve ser feita com clareza.

Marcuschi (2002, p.15) propõe a construção de uma matriz, chamada por ele de “Parâmetros para caracterização dos gêneros emergentes”, para exemplificar um conjunto de categorias dentro da teoria de gêneros discursivos. No quadro observa-se a **composição** (aspectos textuais e formais, incluindo as relações entre os participantes ou a audiência); o **tema** (natureza dos conteúdos, funções e profundidade) e o **estilo** (aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários). (Ver página seguinte)

²¹ O professor Marcuschi utiliza Lista de discussão em vez de Fórum de discussão, no entanto, apesar da nomenclatura, ambos possuem o mesmo conceito, ou seja, grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens.

Quadro 3: Parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual

DIMENSÃO	ASPECTO	GÊNEROS EM AMBIENTE VIRTUAL										
		e-mail	Bate-papo virtual aberto	Bate-papo virtual reservado	Bate-papo ICQ (agendado)	Bate-papo virtual em salas privadas	Eentrevista com convidado	Aulas virtuais por e-mails	Bate-papo educacional	Vídeo-conferência interativas	listas de discussão	Endereço eletrônico
Relação temporal	Síncrona	-	+	+	+	+	+	-	+	+	-	0
	Assíncrona	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	0
Duração	Indefinida	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	0
	Rápida	?	0	+	-	-	-	-	-	-	?	0
	Limitada	+	-	-	-	-	+	+	+	+	+	0
Extensão do texto	Indefinida	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	0
	Longa	-	-	-	+	-	0	+	-	+	-	0
	Curta	+	+	+	-	+	0	-	+	-	+	+
Formato textual	Turnos encadeados	-	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-
	Texto corrido	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	0
	Seqüências soltas	?	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Estrutura fixa	+	-	-	-	-	-	+	-	+	+	+
Participantes	Dois	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-
	Múltiplos	+	+	-	+	-	+	+	+	-	+	0
	Grupo fechado	+	-	-	+	-	-	+	+	+	+	0
Relação dos participantes	Conhecidos	+	-	0	+	0	-	+	+	+	+	0
	Anônimos	-	+	0	-	0	+	-	-	-	-	0
	Hierarquizados	?	-	-	-	-	-	+	+	+	-	0
Troca de Falantes	Alternada	-	+	+	+	+	+	-	+	0	-	0
	Inexistente	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	0
Função	Interpessoal	+	+	+	+	+	-	-	+	-	+	+
	Lúdica	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-
	Institucional	-	-	-	+	-	-	+	+	+	+	+
	Educacional	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	0
Tema	Livre	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	0
	Combinado	+	-	-	0	-	-	+	+	+	+	0
	Inexistente	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+
Estilo	Monitorado	0	-	-	-	-	-	+	0	+	+	0
	Informal	0	+	+	+	+	+	+	+	-	-	0
	Fragmentário	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	0
Canal/Semioses	Puro texto escrito	+	+	+	+	+	+	+	+	0	+	+
	Texto oral & escrito	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-
	Texto com imagem	0	+	+	+	+	+	+	-	+	-	-
	Com paralinguagem	0	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-
Recuperação de mensagem	Gravação automática	+	-	-	+	-	-	+	+	0	+	+
	Voláteis	-	+	+	+	+	-	-	+	+	-	-

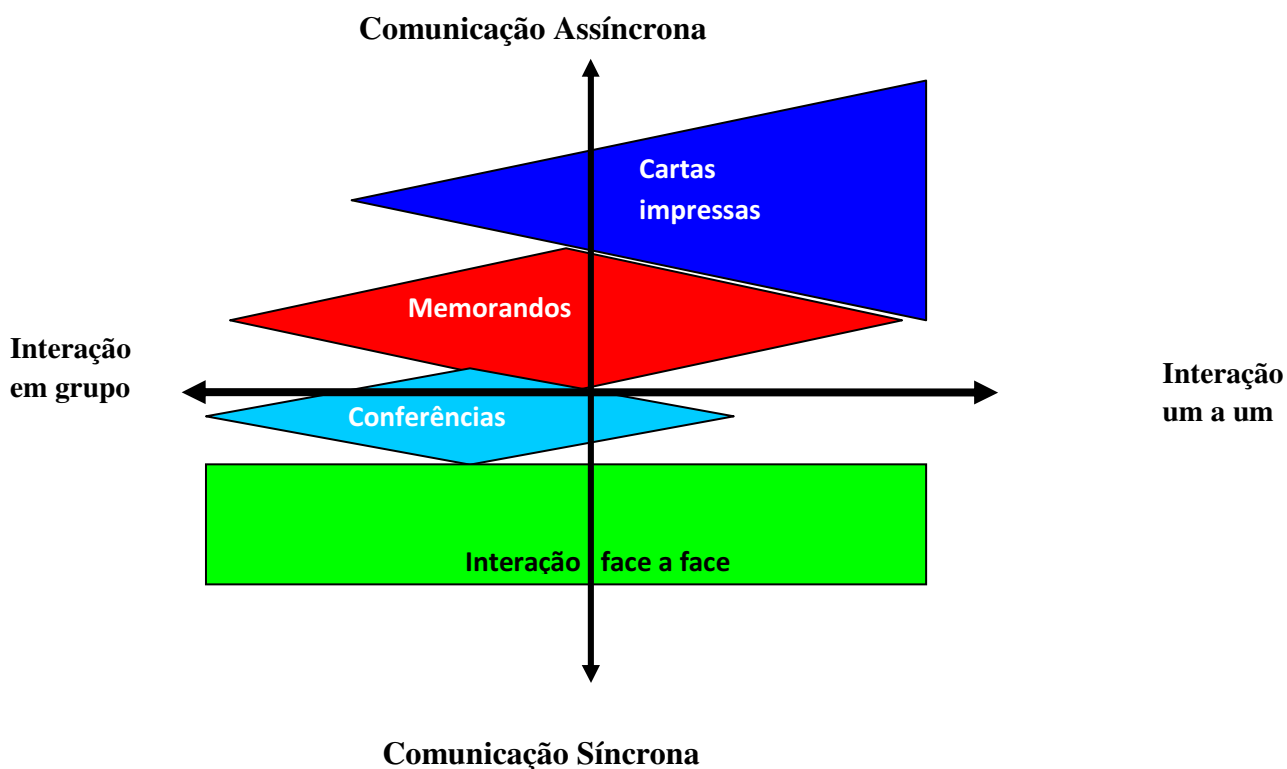
Fonte: Texto da Conferência pronunciada na **50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.**

Legenda: 1: Sinais para marcação dos traços: + (presença); - (ausência); 0 (irrelevância do traço para definição do gênero); ? (indefinição quanto à presença e relevância).

Marcuschi (2002a, p.16) chama atenção para o fato de os gêneros em ambientes virtuais serem altamente interativos, em sua maioria síncronos e com o uso exacerbado da escrita, o que, segundo aponta o autor, lhes confere um caráter inovador nas relações entre fala-escrita.

Com base na sugestão de Yates (2000, p. 236) e no que foi dito por Marcuschi (2001) em relação à fala-escrita, podem-se traçar dois gráficos com dois contínuos contrapostos. No primeiro gráfico há o contínuo entre alguns gêneros tradicionais na fala e escrita, tendo como vetores os eixos da comunicação síncrona (apresentada em tempo real) versus comunicação assíncrona (apresentada em tempo diferente). Além desses vetores, podem-se verificar outros dois vetores: o da interação em grupo versus o da interação um a um.

Gráfico 1: Contínuo de gêneros na comunicação tradicional impressa e falada

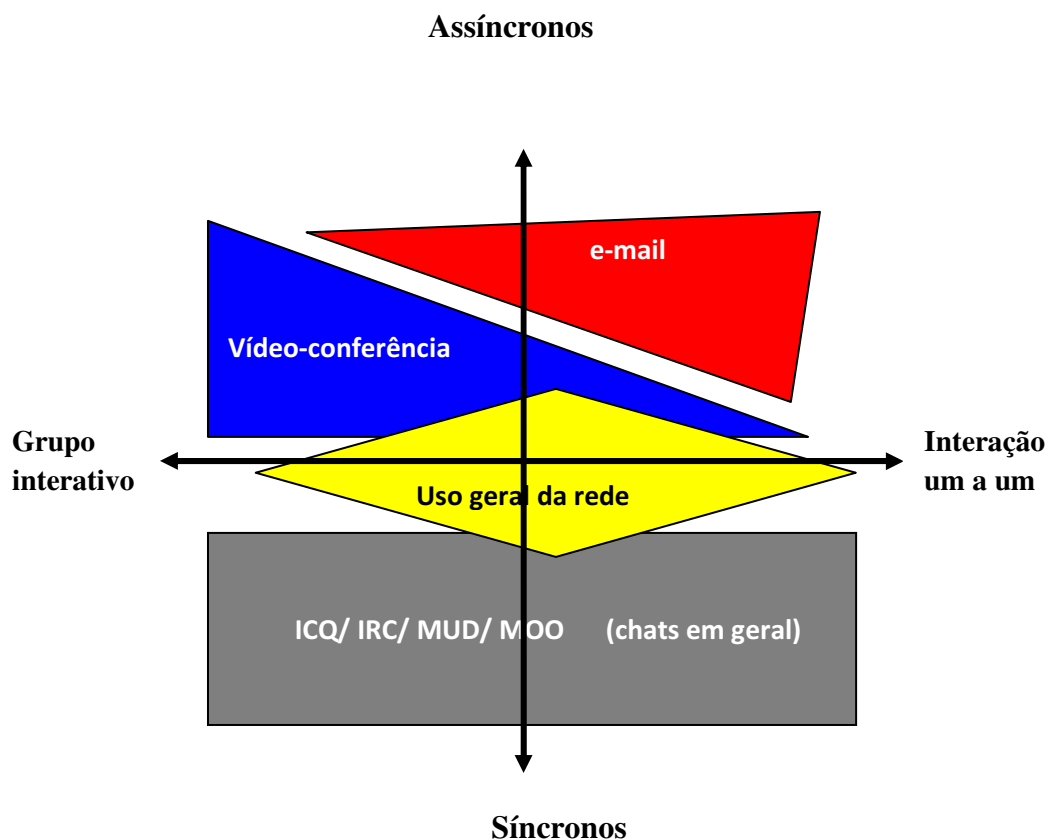


Fonte: YATES (2000, p.236).

Marcuschi (2000, p. 19) nos mostra que esse gráfico representa o contínuo entre gêneros de uma certa escrita até a fala espontânea nas conversações em um diálogo.

Há um movimento do relativamente formal, pois as cartas podem receber vários estilos quanto a esse aspecto, até o bastante informal. E igualmente do mais distanciado (comunicação assíncrona) até a **comunicação em tempo real a face a face**.

Gráfico 2: Contínuo de gêneros na comunicação digital mediada por computador



Fonte: YATES (2000, p.236).

O gráfico Y apresenta os mesmos vetores apresentados no gráfico X, mas com um diferencial que é a comunicação digital. O que se pode observar nesse gráfico é que a comunicação do e-mail é assíncrona, mas pode ser tanto individual (interação um a um) quanto de grupos (grupo interativo), distinguindo-se da videoconferência. Já o uso geral da rede pode ser tanto assíncrono quanto síncrono, pois há um entrecruzamento que permite uma variedade de relações comunicativas, seja formal ou não, que gera a possibilidade de ser uma produção síncrona ou não. O que se percebe de diferencial, é

que os Bate-papos virtuais são síncronos, e de certa forma, eles correspondem à situação comunicativa face a face e podendo ser interindividuais e grupais.

Marcuschi (2000, p.20) afirma que a distribuição dos gêneros por este contínuo poderia ser feita em um quadro multidimensional tomando os parâmetros trazidos no quadro A, considerando os onze gêneros tratados. Segundo ainda Marcuschi (2000, p. 20) “veríamos que há uma ordem muito clara entre eles e sua distribuição se dá de forma não aleatória e sua produção obedece a critérios bastante rigorosos”.

O presente trabalho busca, por meio dessas observações teóricas, não só esclarecer como também apontar a diversidade de possibilidades de estudo dos conceitos bakhtinianos. De certo, não estamos aqui em condição de nos dedicarmos a todos os problemas envolvidos ao que concerne aos gêneros emergentes no ensino, mas darmos a nossa pequena contribuição ao estudo do gênero fórum educacional.

Capítulo 2

A Educação a Distância

“Do rolo ao códice medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas menores dividem a longa história das maneiras de ler” (Roger Chartier).

Este capítulo tem como objetivo mais geral discutir a necessidade de o professor conhecer e dominar o ambiente eletrônico, tomando, em especial para esse estudo, o fórum educacional a distância, para que essa “nova tecnologia” possa tornar aliada à educação e à aprendizagem. Após a contextualização teórica, pautada nos estudos de gênero de Bakhtin, apresentamos alguns conceitos e informações, como leis e diretrizes, sobre essa nova esfera eletrônica emergente, da qual faz parte o fórum educacional. Tem como objetivo mais específico propor uma análise teórica e empírica sobre a aprendizagem colaborativa e o papel da mediação do professor-tutor (tutor Web), percebendo o maior desafio da ferramenta, que é o de como fazer acontecer a colaboração e cooperação entre os participantes dessa aprendizagem

Quando voltada à educação, especificamente à educação a distância, a tecnologia deve apoiar-se em uma filosofia de aprendizagem que proporcione aos estudantes essa interação, a troca do saber, o reconhecimento e o respeito pelas diferentes culturas e a formação do posicionamento crítico e reflexivo.

Tendo o estudante como centro do processo educacional, um dos alicerces para garantir a qualidade de um curso a distância é a interatividade entre professores/estudantes e estudantes/estudantes e a principal ferramenta para essa interação é o fórum educacional. O fórum educacional é formado por múltiplas vozes que argumentam, que constroem (assim como desconstroem), que questionam e respondem, e que, dessa forma, estimulam o saber e colaboram entre seus pares.

Mostraremos como o gênero fórum educacional proporciona essa interação, o desenvolvimento colaborativo e a construção do conhecimento, tal qual pretendido pelo MEC em seus *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância*, pois acreditamos que o princípio da interação e da interatividade é fundamental para o

processo de comunicação e o desenvolvimento da compreensão e, portanto, devem ser garantidos no uso de qualquer meio tecnológico a ser disponibilizado ao aluno.

Faremos um breve estudo, no qual procuraremos não ser exaustivos, sobre a Educação a Distância no mundo e em especial como ela foi inserida no Brasil, mostrando os Referenciais de Qualidade na qual está ancorada e as leis que legitimam a criação dos cursos superiores nessa modalidade e finalizaremos o capítulo, mostrando os modelos de plataformas de aprendizagem, e focaremos o estudo no modelo da plataforma de aprendizagem desenvolvida pelo Centro Universitário Claretiano, mostrando suas ferramentas e metodologias.

2.1 Educação a Distância (EaD)

A Educação a Distância (EaD) é uma prática bem antiga, que vem sendo modificada ao longo do tempo de acordo com as ferramentas disponíveis e a necessidade do seus usuários. Niskier (2000) afirma que a EaD não constitui propriamente uma inovação e que, desde o século XIX, nos Estados Unidos, por exemplo, mesmo sem toda tecnologia que a EaD apresenta hoje, a modalidade a distância já fazia parte de determinados sistemas de ensino.

Múltiplos são os fatores que influenciaram o modo como a EaD é entendida e definida, principalmente, no que concerne aos contextos sociais, culturais e políticos vividos pela sociedade da época. Na conjuntura atual, as definições de EaD incorporam o potencial das Tecnologias de informática e comunicação (TIC), em função de seu avanço e popularização.

Segundo Moran²² a *educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente*. É de Moran²³ também a seguinte descrição sobre EaD:

Educação a distância não é um "fast-food" em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as

²² Este texto foi publicado pela primeira vez com o título “*Novos caminhos do ensino a distância*”, no Informe CEAD - Centro de Educação a Distância. SENAI, Rio de Janeiro, ano 1, n.5, out.-dez. de 1994, páginas 1-3. Tanto o texto como a bibliografia foram atualizados em 2002. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>. Acesso 23/07/2009.

²³ Idem.

necessidades e habilidades individuais e as do grupo - de forma presencial e virtual.

2.1.1 Breve histórico da EaD: das origens aos dias de hoje

O início da Educação a Distância deu-se de diferentes formas e perspectivas no mundo. Conforme aponta Niskier (2000, p. 263), o início da educação a distância nos Estados Unidos deu-se no século XIX, com os estudos por correspondência. Em 1883, o Estado de Nova Iorque autorizou o *Instituto Chautauqua* a conceder diplomas nessa modalidade. Em 1891, nasceu a famosa *International Correspondence Schools (ICS)*, que hoje é o maior provedor de cursos de estudo em casa dos Estados Unidos.

Já no século XX, também nos EUA, aparecerem os cursos via satélite. As comunicações via satélite iniciaram-se em 6 de abril de 1965, com o lançamento do satélite *Early Bird*, depois chamado *Instelsat I*, que oferecia 240 circuitos de telefone ou um canal de televisão na América do Norte. Na década de 70, diversas universidades norte-americanas lançaram programas educacionais transmitidos pela *Applications Technology Satellite (ATS)*. Uma das primeiras foi a Universidade de Arkansas, que ofereceu cursos de educação continuada para professores. Depois, a NASA utilizou o mesmo satélite para ministrar programas educacionais para mais de 2.500 cidades na Índia. A mais recente tecnologia chamada *Direct Broadcast Satellite (DBS)* permite que os indivíduos recebam programas diretamente em casa.

No entanto, nem sempre as experiências americanas em EaD tiveram sucesso, como nos alerta Niskier (2000, p. 265) dando como exemplo a *UMA (University of Mid-America)*. Com base em um consórcio bem sucedido de vídeo na Universidade de Nebraska, essa Instituição foi fundada em 1975 por nove universidades do meio-oeste; no entanto, a *UMA* encerrou suas atividades em 1982, devido à falência a que chegou por seus altos custos, o que levou à perda de alunos.

Atualmente, os americanos, principalmente professores, empresários e profissionais da área da saúde, utilizam-se muito da Educação a Distância. A EaD americana se caracteriza por uma grande pluralidade, sendo muito comum encontrar uma grande variedade de diferentes iniciativas de EaD. Os trabalhos de Charles

Wedemeyer, da Universidade de Wisconsin, contribuíram para a abordagem da EaD nos Estados Unidos, influenciando a criação da Universidade Aberta britânica.

Na Inglaterra, o início da EaD foi marcado por alguns percalços. Em 1880, alguns educadores da Universidade de Cambridge tentaram implantar um curso por correspondência, com direito a diploma; no entanto, esse projeto foi rejeitado pelas autoridades. Por essa razão, os educadores migraram para os Estados Unidos, juntando-se com Willina Rainey Harper, professor de hebraico e membro do corpo docente do *Instituto Chautauqua*, para montar a nova Universidade de Chicago, que viria a ser a primeira Universidade em EaD nos Estados Unidos.

Em 1967, surge na Inglaterra a *Open University (Universidade Aberta)*, que é o modelo mais bem-sucedido do mundo e que oferece a mais completa tecnologia da comunicação. Em 1969, o campus foi instalado em Milton Keynes, quando, em uma atitude vanguardista para a época, dissociou-se das unidades convencionais para começar a emitir seu próprio diploma. A Instituição foi chancelada pela rainha da Inglaterra, que assinou a autorização de funcionamento, tornando-se modelo para outras similares no mundo.

Niskier (2000, p. 274) mostra-nos que com o apoio da BBC de Londres, a *Open University* provocou uma explosão de interesse em outras partes do planeta. Hoje ela possui 120 mil formandos e cerca de 150 mil alunos, com uma equipe em tempo integral de 2.000 pessoas e mais de 5.000 conselheiros e orientadores de meio período, com 13 centros de aprendizagem regionais e 250 locais na Grã-Bretanha.

A *Open University* investe milhões de dólares para a elaboração de seu material didático instrucional e, para isso, conta com 500 dos melhores professores do país, o que constitui uma marca de qualidade.

O trabalho desenvolvido nessa Universidade é reconhecido como de qualidade pelos integrantes das universidades inglesas tradicionais, como Oxford e Cambridge, que elogiam a seriedade com que ela se comporta e recomendam alguns dos textos por ela produzidos para seus alunos, segundo Niskier (2000, p. 276).

Para o futuro, os dirigentes da *Open University* pretendem vencer mais um empecilho que afastam as pessoas da Educação a Distância: facilitar a aquisição de um computador para cada aluno, o que tem um custo muito alto para a instituição; no entanto, imbuídos da competência comprovada de suas instituições, eles se preparam para avançar nesse propósito.

Com o mesmo modelo da Grã-Bretanha, nasceram outras universidades abertas, entre as quais se destacam (NISKIER, 2000, p. 175):

- 2 Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha
- 3 Central Broadcasting e Television University, China
- 4 Open Universiteit Heerlen, Holanda
- 5 Fern Universität, Alemanha
- 6 Indira Ghandi National *Open University*, Índia
- 7 Universidade Aberta, Portugal
- 8 University of the air, Japão

Todas essas universidades, que constituem modelos para as novas instituições, oferecem cursos universitários de alta qualidade e baixo custo. Os alunos recebem o material (*Units*) em casa e, durante somente uma semana por ano, participam dos cursos de verão, que acontecem nos próprios campi das universidades.

No entanto, apesar de toda a sua organização e excelência em educação, as universidades abertas possuem um grande problema: a imensa quantidade de postagem de correspondência, pois há alguns cursos que chegam a ter 4.000 alunos/ano.

2.1.2 Três gerações de modelos de EaD

Søren Nipper (1989, apud GOMES 2003, p.143), citado também por Belloni (2003), identifica três gerações de modelos de EaD que estão intrinsecamente ligadas ao uso de inovações tecnológicas e a comunicação.

A primeira geração, engendrada nos finais do século XIX na Inglaterra, e iniciada no Brasil, em 1939, com a criação do Instituto Universal Brasileiro e do Instituto Monitor, abrange os cursos por correspondência. Essa geração é caracterizada pelo exacerbado uso da escrita manuscrita ou impressa e pelo baixo índice de interação entre professor e aluno caracterizando contato pessoal escasso, que, em geral,

era desenvolvido via correio. Nessa fase inicial, poderíamos dizer pioneira, a interação entre os agentes era baixa e limitada aos períodos em que os estudantes faziam as avaliações.

A segunda geração, desenvolvida no século XX, que Nipper (1989, apud GOMES2003, p.143) designa por “*multi-media distance teaching*”, alia a palavra manuscrita ou impressa a outros meios de comunicação audiovisuais, tais como o rádio, a televisão e até, em certa medida, o computador. Tanto na primeira quanto na segunda geração, Nipper ainda considera a interação professor/ aluno muito baixa, mesmo com a inserção de recursos como o telefone da segunda geração. No Brasil, esta geração foi marcada pela criação das Tvs Educativas desenvolvidas na década de 60.

Belloni (2003, p.56) mostra-nos que o modelo educacional da segunda geração, os chamados *multimeios*, desenvolveu-se a partir das orientações behavioristas e industrialistas típicas da época. A autora ainda afirma que esse modelo ainda prevalece na grande maioria das experiências em EaD, e que seus meios de comunicação principais são o impresso, programas de vídeo e áudio, difundidos via cassetes ou via antena (*broadcasting*).

Segundo Gomes (2003, p. 144), na primeira e na segunda geração tecnológica, o processo ensino/aprendizagem nos modelos de EaD é encarado com uma questão de “distância geográfica”, necessitando de uma maior interação entre professor e aluno. A aprendizagem nessas duas gerações não é vista como um processo social.

A terceira geração começa a surgir já no fim do século XX e início do século XIX, acontece no mundo e no Brasil quase que simultaneamente, com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, as chamadas TIC.

Nipper (1989, apud GOMES 2003, p.144) concebe essa terceira geração de educação a distância com algo que valoriza a comunicação e a aprendizagem como um processo social, tratando-a não só como uma questão de tecnologia, mas também como uma questão pedagógica e institucional. Gomes (2003) chamou essa geração tecnológica de educação a distância de “*geração multimídia*”. Nessa geração, conforme aponta Gomes (2003, p. 151), surge a possibilidade de comunicação entre os alunos e

professores, quer individualmente (por meio de e-mails ou portfólios etc) quer em grupos de discussão (por meio de fóruns de discussão e conferências).

Gomes (2003, p. 151) sugere uma quarta geração tecnológica de educação a distância chamada por ela de “*aprendizagem em rede*”, que é atribuído em detrimento da língua inglesa “*web-learning*”, “*e-learning*” ou “*on-line learning*”. Essa geração é caracterizada como uma representação multimídia dos conteúdos de ensino estruturada em redes de comunicação por computador. A autora ainda afirma que os recursos de multimídia deixam de ser estáticos, como eram na a terceira geração, para se tornarem mais interativos. A potencialidade de redes como a Internet e de ambientes como as páginas WWW permite a elaboração de um modelo de construção e reconstrução coletiva do conhecimento, basEaDo na intensa interação entre professores/ alunos e alunos/alunos, abrindo uma nova perspectiva de aprendizagem desenvolvida entre os pares de forma colaborativa.

Quadro 4 - Panorama das principais características das gerações do EaD.

	1º Geração	2º Geração	3º Geração	4º Geração
	Ensino por correspondência	Tele-ensino	Multimídia	“Aprendizagem em rede”
Cronologia	1833...	1970s...	1980s...	1994...
Representação de conteúdo	Mono-mídia	Múltiplas-mídias	Multimídia interativo	Multimídia colaborativa
Distribuição de conteúdo	Documentos impressos e recorrendo ao correio postal	Emissões em áudio e/ou vídeo recorrendo a emissões radiofônicas e televisivas	CD- Roms e DVDs recorrendo ao correio postal	Páginas em Web distribuídas em redes telemáticas Ficheiros em rede para “download” e “upload”
Comunicação professor/aluno	Muito rara	Pouco freqüente	Frequente	Muito frequente
Comunicação aluno/aluno	Inexistente	Inexistente	Existente mas pouco significativa	Existente e significativa
Modalidades de comunicação disponíveis	Assíncrona e com elevado tempo de retorno	Síncrona, fortemente defasada no tempo e transitiva	Assíncrona com pequeno desfasamento temporal e síncrona de caráter permanente (com registro eletrônico)	Assíncrona individual ou em grupo, com pequeno desfasamento temporal e síncrona individual ou de grupo e de caráter permanente (com registro eletrônico)
Tecnologias (predominantes)	Correio postal	Telefone	Telefone e correio	Correio eletrônico e conferências por

de suporte a comunicação			eletrônico	computador
--------------------------	--	--	------------	------------

Fonte: Gomes, Maria João. Gerações de inovações tecnológica no ensino a distância. *Revista portuguesa de educação*. v.16, n. 001. Universidade de Minho. Braga. Portugal, p. 137-156. 2003. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/374/37416107.pdf>. Acesso em 23/07/2009.

Pierre Lévy (1999, p.170) esclarece que fazer distinção entre ensino presencial e ensino a distância será cada vez menos pertinente, pois o uso das tecnologias de comunicação e os suportes de multimídia estão cada vez integrados ao ensino tradicional. O fato é que a educação a distância sempre foi vista como uma segunda opção de ensino; no entanto, conforme nos informa o autor sobre a aprendizagem a distância, *em breve irá torna-se, senão a norma, ao menos a ponta de lança*, o que nos faz lembrar o exemplo da Universidade Aberta.

2.1.3 As Leis que regem o EaD no Brasil

A modalidade de educação a distância, no Brasil, obteve autorização legal para sua concretização com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, que estabelece, em seu artigo 80²⁴, a possibilidade de uso da modalidade de educação a distância em todos os níveis de ensino. Nota-se, nesse artigo, o grande incentivo que o governo deu para o desenvolvimento dessa modalidade educacional, o que incluía o reduzindo custos de transmissão em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens e a concessão de canais para finalidades exclusivamente educativas.

O artigo 80 foi regulamentado posteriormente pelos Decretos 2.494 e 2.561, de 1998, mas ambos revogados pelo Decreto 5.622, em vigência desde sua publicação em 20 de dezembro de 2005. No Decreto 5.622, ficou estabelecida a política de garantia de qualidade no que concerne aos mais variados aspectos ligados à modalidade de educação a distância (EaD), notadamente ao credenciamento institucional, supervisão, acompanhamento e avaliação, em favor dos padrões de qualidade enunciados e exigidos pelo Ministério da Educação (MEC).

²⁴ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e o Decreto 5.622 encontram-se em anexo para serem consultados caso seja necessário.

As instituições que se interessassem oferecer os cursos superiores a distância deveriam ser devidamente credenciadas pelo sistema federal, informando os pólos que lhe dariam apoio presencial, e que assim também integrariam a estrutura da instituição, como também demonstrar a suficiência dessa estrutura física, tecnológica e de recursos humanos.

Foi nesse decreto também que ficou instituído que as atividades presenciais, como as avaliações, estágios, defesa de trabalhos etc., deveriam ser realizados ou na própria instituição ou em pólos credenciados.

É importante salientar que, tal como aponta o MEC, não há um modelo único de Educação a Distância, ou seja, cada sistema de aprendizagem pode apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos.

Toda essa multiplicidade e não-linearidade resultam na difícil caracterização generalizada dessa nova modalidade. São as especificidades do curso e as reais condições do cotidiano e, juntamente, com as necessidades dos estudantes que irão definir a melhor tecnologia e metodologia a serem utilizadas, bem como, a definição dos momentos presenciais necessários e obrigatórios, previstos pela lei, estágios supervisionados, práticas e atividades acadêmico-científico-culturais (AACC), trabalhos de conclusão de curso (TCC), e quando for o caso, tutorias presenciais nos pólos descentralizados de apoio presencial e outras estratégias.

Entretanto, apesar de a Educação a Distância possuir características peculiares, linguagem e formato próprios, exigindo administração, formato, logística, acompanhamento, avaliação, recursos técnicos e tecnológicos, de infra-estrutura e pedagógicos condizentes, todas essas características só permitem relevância no contexto de uma discussão política e pedagógica da ação educativa, conforme nos informa o MEC (BRASIL, 2007, p.07). Por isso, faz-se necessário que a educação superior a distância seja baseada em um projeto pedagógico bem elaborado e construído com uma base curricular inovadora.

Esse projeto pedagógico também deve suscitar a comunicação e diálogo entre todos os envolvidos no processo educacional, criando, assim, condições para diminuir entre eles o sentimento de isolamento e solidão, apontado como uma das causas de

perda de qualidade no processo educacional e uma dos principais responsáveis pela evasão nos cursos a distância.

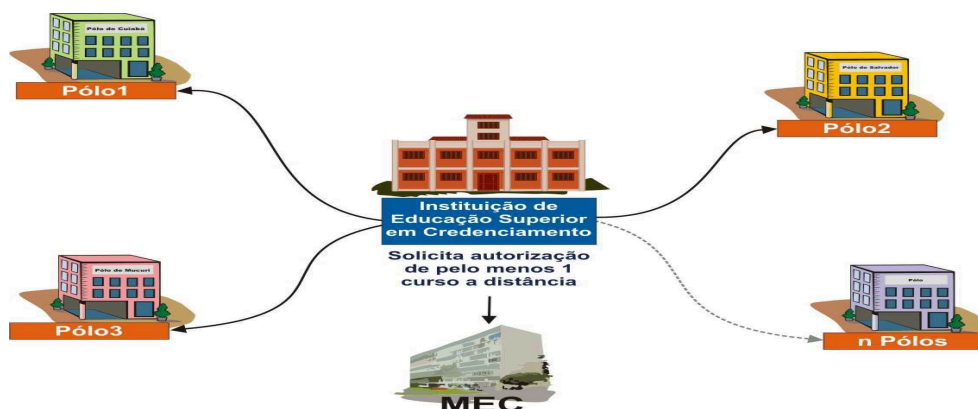
Conforme o MEC exige, os cursos a distância contam também com alguns momentos presenciais, dependendo da necessidade e da natureza de cada disciplina oferecida, assim como as avaliações da aprendizagem, que serão compostas por avaliações a distância (atividades e trabalhos desenvolvidos a distância) e avaliações presenciais, sendo estas últimas marcadas por uma maior rigidez, precauções de segurança e controle de frequência, pois se deve zelar pela confiabilidade e credibilidade de seus resultados.

A infra-estrutura material, ou seja, os recursos tecnológicos envolvidos, como televisão, videocassetes, serviço 0800, fax, equipamento para produção audiovisual e para videoconferência, computadores ligados em rede são alguns itens exigidos para um curso a distância. Além disso, um curso a distância não exige a instituição de dispor de centros de documentação e informação, bibliotecas e videotecas, para dar suporte aos estudantes e professores.

Já a infra-estrutura física das instituições que oferecem cursos a distância deve estar disponível em sua sede (Núcleo da Educação a Distância e nos pólos de apoio presencial. Segundo a Portaria Normativa nº 02/2007, parágrafo 1º: “O pólo de apoio presencial é a unidade operacional para desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância.”

O esquema de organização institucional pode ser descrito conforme Figura 1:

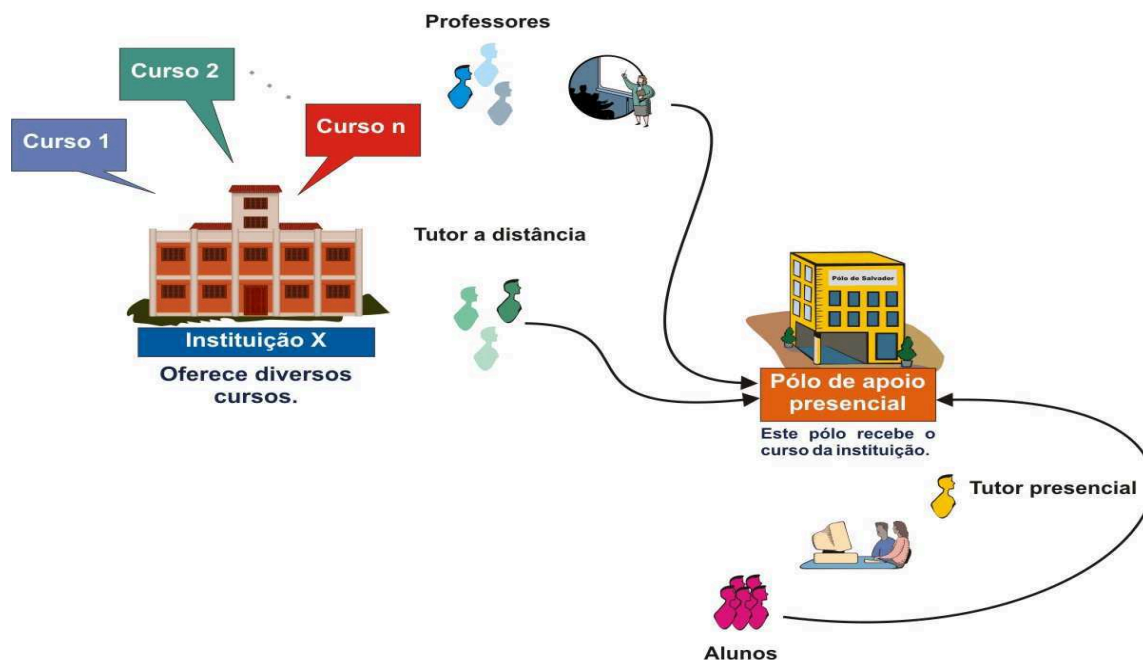
Figura 1: Organização Institucional para EaD I.



Fonte: Chaves²⁵, Hélio Filho. Palestra *Ordenamento Legal Vigente para a Educação a Distância: Territorialidade e Qualidade* proferida na XIX ENANGRAD, Curitiba, 3 out. 2008.

Pode-se verificar o esquema de oferta de graduação na modalidade a distância descrito conforme Figura 2:

Figura 2: Organização Institucional para EaD II.



Fonte: Chaves, Hélio Filho. Palestra *Ordenamento Legal Vigente para a Educação a Distância: Territorialidade e Qualidade* proferida na XIX ENANGRAD, Curitiba, 3 out. 2008.

Nessas unidades serão realizadas atividades presenciais previstas em Lei, tais como: avaliações dos estudantes, defesas de trabalhos de conclusão de curso (TCC), aulas práticas em laboratório de informática e da biblioteca, entre outros específicos, quando for o caso, estágio, além de orientação aos estudantes pelos tutores locais que farão tutorias com horários marcados. Essas unidades desempenham papel de grande importância para o sistema de educação a distância. Suas instalações auxiliam o desenvolvimento dos cursos e funcionam como um ponto de referência e suporte ao estudante. É por meio da implantação desses pólos, que as instituições de ensino poderão viabilizar a expansão, interiorização e regionalização da oferta de educação no País.

2.2 Pressupostos básicos da EAD

²⁵ O professor Hélio Chaves Filho é diretor de Regulação e Supervisão em Educação a Distância, Secretário de Educação a Distância Adjunto e Secretaria de Educação a Distância

2.2.1 A tecnologia como ferramenta

A educação apresenta-se como um processo complexo que sempre exigiu algum tipo de apoio ou meio de comunicação como complemento que auxiliasse o professor em sua atuação com os estudantes. A tecnologia (em sentido lato) e a pedagogia sempre foram peças essenciais e inseparáveis da educação.

Mas, embora a tecnologia tenha sempre estado presente na educação, dado o âmbito deste trabalho, é preciso definir o termo, já que na EaD a dimensão tecnológica, talvez pelo ineditismo dessa modalidade na história da educação, é extremamente saliente.

Partimos aqui da definição de Evans e Nation (apud BELLONI 2003, p. 53): a tecnologia é uma forma de conhecimento. Os autores acrescentam que “‘coisas’ tecnológicas não fazem sentido sem o ‘saber-como’ (*know-how*) usá-las, consertá-las e fazê-las.” Além desses autores, citamos Linard (apud BELLONI, op.cit., p. 53) para quem a tecnologia se apresenta como um “conjunto de discursos, práticas, valores e efeitos sociais ligados a uma técnica particular num campo particular.” Com base nessas definições, assumimos que a tecnologia pode ser considerada qualquer artefato que dê suporte a qualquer atividade em um campo específico, com uma utilidade específica.

Nesse contexto, a sala de aula é uma “tecnologia”, da mesma forma que o quadro negro, o giz, o livro e outros materiais são ferramentas pedagógicas que vão mediar professor e o aluno (BELLONI, 2003, p.54). Percebe-se, então, que as tecnologias sempre estiveram presentes na educação e na forma de transmitir o conhecimento. Hoje, fala-se nas “novas tecnologias” de educação, como é caso das utilizadas na educação a distância, porém elas não são assim tão novas, são diferentes das já comumente usadas. Na EaD, essa mediação entre professor e aluno apresenta-se de forma indireta, o que acarreta uma maior dependência das tecnologias de informática e comunicação (TIC) do que a educação tradicional (presencial).

Kenski (2003) mostra-nos também que não são as tecnologias as responsáveis pela revolução da educação, mas a forma como essa tecnologia é empregada para a mediação entre professores, alunos e a informação. E, como vimos anteriormente, ela

pode ser revolucionária ou não; é o caso do uso das mais inéditas tecnologias de computação e de rede ou do simples uso do giz, do livro etc.

Mas toda tecnologia, por mais revolucionária que seja, não será eficaz, se não estiver ancorada num elemento central do processo de educação: a interação.

2.2.2 Interatividade e Interação

Kenski (2003, p. 121) mostra que desde o início da civilização, o homem utiliza formas de comunicação e interação para ensinar e aprender.

As primeiras formas de ensinar exigiam forte aproximação e presença, tanto do mestre quanto do aprendiz. Mas isso não significava a existência de processos dialógicos de comunicação e interação entre eles. O aprendiz, submisso e silencioso, devia aprender pela observação e pela imitação do fazer do mestre. O mestre encarnava o conhecimento a ser aprendido (2003, p.121).

Segundo a autora explica que nesse modelo, a relação entre a pessoa que ensina e o conhecimento gerava nos alunos um grau elevado de respeito e atenção. Segundo Kenski (2003, p.121) na maiêutica, concebida aqui como a forma de se ensinar por meio de perguntas baseadas no modelo de Sócrates, o mestre era totalmente responsável pelo que iria ser ensinado, e dessa relação entre mestre e professor, gerava um processo dialógico de interação para ensinar e aprender.

Segundo Silva (2003, p. 277) já o ensino mediado pelas tecnologias digitais pode alterar essas estruturas verticais (professor > aluno) e lineares de interação com as informações, para chegar ao interativo/construtivo. Com o avanço das TIC, o modo de interação a distância, seja ele síncrona ou assíncrona, vem sendo disponibilizados aos estudantes e professores técnicas rápidas, seguras e eficientes, trazendo várias possibilidades de comunicação, sendo que algumas delas são bem acessíveis do ponto de vista econômico, como é o caso do *e-mail*.

Segundo Belloni (2003, p.58) a característica principal destas tecnologias é a “interatividade, característica técnica que significa a possibilidade de o usuário interagir com uma máquina”.

A autora (2003, p.58) esclarece com precisão a diferença entre interação e interatividade:

o conceito sociológico de **interação** - ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre **intersubjetividade**, isto é, encontro de dois sujeitos – que pode ser direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação, por exemplo, carta ou telefone); e a **interatividade**, termo que vem sendo usado indistintamente com dois significados diferentes em geral confundidos: de um lado a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (por exemplo CD-ROMs de consulta, hipertextos em geral, ou jogos informatizados), e, de outro, a atividade humana, do usuário, de agir sobre a máquina, e de receber em troca uma “ retroação” da máquina sobre ele (BELLONI, 2003, p.58).

Lévy (1997) também alerta que é preciso tomar cuidado com o uso banalizado da palavra “interatividade” que é por vezes, invocada de uma forma como se todos soubessem do que se trata. Para o autor, “*o termo “interatividade” em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação*”. Ou seja:

seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho (LÉVY, 1997, p 79).

No que diz respeito o interagir, Kenski (2003, p.123) esclarece que existem vários tipos de interação e comunicação, com apoio ou sem das ferramentas digitais. Interagir com as informações e com as pessoas para aprender é fundamental e a interação pressupõe envolvimento. As pessoas a todo o momento estão interagindo com o ambiente que lhe cerca. Para autora, *as múltiplas interações e trocas comunicativas entre parceiros do ato de aprender possibilitam que esses conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados*.

Quando voltadas à educação a distância, a interação torna-se quesito importante para a construção da aprendizagem. Conforme encontramos em Silva (2003, p. 276), a partir do momento em que o aprendiz interage e trabalha de forma colaborativa, ele não só constrói conhecimento mais significativo, como também desenvolve habilidades intra e interpessoais, deixando de ser independente para se tornar interdependente. Para esse autor, a interação e a interatividade são caminhos fundamentais de investigação.No

entanto, isso não quer dizer que os trabalhos que o aluno realiza individualmente, como as leituras, as reflexões e a compreensão de conceitos não serão fundamentais para a construção do conhecimento; mas, quando realizado em conjunto, o processo de aprendizagem ganha maior desenvolvimento e profundidade.

Kenski (2003) mostra-nos que nos cursos semipresenciais e a distância, as formas cooperativas de ensino podem ser utilizadas na maior parte de suas atividades, usando ferramentas como o fórum, o chat e lista, que proporcionam uma grande interação entre os participantes. Já quando utilizados em cursos presenciais a utilização do ambiente virtual deve ser visto como uma extensão das atividades realizadas dentro de sala de aula, quando é impossível a interação como todos os alunos, em virtude do elevado número de alunos e do tempo disponível. Como se pode notar o avanço da tecnologia possibilitou a ampliação da interação nas redes.

2.2.3 A atitude colaborativa

Segundo Lévy (1999, p.171) fala-se de uma aprendizagem cooperativa assistida por computador (Computer Supported Cooperative Learning, ou CSCL), na qual se utilizam recursos de informática como mediadores do processo ensino-aprendizagem para que um grupo compartilhe diversos bancos de dados, construa o conhecimento por meio da discussão e reflexão.

Estudiosos do núcleo Minerva da Universidade de Évora²⁶ definem a aprendizagem colaborativa como:

um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem para utilização em grupos estruturados, assim como de estratégias de desenvolvimento de competências mistas (aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social), onde cada membro do grupo é responsável, quer pela sua aprendizagem quer pela aprendizagem dos restantes elementos.

²⁶ As informações sobre a aprendizagem colaborativa desenvolvida na Universidade de Évora encontram-se no sítio <http://www.minerva.uevora.pt/cscl/index>. Acesso em 20/07/2009. O Núcleo UE-Minerva/Centro de Competência CRIE está direcionado tanto para o apoio e desenvolvimento de projetos na área das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em contextos educativos, quanto para a formação nesta área. Do ponto de vista institucional, o Núcleo é uma estrutura diretamente dependente da Reitoria da Universidade de Évora. <http://www.minerva.uevora.pt/>.

A respeito das características dessa aprendizagem, esses mesmos pesquisadores corroboram que:

a aprendizagem colaborativa destaca a participação ativa e a interação, tanto dos alunos como dos professores. O conhecimento é visto como um construto social e, por isso, o processo educativo é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação. Pretende-se que os ambientes de aprendizagem colaborativos sejam ricos em possibilidades e propiciem o crescimento do grupo.

Esse processo de aprendizagem colaborativa necessita de uma grande circulação e troca de informações. Todos, professores e alunos, desempenham papel importante no ensino, superando desafios e construindo colaborativamente o seu próprio conhecimento e ajudando a construir o da coletividade.

Lévy (1999, p. 171) destaca que a principal função do professor, na CSCL, não é a de difusor de conhecimento, e sim um incentivador da aprendizagem e do pensamento. Nas palavras do autor, *o professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo*. A atividade do professor centraliza-se no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: *o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos recursos de aprendizagem etc.* Nesse modelo, professores aprendem ao mesmo tempo em que seus alunos, o que também atualiza continuamente seus saberes. Lévy (1999, p. 171) lembra que a formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância.

Segundo complementa Kenski (2003, p.129), o ensino colaborativo não necessariamente precisa se encerrar no momento formal previsto para o término oficial da disciplina, após o término, os participantes assumem para si a continuidade informal da aprendizagem coletiva e formam comunidades de aprendizagens. Essas comunidades podem reforçar os laços afetivos e a motivação entre seus membros para que se mantenham “*em aprendizagem*”. Esse processo faz com que os envolvidos superem os limites da “*disciplina geradora*” e avancem para o estudo de outros prismas e temáticas que sejam do interesse do grupo.

No quadro²⁷ a seguir, os pesquisadores núcleo Minerva da Universidade de Évora mostram as máximas entre cada uma das modalidades apresentadas, a aprendizagem tradicional e a aprendizagem colaborativa:

Quadro 5 – Máximas sobre a aprendizagem tradicional e colaborativa

Máximas sobre aprendizagem tradicional	Máximas sobre aprendizagem colaborativa
Sala de aula	Ambiente de aprendizagem
Professor - autoridade	Professor - orientador
Centrada no Professor	Centrada no Aluno
Aluno - "Uma garrafa a encher"	Aluno - "Uma lâmpada a iluminar"
Reactiva, passiva	Proactiva, investigativa
Ênfase no produto	Ênfase no processo
Aprendizagem em solidão	Aprendizagem em grupo
Memorização	Transformação

Fonte: <http://www.minerva.uevora.pt/cscl/index.htm>. Acesso em: 20/07/2009

Percebe-se nos novos processos de interação e comunicação mediados pelas tecnologias, que eles vão muito além do aprender e ensinar, pois nota-se uma nítida preocupação com a formação de um novo homem, autônomo, crítico, consciente da sua responsabilidade individual e, por conseguinte, social, e nas palavras de Kenski (2003, p.129), *um novo cidadão para uma nova sociedade*.

2.2.4 Autonomia do estudante a distância

Levando em consideração as características fundamentais que perpassam a sociedade contemporânea, que está cada vez mais complexa, dependente da tecnologia e, por suas multitarefas, sente a compressão das relações tempo e espaço, Belloni (2003, p.39) postula que:

Por **aprendizagem autônoma** entende-se um processo de ensino e aprendizagem **centrado no aprendente**, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o **professor deve assumir-se**

²⁷Foram mantidas as palavras portuguesas de Portugal conforme as citadas no *site*. Disponível em:<http://www.minerva.uevora.pt/cscl/index>. Acesso em 20/07/2009.

como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e auto-regular este processo. (grifo nosso)

Faz necessário um alerta quanto esta aprendizagem, ela, a aprendizagem autônoma, é apropriada a adultos com maturidade e motivação necessária à auto-aprendizagem e possuindo um mínimo de habilidades de estudo (TRINDADE, 1992, p.32; CARMO, 1997, p. 300; KNOWLES, 1990, apud BELLONI, 2003, p.40), porém, infelizmente, a imagem trivialmente encontrada nos alunos típicos de EaD não corresponde a esse ideal apontado, são, muitas vezes, estudantes com tendência passiva, com dificuldades de gerenciar seu processo de aprendizagem.

As pesquisas de Walker (1993, p.23 apud BELLONI, 2003, p.40) com estudantes australianos professam quem são os estudantes de EaD:

Uma imagem dominante é a do silêncio, tranquilidade e solidão. Um tema recorrente é o tempo de estudo: tarde da noite, quando as crianças estão acomodadas, o marido vendo televisão na sala (muitos estudantes são mulheres), está escuro lá fora, pode haver um cão ou um gato por perto, a cozinha está limpa e arrumada, os lanches para o dia seguinte estão prontos na geladeira, e a estudante arranja um espaço na ponta da mesa, desarrumando o mínimo possível a mesa posta para o café da manhã. Os livros estão abertos e o “estudo” pode começar (WALKER, 1993, p.23 apud BELLONI, 2003, p.40).

Belloni (2003, p.40) ressalta que embora não possa ser considerada um imagem generalizada, o perfil do estudante traçado por Walker tende a ser um “retrato revelador de uma determinada visão da EaD como algo marginal socialmente e até mesmo na economia doméstica”. Segundo a autora, essa visão anunciada tende a evoluir e se transformar, juntamente com as mudanças sociais, o público-alvo potencial da educação, seja ele a distância ou convencional, para um público-alvo mais reflexivo e consciente da importância da educação e da formação continuada. A autora ainda atesta para o fato de que o conceito de aprendente autônomo ou independente, capaz de autogestão de seus estudos está ainda em um estado *embrionário, do mesmo modo que o estudante autônomo é ainda exceção no universo de nossa universidade, abertas ou convencionais*.

Faz-se uma ressalva ao pensando de Renner (1995, p.291 apud BELLONI, 2003, p.42) que afirma ser comum encontrar um pensamento que considera *o aluno como*

matéria-prima de um processo industrial onde o professor é o trabalhador e a tecnologia educacional é a ferramenta. Esse pensamento vai de encontro com os da aprendizagem autônoma, que prioriza o aluno não como um objeto ou um produto, mas como um agente de sua própria aprendizagem. No entanto, conforme Belloni (2003, p.42) nos declara, estamos longe desse ideal de ir além da *assimilação/regurgitação de conhecimento pontuais sem sentido.*

2.2.5 O papel do professor na EaD

Tendo em vista toda a complexidade que envolve as questões relacionadas às inovações tecnológicas e à busca por um aluno mais autônomo, outra questão importante no estudo da Educação a Distância concerne na figura do professor que é incumbido de realizar multitarefas, para as quais, nem sempre está ou se sente preparado. Faz-se necessário uma reflexão a respeito do papel que o professor efetua na EaD.

Keegan (1983, p. 13 apud BELLONI, 2003, p.79) traz-nos um conceito de que *em EaD quem ensina é uma instituição.* Belloni informa-nos que partindo desse pressuposto dado por Keegan, a definição do papel, das funções e das tarefas docentes na Educação a Distância terá dimensões diferentes das encontradas no ensino convencional.

Enquanto no ensino convencional a figura do professor é central, pois é ele quem seleciona, organiza, transmite o conhecimento em suas aulas convencionais, ou seja, no ensino presencial a função docente é assegurada por apenas um indivíduo, já no EaD, essas funções e outras são segmentadas em um equipe responsável, que garantirão qualidade ao processo da aprendizagem, ou seja, *é um processo complexo, multifacetado, que inclui muitas pessoas, todas podendo reivindicar sua contribuição no ensino e, portanto, o título de professor* (MARSDEN, 1996, p. 226 apud BELLONI, 2003, p. 80).

Como exemplo, podemos citar a produção do material didático, que é composto por várias mãos e especialidades: o produtor de material (autor) seleciona o conteúdo; o editor transforma o conteúdo produzido pelo autor em um texto mais atrativo e didático, juntamente com o corpo pedagógico, passando para os *designers instrucionais*, que trabalhará com a aparência visual e a arte final desse conteúdo.

Quando Keegan diz que *quem ensina é a instituição*, é baseado nessa concepção de que a educação a distância, por sua quantidade de alunos, por sua complexidade tecnológica, necessita de um trabalho integrado e sistematizado, para garantir a qualidade do produto final, que é o aprendizado. A maioria das funções apresentadas no exemplo faz parte da vida profissional do professor do ensino presencial, no entanto, *é realizada de forma artesanal e intuitiva com grupos reduzidos de alunos* (BELLONI, 2003, p. 81).

Belloni (2003, p. 83-84) mostra-nos que o professor da EaD deverá se tornar um parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento. A autora descreve algumas funções desse professor, essas funções não pretendem se esgotar ou criar estereótipos definitivos, pois, conforme a autora nos explica, elas servem para trazer a luz o desdobramento da função docente em EaD.

Professor formador: orienta o estudo e a aprendizagem, dá apoio psicossocial ao estudante, ensina a pesquisar, a processar a informação e a aprender; corresponde à função propriamente pedagógica do professor no ensino presencial;

conceptor e realizador de cursos e materiais: prepara os planos de estudo, currículos e programas; seleciona conteúdos, elabora textos de base para unidades de cursos (disciplinas); esta função – didática – corresponde à função didática, isto é, à transmissão do conhecimento realizada em sala de aula, geralmente através de aulas magistrais, pelo professor do ensino presencial;

professor pesquisador: pesquisa e se atualiza em sua disciplina específica, em teorias e metodologias de ensino/aprendizagem, reflete sobre sua prática pedagógica e orienta e participa da pesquisa de seus alunos;

professor tutor: orienta o aluno em seus estudos relativos à disciplina pela qual é responsável, esclarece dúvidas e explica questões relativas ao conteúdos da disciplina; em geral participa das atividades de avaliação;

“tecnólogo educacional” (designer ou pedagogo especialista em novas tecnologias, a função é nova, o que explica a dificuldade

terminológica): é responsável pela organização pedagógica dos conteúdos e por sua adequação aos suportes técnicos a serem utilizados na produção dos materiais; sua função é assegurar a qualidade pedagógica e comunicacional dos materiais de curso, e sua tarefa mais difícil é assegurar a integração das equipes pedagógicas e técnicas;

Professor “recurso”: assegura uma espécie de “balcão” de respostas a dúvidas pontuais dos estudantes com relação aos conteúdos de uma disciplina ou a questões relativas à organização dos estudos ou às avaliações (muito solicitada na época que precede as avaliações, esta função é normalmente exercida pelo tutor, mas não necessariamente);

Monitor: muito importante em certos tipos específicos de EaD, especialmente em ações de educação popular com atividades presenciais de exploração de materiais em grupos de estudo (“recepção organizada”). O monitor coordena e orienta esta exploração. Sua função se relaciona menos com o conhecimento dos conteúdos e mais com sua capacidade de liderança, sendo em geral uma pessoa da comunidade, formada para esta função, de caráter mais social do que pedagógico.

2.2.6 Ferramentas síncronas e assíncronas

A escolha do tipo de ferramenta a ser utilizada para a comunicação em um curso a distância depende do resultado desejado e da forma de interação. Ferramentas síncronas podem ser utilizadas nos casos em que se deseja desenvolver discussões em que se tenham respostas imediatas, onde o aluno não terá tempo para pesquisar mais sobre o assunto abordado. Tais ferramentas se aplicam a situações em que o professor espera checar e analisar o conhecimento adquirido pelo aluno sem que o mesmo tenha a chance de realizar uma consulta mais minuciosa (Marcuschi, 2002).

O uso de ferramentas assíncronas é apropriado para situações onde o professor deseja

que o aluno se aprofunde mais em um determinado tema. Por meio das ferramentas assíncronas, tais como o fórum, o portfólio (individuais e coletivos), a lista etc, os alunos podem responder e analisar os problemas propostos no momento mais adequado a eles. Os alunos também têm um maior espaço de tempo para estudar e pesquisar sobre o tema a ser abordado.

Em um curso a distância, o aluno determina seu horário de estudo, porém, é muito importante que o professor promova alguns encontros virtuais entre os participantes. Estes encontros são úteis para tratar de temas fundamentais sobre o curso.

2.3 Modelos de EaD

A Educação a Distância está em constante mudança. Desde seu início até os dias atuais foram inúmeras transformações, e, portanto, não há um modelo único de educação a distância e sim, múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. O resultado disso é que se pode identificar uma considerável variedade de modelos em que os alunos aprendem a distância.

No entanto, não atentaremos aos modelos existentes e sim em um único modelo de Sistema de Aprendizagem a Distância, o modelo do Centro Universitária Claretiano e suas respectivas ferramentas. A pesquisa tem por objetivo geral mostrar as particularidades desse modelo, a sala de aula virtual e suas importantes ferramentas, em especial e nosso foco de pesquisa, classificar e analisar a ferramenta Fórum, aqui, concebida como um gênero.

2.3.1 O Centro Universitário Claretiano

O MEC nos *Referenciais de Qualidade* informa que os cursos superiores a distância precisam estar inseridos em um sistema de comunicação que permita ao estudante resolver em tempo hábil, questões referentes ao material didático e seus conteúdos, bem como aspectos relacionados à orientação de aprendizagem, relacionando o estudante com docentes (professores-responsáveis, tutores- web), tutores locais, colegas de turma, coordenadores de curso e disciplinas e com os responsáveis pelo sistema de gerenciamento acadêmico e administrativo.

Para atender às exigências de qualidade do MEC nos processos pedagógicos, há a necessidade prioritária em oferecer as condições de telecomunicações, como por exemplo, telefone, fax, correio eletrônico, videoconferência, fórum de debate, ambientes virtuais de aprendizagem etc.

Pensando no Referencial de Qualidade proferido pelo MEC e adequando a necessidade dos seus alunos, o Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR), criou um modelo de plataforma educacional chamado Sistema Gerenciador de Aprendizagem - Sala de aula virtual (SGA-SAV).

O Centro Universitário Claretiano elabora os seus materiais institucionais para o uso a distância, tal como foi recomendado o MEC (BRASIL, 2005, p.14) buscando também integrar as diferentes mídias, explorando a convergência e integração entre materiais impressos, áudios-aulas, de informática, de videoconferências, dentre outros, sempre na perspectiva da construção do conhecimento e favorecendo a interação entre professores e alunos.

O Centro Universitário Claretiano ampara-se na Missão Claretiana no que concerne à necessidade e ao seu compromisso com a formação humana e profissional. Todos os cursos oferecidos, tanto na modalidade presencial quanto a distância, baseiam-se na proposta do *Projeto educativo* desse centro, que sistematiza a ação educacional dos Claretianos “com uma visão de homem enquanto pessoa, ser de relação, como criatura e como um ser educável” (2005-2009, p.10).

Fundamentado na educação humanista, essência da proposta da Ação Educacional Claretiana, proporciona aos docentes o estudo e a vivência de uma pedagogia e de uma didática contempladas pelo projeto educativo, o qual tem como objetivo incidir no desenvolvimento da personalidade, na auto-realização e na autonomia de ser e de aprender do aluno, bem como na formação do espírito de cooperação e de solidariedade. Para isso, a metodologia e didática aplicadas irão se apoiar nos princípios da unidade, personalização, autonomia, atividade, liberdade, interiorização e integridade (PROJETO EDUCATIVO CLARETIANO, s/d.).

É válido salientar que o Centro Universitário Claretiano concebe:

[...] o educador como um profissional e pessoa que tem consciência de seu

valor e exerce um papel fundamental na educação; alicerça seu trabalho numa concepção da pessoa, da vida, do mundo e da sociedade; sente-se um mediador entre a verdade, que deve ser conhecida, e o educando, agente fundamental da educação, aquele que constrói o próprio conhecimento; promove uma educação dialógica que implica reconhecer o educando como pessoa, com identidade e missão pessoal, estimulando-o a assumir sua responsabilidade individual e comunitária; promove uma educação que torna o educando consciente de que ele é o agente de seu processo de aperfeiçoamento; vivencia uma educação aberta ao amor e ao serviço dos semelhantes num mundo animado pela justiça e verdade, às aspirações profundas do ser humano, aos direitos das pessoas, das comunidades, à paz, à solidariedade, às conquistas do espírito humano no campo da filosofia, da ciência e da arte (MISSÃO E PROJETO EDUCATIVO CLARETIANO, s/d, p. 25).

Além das necessidades e compromissos institucionais quanto a excelência na formação de seus alunos o Centro Universitário Claretiano está ancorado nos *Referenciais de qualidade para educação superior a distância* (2007).

2.3.2 Sistema disponível no curso em EAD

Todos os cursos a distância possuem um conjunto de recursos e serviços indispensáveis para a sua realização. São eles:

a) Sistema Gerenciador de Aprendizagem:

5. Sala de Aula Virtual (SAV).
6. Ferramentas de Apoio ao discente e docente.

b) Áudio, vídeo e webconferências.

SAV- SALA DE AULA VIRTUAL

A sala de aula virtual (SAV) em ambiente a distância é um gênero emergente bastante estudado na área educacional e está contida na Educação a Distância (EaD). Ao analisar as aulas virtuais estabelecendo uma relação com as aulas presenciais tradicionais, perceberíamos muitas mudanças, em especial, no que diz respeito à temporalidade e ao espaço. Se as aulas presenciais exigem que todos os alunos estejam simultaneamente na sala com o professor, isso já não acontece nas aulas virtuais, em que o aluno determina tanto o horário de estudo como o seu ritmo de aprendizagem.

FERRAMENTAS DISPONÍVEIS PARA O CURSO

Para as disciplinas cursadas a distância, há conforme vimos, o ambiente virtual de aprendizagem, que é denominado *Sistema Gerenciador de Aprendizagem – Sala de Aula Virtual (SGA-SAV)*. Nesse ambiente, estão disponíveis as seguintes ferramentas: orientações, lista, portfólio, o fórum, bate-papo, material de apoio, FAQ, mural, referências, informativo, links úteis, recados, TCC. As ferramentas importantes para a proposta de estudo no ambiente de aprendizagem serão representadas com figuras correspondentes e foram retiradas da sala virtual.

a) **Orientações:** página de entrada da disciplina na sala de aula virtual. Local em que serão disponibilizadas uma apresentação do tutor-web (professor) e orientações gerais da disciplina, como início e final da disciplina, horário de atendimento ao aluno e o pólo em que o tutor-web atenderá, e-mail para comunicação e também contará com um campo em que o tutor-web ficará responsável por publicar regularmente mensagens que estimulem, motivem e ajudem o aluno a sentir-se seguro e não abandonar o curso. Segue a figura que demonstra a ferramenta *orientações*:

Figura 3 - Orientações.

The screenshot displays the 'Orientações' (Orientations) page within a virtual learning environment. The interface includes a top navigation bar with various icons and a main content area. The course details are as follows:

- DISCIPLINA DE LINGUA PORTUGUESA**
- Data de Início da Disciplina: 18/04/2009
- Data de Encerramento da Disciplina: 13/06/2009
- (ATENÇÃO) O envio de atividades/interatividades, se encerra uma semana antes desta data!
- Professor: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (carolscavazza@claretiano.edu.br)
- Tutoria pelo Internet: Segunda-feira | Terça-feira | Quarta-feira
- Tutoria pelo CEAD-0800: Segunda-feira: 14:00 às 17:35
- Atenção Tutor(a): se precisar alterar seus horários, entre em contato com a Secretária CEAD
- O atendimento de 0800 será feito em: SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Below the course details, there are options for video sharing:

- Para utilizar vídeo, escolha uma das opções abaixo:
- Enviar arquivo de vídeo
- Enviar link de vídeo externo

There are also buttons for 'Salvar Minhas Alterações' and 'Visão do Aluno'. A text editor is visible with the following message:

Publique regularmente breves mensagens de motivação aos alunos, demonstrando afetividade e presença virtual!

Olá prezado (a) aluno (a):
 Seja bem-vindo (a)! É com muita alegria que damos início a disciplina **LINGUA PORTUGUESA**.
 Em **Língua Portuguesa** estudaremos a comunicação e a linguagem. Veremos o conceito de texto, sua tipologia e

b) **Lista:** funciona de forma semelhante ao e-mail, é utilizada para comunicação rápida e seu funcionamento se dá por meio de um software que, automaticamente, distribui as mensagens enviadas por um de seus membros para todos os membros inscritos na lista. O uso pedagógico da lista de discussão pode contribuir para o esclarecimento coletivo de dúvidas, sugestões e críticas dos alunos, de maneira assíncrona e não presencial. O professor poderá trazer textos e vídeos para ampliar o conteúdo da disciplina ministrada, além de o aluno poder trocar com seus pares e professores informações e experiências, assim como também trazer fontes de pesquisas interessantes para a aprendizagem.

Figura 4 - Lista com os links fechados.

ATENÇÃO:
O envio de mensagens se encerrou em 07/06/2009

Data	Remetente	Destinatário	Assunto
04/06/09 14:52	remetente email [DGAD0901SPOJ]	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	RE: RE: RE: Urgente: caros colegas, tenh...
03/06/09 19:56	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	destinatario email [DGAD0901SPOJ]	RE: Postagem das atividades
03/06/09 19:37	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	destinatario email [DGAD0901SPOJ]	RE: RE: Urgente: caros colegas, tenho uma ...
02/06/09 12:03	remetente email [DGAD0901SPOJ]	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	Postagem das atividades
02/06/09 11:42	remetente email [DGAD0901SPOJ]	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	RE: Novo texto
02/06/09 11:33	remetente email [DGAD0901SPOJ]	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	RE: Novo texto! Gabriel Perissé
01/06/09 21:23	remetente email [DGAD0901SPOJ]	destinatario	RE: Urgente: caros colegas, tenho uma reinvi...
01/06/09 21:04	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	destinatario	Novo texto
29/05/09 15:55	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	destinatario	Fórum
28/05/09 10:18	remetente email [DGAD0901SPOJ]	destinatario	Urgente: caros colegas, tenho uma reivindica .
28/05/09 10:05	remetente email [DGAD0901SPOJ]	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	RE: Novo texto! Gabriel Perissé
25/05/09 20:11	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	destinatario	Novo texto! Gabriel Perissé
22/05/09 17:18	remetente email [DGAD0901SPOJ]	destinatario email [DGAD0901SPOJ]	RE: RE: RE: Prova dia 13 ou dia 20/06 ?.
22/05/09 17:17	remetente email [DGAD0901SPOJ]	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	RE: RE: RE: RE: RE: Proietos de pesquisa
22/05/09 08:31	CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI email	destinatario	PROVA 13 DE JUNHO!!!!

Mais: 1 2 3 4 5 6 Todas

Filtrar

Remetente:

Figura 5 - Lista com os links abertos

Claretiانو 19:35:15
Sistema Gerenciador de Aprendizagem

quinta-feira, 24 de setembro de 2009

CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI - Perfil: Professor

CLIQUE E ESCOLHA O ESPAÇO VIRTUAL

Lista de Presença | Orientações | Material de Apoio | Portfólio | Fórum | Lista | Atividades Off-line | Avaliação | Mensagens em Tu

ATENÇÃO:
O envio de mensagens se encerrou em 07/09/2009

MENSAGEM

Remetente: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI <100094>
Destinatário: TODOS <TODOS>
Data: 25/05/09 20:11
Assunto: Novo texto! Gabriel Perissé
Anexo: [a arte de calar - gabriel.perisse.doc](#)

Queridos estimados alunos,
Como passaram o final de semana? Espero que tenham descansado bastante!
Para aqueles que ainda não mandaram suas atividades e nem responderam ao Fórum novo, por gentileza, façam até semana que vem, pois quero corrigir tudo com afinco.
O texto escolhido para essa semana é do jornalista Gabriel Perissé, chamado "A arte de calar".
Um texto um tanto interessante, porque nos ensina o valor do silêncio.
Para aqueles que me conhecem pessoalmente, sabem como isso é difícil para mim!
Humor a parte, espero que vocês curtam o texto e aguardo os comentários.
Abraços,
Carol

Ps. Estou com saudades de vocês!

Mensagem enviada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI [100094]

RESPOSTA

Remetente: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI
Destinatário: [(Prof.) CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI]
Assunto: RE: Novo texto! Gabriel Perissé
Mensagem:

Atenção! O tamanho máximo permitido para os anexos é de 8MBytes.

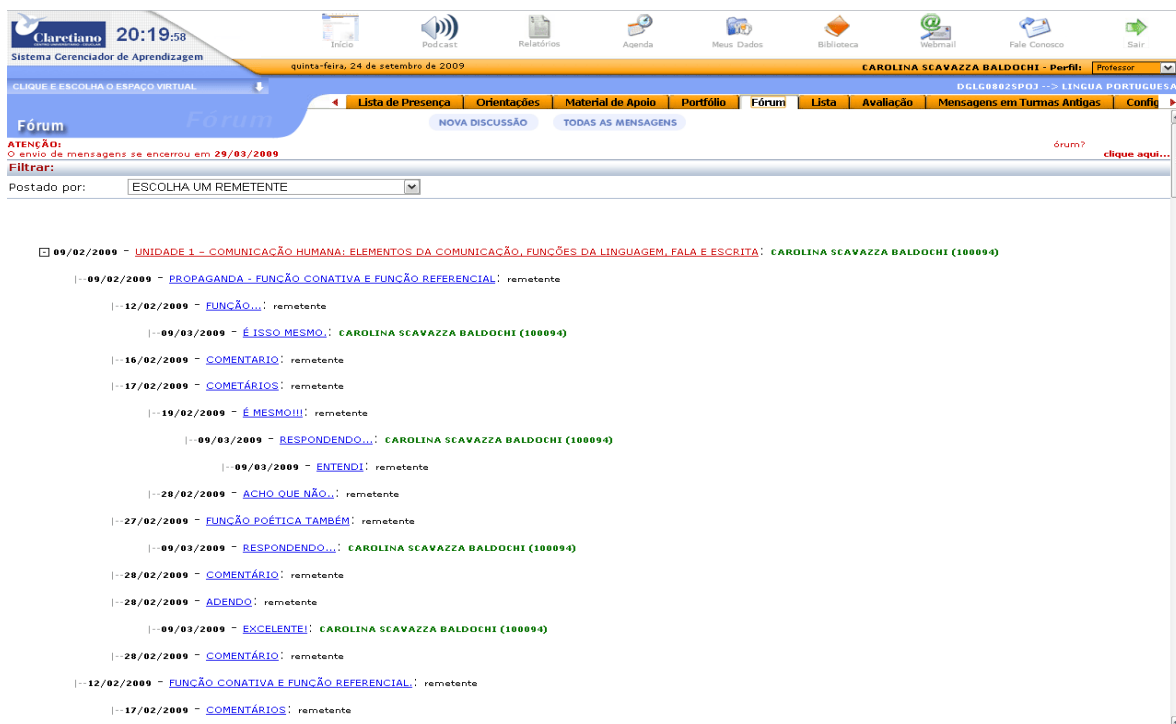
c) **Portfólio**: ferramenta na qual pode ser compartilhada a atividade com o tutor ou, propositalmente, com um grupo autorizado. O portfólio é utilizado para a avaliação continuada das disciplinas e também para os grupos de estudo. Não é uma ferramenta que provoca discussões ou interações como o fórum, no entanto, apesar de ser uma ferramenta quase de uso individual, salvo quando proposto o portfólio em grupo, o portfólio gera reflexão e pesquisa sobre a questão estudada na disciplina. Todas as tarefas desenvolvidas no portfólio são chamadas atividades e não lhe cabe, por exemplo, postagem de uma interatividade (em que se deve utilizar o fórum) ou uma sugestão de filme ou dúvidas (em que se deve utilizar a lista).

d) **Bate-Papo**: também chamado de *chat*. Nem sempre essa ferramenta é habilitada, dependendo da necessidade de cada disciplina. Os alunos aguardam as orientações do tutor para o uso. Essa ferramenta permite a comunicação síncrona entre os participantes de um curso por meio de ferramentas textuais. O bate-papo na Internet pode ser uma ferramenta pedagógica muito útil, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem de diferentes formas. No entanto, para ter uma boa utilização dos benefícios do bate-papo numa situação de aprendizagem, é necessário que as atividades sejam bem planejadas e mediadas pelos professores.

e) **Fórum**: ferramenta importante que possibilita a discussão e reflexão de um assunto em grupo. É também um dos instrumentos da avaliação continuada, assim como a lista. O fórum pode ser usado para desenvolver uma discussão em torno de uma

questão a partir do conteúdo de um capítulo, por exemplo. É uma ferramenta propícia para desenvolvimento da aprendizagem colaborativa, em que alunos e professores questionam, fazem reflexão a cerca de um conteúdo, tecem e constroem textos com múltiplas vozes e pensamentos. Ambiente rico em interação, porém, é um ambiente em que não se deve tratar de outras questões que não seja a proposta pelo professor.

Figura 6 - Fórum com os links fechados.



As próximas ferramentas, apesar de não serem importantes para este estudo, contribuem dando suporte ao aluno, tirando dúvidas e esclarecendo o formato de estudo a distância. São elas:

f) **Material de Apoio:** espaço destinado para publicação do material didático do curso. Nesta ferramenta, o aluno encontrará o *Guia de disciplina*, *Caderno de referência de conteúdo (CRC)* *Caderno de atividades e interatividades (CAI)*.

g) **Mural:** funciona como um *post-it*, ou seja, um local onde se poderão colocar pequenos recados.

h) **Referências:** ferramenta destinada à criação de uma biblioteca de links e de referências bibliográficas (livros, revistas etc.).

i) **Informativo**: nesta ferramenta, serão disponibilizadas todas as informações durante o curso.

j) **Links Úteis**: oferece atalhos para configuração de navegadores (Internet Explorer, Firefox, Mozilla) e download de alguns programas (*Plugin Java*, *Flash* e *Acrobat REaDer*), para uma melhor utilização da SGA-SAV.

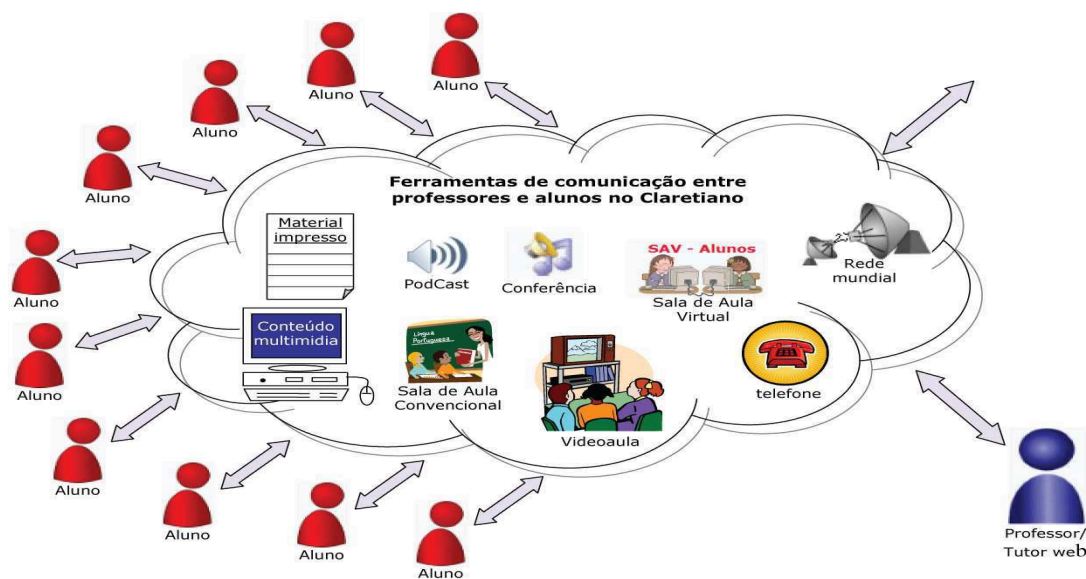
l) **Recados**: permite a visualização de todos os recados enviados à turma pela equipe organizadora e tutores.

m) **TCC**: ferramenta destinada ao planejamento (Proposta de TCC), organização, orientação, elaboração, entrega e avaliação do TCC.

o) **FAQ**: sigla de *Frequently Asked Questions* (Perguntas mais freqüentes). É uma ferramenta que poderá conter perguntas e respostas básicas a respeito das disciplinas e do curso.

Em resumo, o fluxo de mensagens entre professores e alunos no modelo claretiano acontece com a utilização de tecnologias de comunicação que proporcionam a interação entre professores, alunos e os conteúdos didáticos, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 7: Modelo de EAD do Claretiano.



Fonte: Material de Tecnologia Educacional para Educação a Distância do Centro Universitário Claretiano.

Capítulo 3

Em busca da caracterização do fórum educacional

Não basta ensinar ao homem uma especialidade, porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias, para determinar com exatidão seu lugar preciso em relação a seus próximos e à comunidade. (Albert Einstein)

3.1 Situando o gênero fórum educacional

Originalmente a palavra *fórum* significa lugar de reunião. Transposta para o ambiente virtual, o Fórum on-line toma a dimensão de um espaço virtual em que se reúnem as opiniões e interações, diferentes ou não, de uma dada comunidade discursiva. Percebe-se nitidamente no gênero Fórum on-line o conceito de *comunidade virtual*²⁸, ou seja, conjunto de indivíduos ou membros que se inter-relacionam em níveis de confiança, credibilidade e partilha de interesses comuns, conforme apontam Paiva e Rodrigues Júnior (documento eletrônico)²⁹.

A esse respeito Marcuschi (2005, p.58) afirma que

não existem temas fixos, mas existe algo assim como um **enquadre geral** de temas que podem ser falados pelos participantes dessas listas. Elas não são definidas pelos números de participantes e sim pela natureza da participação e pela identidade do participante. Este é identificado ou pelo seu nome ou pelo seu endereço eletrônico.

²⁸ O conceito de comunidade virtual foi trabalhado no capítulo anterior; cf. Pierre Lévy, 1999.

²⁹ A citação de Paiva e Rodrigues Júnior foi retirada do site: <http://www.veramenezes.com/moderador.pdf>. Acesso em 02/10/2009. Esse texto faz parte do livro PAIVA, V. L. M. O.; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, J. L. (Org.). *Internet & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, no prelo.

Com base em Miller (1984, apud PAIVA e RODRIGUES JÚNIOR, no prelo), Paiva e Rodrigues Júnior caracterizam o fórum on-line como um gênero digital voltado principalmente para discussões em que as escolhas discursivas dos usuários tendem a retratar seus interesses comunicativos e, sobretudo, a oferecer pistas linguísticas e discursivas como elementos retóricos que constituirão esse gênero digital enquanto uma ação social.

No entanto, o fórum educacional apresenta particularidades que, de certa maneira, o afastam da caracterização apresentada por Marcuschi e Paiva e Rodrigues Júnior, justamente por sua dimensão pedagógica, que o insere num espaço sócio-ideológico constituído – as Instituições de Ensino – em que circula um sistema de gêneros³⁰ como forma de comunicação nessa esfera.

O fórum educacional é aqui concebido como um gênero que se constituiu dentro da sala de aula virtual na modalidade a distância. Mostramos no primeiro capítulo que não há originalidade nos gêneros nascentes; eles surgem do desmembramento de outros gêneros, o que é, para Bakhtin, característica do próprio gênero, que não deve ser visto como algo estático, estanque, e sim, sujeito a modificações decorrentes da necessidade e das transformações da sociedade. Nesse sentido, o fórum educacional ganha seus contornos genéricos específicos a partir de uma atividade ‘tradicional’ de sala de aula em ambiente presencial – a discussão ou debate – que, transposta para o ambiente virtual, se configura como uma ferramenta, com finalidade específica, para atuar num lugar e momento que lhe são próprios, apresentando uma organização textual *sui generis* e colocando em interação parceiros legitimamente constituídos e com perfil particular.

Como ferramenta, o fórum medeia ao mesmo tempo em que materializa a interatividade desenvolvida em um dado contexto educacional, tornando, assim, um lugar privilegiado para discussão e que promove a construção do posicionamento crítico do aluno. Compreender o gênero fórum educacional como ferramenta possibilita não só a aquisição de mecanismos para o uso dessa ferramenta no ensino e na aprendizagem,

³⁰ Adotamos aqui o conceito de sistema de gêneros de acordo com Bazerman (2005, p. 32): conjunto de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada, e também as relações padronizadas que estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos. Um sistema de gêneros captura as sequências regulares com que um gênero segue um outro gênero, dentro de um fluxo comunicativo típico de um grupo de pessoas.

mas também fortalece a compreensão do gênero bem como suas possibilidades e restrições de manipulação por parte do professor atuante nesse meio. Embora os gêneros não devam ser concebidos como formas que se encontram à disposição do locutor, que ajusta seus enunciados a “moldes genéricos”, quando inseridos no espaço educacional, não podemos deixar de reconhecer que, muitas vezes, eles se constituem em objeto de estudo. Desse modo, se, por um lado, os gêneros são constitutivamente práticas sociais, por outro, quando transpostos para o ambiente escolar, os gêneros ganham um estatuto de objeto que pode ser analisado, manipulado e usado para fins de aprendizagem.

Os Fóruns educacionais caracterizam-se principalmente pela relação dialógica que permeia os múltiplos discursos produzidos por seus participantes virtuais (no caso alunos e professores – tutores – em ambiente educacional), necessitando de eventos comunicativos, no qual os agentes do discurso compartilhem objetos ou propósitos comuns.

3.2 Perseguindo um objetivo: a caracterização do fórum educacional

Como apontamos na Introdução deste trabalho, nosso objetivo mais amplo foi buscar uma caracterização do fórum educacional – objeto desta investigação – pela ótica bakhtiniana.

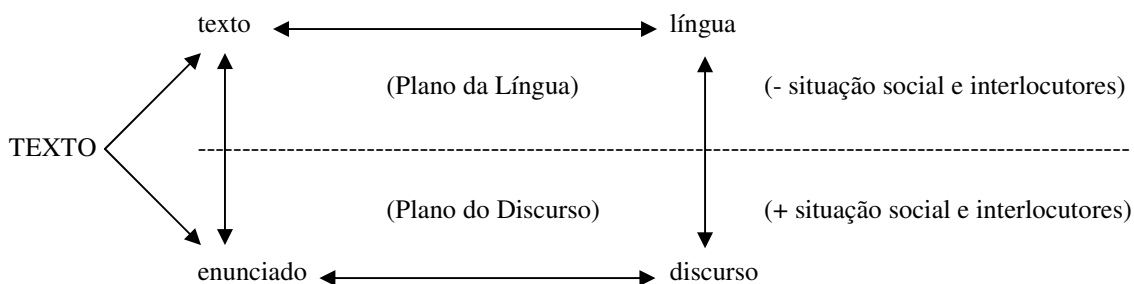
A escolha desse horizonte teórico impõe uma perspectiva teórico-metodológica específica: não se pode determinar um gênero, restringindo-se a uma mera “descrição”³¹ desse objeto, principalmente se se entende essa descrição como um levantamento das marcas linguísticas que assumem os textos produzidos de acordo com um ou outro gênero. Esse tipo de descrição se circunscreve às teorias dos gêneros textuais, configurando uma vertente voltada para a descrição da composição e materialidade do texto, de que fala Rojo (2002). Considerando a figura 8 apresentada por Rodrigues (2004), pode-se constatar que tais abordagens se inscrevem na parte superior – nomeada

³¹ Rodrigues (2004, p. 432) afirma que a expressão “descrição de gênero” tornou-se frequente nos estudos sobre o assunto; no entanto, segundo a autora, o que se faz nessas pesquisas é, na verdade, uma “descrição interpretativa” dos gêneros. No entanto, pensamos que, quando se trata de uma análise puramente linguística, essa interpretação se torna restrita e parcial, uma vez que se volta inteiramente para a materialidade do texto.

Polo 1 – em que são abstraídos os aspectos sócio-históricos constitutivos, adotando-se uma visão linguístico-textual imanente.

Já uma descrição (interpretativa) dos gêneros da ótica bakhtiniana se inscreve no Polo 2, em que se volta para os enunciados concretos e vivos, enunciados necessariamente entendidos de acordo com uma concepção sócio-ideológica da linguagem.

Pólo 1



Pólo 2

Figura 8 - Relação entre texto e enunciado, língua e discurso (RODRIGUES, 2004, p. 427)

Bakhtin (2006, p. 129) explicita uma metodologia de pesquisa para o estudo da mudança das formas da língua, que pode muito bem ser aplicada à análise dos gêneros. Segundo o autor, a ordem metodológica para esse estudo parte da dimensão social para as formas da língua, pois não se pode dissociar o signo da comunicação social. Assim, o percurso de análise envolveria três estágios, em que se buscam:

- a) as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
- b) as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
- c) a partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Rodrigues (2004, p. 432) interpreta o primeiro e segundo estágio da análise, respectivamente, como a) o estudo das esferas sociais e das suas situações de interação; e b) o estudo dos enunciados em ligação com os seus gêneros, da esfera cotidiana e das ideologias formalizadas.

Desse modo, adotar uma metodologia de natureza bakhtiniana exige que se parta da situação social – que inclui a esfera em que circula o gênero – para posteriormente buscar suas formas linguísticas relevantes, passando pelos três componentes indissociáveis que configuram um gênero: conteúdo temático, estilo e composição. Aqui invocamos Rojo (2002, p. 15):

Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seu(s) *interlocutor(es)* e *tema(s)* discursivos –, e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

O corpus desta pesquisa é formado de cinco fóruns educacionais trabalhados no primeiro e segundo semestre de 2009, nos cursos de graduação. Os Fóruns 1, 2, 3 e 4 apresentados nos Anexos com a mesma numeração, referem-se às atividades desenvolvidas na disciplina *Língua Portuguesa*, por alunos do primeiro ano em Bacharel em Administração (Fórum 1 e 4), de Licenciatura em Geografia (Fórum 2) e de Licenciatura em Pedagogia (Fórum 3). O Fórum 5 foi desenvolvido no segundo semestre do mesmo ano, na disciplina *Políticas da Educação Básica*, e dele participaram alunos do segundo ano de Licenciatura em História. Ambas as disciplinas foram ministradas por esta pesquisadora. No trabalho com o corpus, os Fóruns serão identificados como F1, F2, F3, e F4 e F5, e os alunos, pelo termo “participante” (P) seguido de uma identificação numérica, para garantir o anonimato.

3.2.1 Percurso metodológico

Com base em Bakhtin (2006), Rodrigues (2004) e Rojo (2002), adotamos o seguinte percurso metodológico:

- 9 Identificação da esfera social-comunicativa onde circula o gênero fórum educacional e a finalidade do gênero;
- 10 Caracterização da situação de interação desse gênero, que envolve os parceiros da comunicação e seus papéis na interação;
- 11 Caracterização dos componentes constitutivos do gênero: os temas – conteúdos ideologicamente conformados – comunicáveis por meio desse gênero; a estrutura composicional que organiza o texto; as marcas linguísticas ou estilo do gênero.

É necessário alertar que essas três dimensões (item 3) são determinadas pelos parâmetros da situação de produção do gênero, conforma aponta Bakhtin (2006, p. 116): qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo **pela situação social mais imediata**. (grifo do autor).

Ainda como instrumento de análise, quando focalizados os turnos e as funções que assumem no gênero fórum educacional, serão adotadas as quatro categorias, apresentadas por Hewings, Coffin e North (2006), para o que elas chamam de *‘intervenção’* (neste trabalho, o termo tem equivalência com *turno*).³² Essa categorização toma por base a função que as intervenções ou turnos desempenham na dinâmica da discussão:

- a) **Intervenção voltada para o tópico de discussão:** o enunciado contribui para o progresso da argumentação. Ele envolve a tese, argumento e contra-argumento, relato de ações ou eventos, descrição, explicação marcada por relacionamento causal, experiência profissional ou pessoal, exemplos, questionamentos, ou seja, todos os movimentos que contribuem efetivamente para a construção da discussão.
- b) **Intervenção de ordem social:** voltada para a construção ou negociação das relações sociais. Ela envolve encorajamento, provocação, deferência, saudação, entre outros movimentos.

³² Nesta análise, as intervenções são tomadas na ordem em que elas foram mandadas, o que nem sempre corresponde à ordem em que os participantes as leram ou responderam a elas.

- c) **Intervenção de ordem procedural**, voltada não para a discussão do tópico, mas para o estabelecimento e a manutenção das condições que permitem que a discussão ocorra. Nesse tipo estão incluídos os pedidos de ajuda relativos a procedimento de ordem técnica quanto ao cumprimento da tarefa, e intervenções diretivas, em que um participante (normalmente o tutor) instrui os participantes a conduzir a tarefa.

- d) **Outros tipos de intervenção**, que podem ser caracterizados como “conversas de aula” e que não podem ser subsumidas por nenhuma categoria anterior. Neles se incluem dúvidas pontuais ou respostas não relacionadas ao tópico em discussão, e as participações do tutor quando avalia a participação dos alunos.

3.2.2 Identificação da esfera social-comunicativa onde circula o gênero fórum educacional

O fórum educacional circula em espaços institucionais cuja finalidade é exclusivamente educativa, configurando o que chamaríamos de “escolas virtuais”. Trata-se de organizações com uma estruturação que pressupõe atividades específicas e, portanto, formas típicas, padronizadas de comunicação, que formam um sistema de gêneros. Embora, como vimos no cap. 2, na modalidade da EaD ocorram aulas presenciais, a grande maioria das interações é mediada pelo computador, quando se trata da relação instituição-aluno.³³

Como se viu no cap. 1, Marcuschi (2002a, 2006) defende a tese de que os gêneros emergentes não são genuinamente novos, mas constituem desmembramentos de outros. Assim como o chat (ARAÚJO, 2001) – gênero secundário – é visto como uma transmutação da conversação cotidiana – gênero primário -, o fórum educacional – gênero secundário – é oriundo de outro gênero secundário: o debate ou discussão em sala de aula (presencial)

³³ Não se consideram aqui todos os gêneros que circulam nesse espaço institucional, como, por exemplo, os gêneros usados para a interação dos que administram as instituições, incluindo-se aí memorandos, ofícios, e-mails, entre outros. A atenção neste trabalho está voltada para um dos gêneros que envolvem a interação aluno – professor-tutor.

Desse modo, bakhtinicamente falando, o fórum educacional é um gênero secundário, porque circula numa esfera constituída por sistemas ideológicos, que surgem em situações sociais mais complexas e evoluídas, como é o caso da interação em sala de aula virtual mediada pela Web.

Nesse ambiente, o aluno deve dominar um conjunto de gêneros, por meio dos quais ele interagirá virtualmente, como o Portfólio, a Lista e o Fórum, por exemplo, cada um com finalidades específicas, como se viu no cap. 2.

O fórum educacional tem como finalidade a interação e a construção coletiva de conhecimentos e saberes entre os participantes no ambiente da EaD, além de servir para desenvolver a postura crítica do aluno. Aqui reside uma das condições para o reconhecimento de um gênero, conforme aponta Maingueneau (2001): o gênero fórum educacional possui duas finalidades interdependentes e complementares: uma relativa à aprendizagem, portanto, de cunho especificamente pedagógico, que resulta em avaliação do aluno, e outra mais geral, voltada para a formação crítica do indivíduo. Mas, numa perspectiva mais imediata, a finalidade do fórum educacional é propiciar o espaço privilegiado em que os alunos participem colaborativamente da construção do conhecimento, por meio de discussão. Afinal, um dos objetivos da educação é desenvolver nos estudantes uma atitude crítica em relação ao conhecimento e a habilidade para apresentar argumentos consistentes que sustentem pontos de vista. Tradicionalmente, essas habilidades têm sido desenvolvidas e praticadas na interação dialógica face-a-face e em textos escritos cujo autor é o estudante, como ser individual. No fórum educacional, a argumentação é colaborativa, pois é co-construída pelos participantes, que cooperam numa tentativa de acomodar diferentes pontos de vista.

No fórum educacional, assim como nos outros gêneros, os participantes contam com uma rotina programada de atividades interativas, cujos interlocutores são seus colegas de sala virtual, bem como o professor-tutor, sendo levados a estabelecer teias de conhecimento, por meio de tarefas sequenciais. No entanto, as possibilidades de interação não se esgotam aí: os participantes interagem também por meio das Listas e Portfólios, que apresentam características distintas, como foi apresentado no cap. 2.

3.2.3 Situação de interação do fórum educacional: os parceiros da comunicação e seus papéis na interação

Como afirma Rojo (2002), em cada esfera comunicativa, os parceiros da enunciação podem ocupar determinados lugares sociais – e não outros – e estabelecer certas relações hierárquicas e interpessoais – e não outras.

Naturalmente, essa relação também se presentifica no fórum educacional, que, como um gênero de discurso da esfera ‘instituição de ensino virtual’, envolve relações e papéis específicos no ambiente da EaD. Para caracterizar esse gênero desse ponto de vista, é preciso indagar a respeito das condições sociais concretas em que se realiza essa interação. Trata-se de uma esfera que põe em interação um professor-tutor e os alunos de um curso universitário.

Relativamente a esse aspecto, encontramos outra condição de reconhecimento do gênero, como aponta Maingueneau (2001): o estatuto de parceiros legítimos. Dentro do fórum educacional todos participantes, alunos e professor, desempenham papéis específicos na cena enunciativa. Nessa modalidade, há uma assimetria de papéis. O professor assume o papel de tutor, que monitora as interações, desempenhando a função de um mediador. Se, na sala de aula presencial, o professor pode, às vezes, tornar a única voz ‘legítima’, impondo a sua perspectiva, na sala virtual, essa atitude não se verifica. Sua função inclui propor o tema da discussão, corrigindo os rumos da discussão, quando ocorrem digressões, chamando a atenção para aspectos que devem ser ressaltados, fornecendo novas fontes de consulta, quando necessário, apoiando ou não a participação dos participantes, entre outras. No entanto, isso não impede que ele use da modalidade deôntica, dificilmente encontrada nas interações dos participantes. Por sua vez, os alunos, a quem é dado o papel principal, partilham de um mesmo estatuto: constituem aqueles que devem construir colaborativamente o (novo) conhecimento, sob o monitoramento do professor-tutor. Essa interação deixa à mostra o caráter dialógico e polifônico do gênero. Como apontam Scorsolini-Comin, Inocente e Matias (2009, p. 180),

De acordo com as proposições bakhtinianas, o fórum pode ser compreendido como um espaço no qual diferentes alteridades poderiam ser atualizadas, uma vez que cada aluno registra a sua opinião a partir de uma proposição inicial e os demais vão

construindo os seus comentários baseados em registro anterior. [...] Os Fóruns, portanto, seriam espaços possibilitadores de construção deste intertexto, uma vez que as palavras de uma pessoa estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante se constitui também do discurso do outro que o atravessa (as vozes sociais, seu conhecimento de mundo, sua experiência profissional, os discursos de tutores, professores e colegas de turma, por exemplo), condicionando o discurso do eu (Brait, 2003), expresso em forma de opinião posicionada no fórum.

Trata-se, assim, de um gênero em que as atitudes responsivas são explicitadas verbalmente.

Esses papéis estão atrelados ao lugar e momento legítimos de que fala Maingueneau (2001). O fórum educacional é parte integrante da sala de aula virtual (SAV). As interatividades propostas somente deverão ser desenvolvidas nesse ambiente, não sendo, portanto, admitido o uso de outra ferramenta. A interatividade só poderá ser desenvolvida em outra ferramenta, como Chat, se tiver alguma proposta pedagógica que justifique o uso da tal gênero. O fórum, assim, constitui um novo lugar para o desenvolvimento das habilidades críticas; desse modo, é necessário dominar esse gênero para agir nesse ambiente, e isso inclui o reconhecimento dos papéis e relações característicos dessa ferramenta.

3.2.4 Caracterização dos componentes constitutivos do fórum educacional: temas, marcas linguísticas ou estilo e estrutura composicional

Assim como os parceiros da enunciação devem ocupar determinados lugares sociais e se adequar a relações hierárquicas e interpessoais de acordo com o gênero, também na configuração dos gêneros são selecionados e abordados certos temas e não outros. Como afirma Rojo (2002), os gêneros refletem um conjunto possível de temas e de relações nas formas e estilos de dizer e de enunciar.

O fórum educacional sempre terá um tema fixo, proposto pelo professor com base no programa curricular do curso, não podendo ser discutidos outros assuntos que não tenham por base o conteúdo estudado na disciplina. Portanto, diferentemente do fórum online, o fórum educacional possibilita a abordagem de um conjunto restrito de temas, propostos pelo professor-tutor, que sobre eles exerce um controle de acordo com

a programação da disciplina. Ressalte-se que em cada fórum desenvolve-se apenas um tema.

Uma outra característica do fórum é a presença das marcas de oralidade. Como apontam Paiva e Rodrigues Júnior (no prelo) “oralidade e escrita se imbricam, formando discursos híbridos que ora circulam na instância da oralidade, ora da escrita”. Com efeito, na fala de um mesmo participante “convivem” harmoniosamente, por força da convenção genérica, construções, léxico, sinais de pontuação tanto da modalidade oral, registro informal, quanto da modalidade escrita, registro formal, embora se deva apontar que, comparativamente à conversação, o nível de formalidade seja maior na interação virtual. A intervenção apresentada em (1) mostra esse caso³⁴:

F5

Assunto: 02/10/2009 - Para Participante 01

Postada Participante 03

por:

Muito interessantes esses dados. Confesso que não fazia a menor idéia de como eram beneficiadas (será que se pode falar em beneficiamento, com essas "merrecas"???) as escolas. Um tema interessante para uma CPI (se tivéssemos parlamento digno desse nome) seria fiscalizar tudo o que é arrecadado para o FUNDEB e o modo concreto com que o dinheiro é aplicado. Desconfio que boa parte do dinheiro se perca pelo caminho, utilizada em propaganda do próprio governo, em financiamento a "escolas" do MST, em mensalões e coisas do gênero... E o que é realmente canalizado para o ensino, também se aplique mal, por falhas administrativas, por falta de planejamento adequado.

Uma característica marcante do fórum educacional diz respeito ao fato de a interatividade acontecer inteiramente por escrito, não havendo a superposição de semioses (verbo-sonoro-visual), como é o caso, por exemplo, do chat aberto. Uma análise do corpus desta pesquisa mostra a ausência de elementos paralinguísticos, como, por exemplo, os *emoticons*, e, apenas raramente, encontram-se abreviações como “vc”, em lugar de “você” ou “hj”, em lugar de “hoje”.

No entanto, os participantes comportam-se como se estivessem numa situação da modalidade oral; daí a presença de marcas de oralidade, mas não de elementos típicos do chat (*emoticons* e frequentes abreviações). Para ilustrar, trazemos um exemplo de

³⁴ Foram mantidas as grafias originais dos alunos e professor. Nos Fóruns que compõem o corpus, é importante notar que a ordem dos textos não condiz com a ordem em que foram postadas as interatividades.

chat aberto (CA) trabalhado por Araújo (2004, p. 1286), em que o internauta se mostra romântico com sua interlocutora. Segundo o autor, essa leitura é possível porque o símbolo @ é combinado com pequenos traços intercalados por uma vírgula, aproximando-se do desenho de uma flor.

(2)

<CA> (12:45:14) **b@nb@n@** grita com Seçretâ videokê @: oi!!!!!!minha linda, minhas safiras em forma de olhar, pk vc naum consegue o lokuax!!!!!! a conekçãum e melhor @----,--- é pra vc...

Como mostra o autor, mesmo no chat educacional³⁵ aparecem os sinais paralinguísticos e as abreviações, como mostram os exemplos (3) e (4):

(3)

<CE> **Romulo:** que nada Renilson já estou expert em chat, graças a grande Lourdes :-) (**grifo nosso**)

(4)

<CE> **Lourdes:** Olha Rômulo vou sair agora **pq** preciso fotografar os meninos e eles voltarem para a escola mas eu falo com **vc** hoje. (**grifo nosso**)

O fato de o fórum educacional não apresentar de forma significativa essas marcas características do chat pode dever-se a dois fatores. Em primeiro lugar, enquanto no chat os papéis são simétricos, estando ausente uma relação hierárquica entre os participantes, no fórum educacional, há sempre a mediação e o monitoramento de um professor-tutor, que assume um papel de autoridade, o que resulta em controle sobre o que é dito e como é dito. Em segundo lugar, o fórum educacional é uma das atividades em que o aluno é avaliado, situação que leva a uma preocupação maior com o estilo. Assim como o professor-tutor assume um estilo compatível com seu papel, os participantes tendem a manter um registro um pouco mais formal; no entanto, deve-se reconhecer que o registro informal não está ausente da fala dos alunos, como vimos em (1). A título de comparação, vejam os exemplos (5) e (6), retirados de F5, em que os participantes escolheram, respectivamente, um registro mais formal e um registro informal :

³⁵ O autor informa que o *corpus* relativo ao chat educacional (CE) foi retirado de um banco de dados de um projeto chamado *o uso pedagógico do chat*, disponível em <<http://www.ltnet.org/SchoolLinks/ChatPilot>>.

(5) F5

Assunto: 01/10/2009 - Unidade ! - meu modo de pensar

Postada por: Participante 03

Respondo pontualmente ao que foi pedido, comparando o FUNDEF e o FUNDEB. Ressalvo que não pude ter acesso direto aos textos legislativos que instituíram esses dois fundos, de modo que meu conhecimento é muito superficial, é somente baseado no resumo sumário que deles apresenta a apostila.

(6) F5

Assunto: 03/10/2009 – Ao Participante 03

Postada por: Participante 01

O MST deve ter **muita verda** "importada" e nacional, pois eles não não **largam a teta**. Há assentamentos que deram certo? Uma CPI poderia até dar um ar de fiscalização, entretanto sempre **acaba em pizza, alyiás um prato bem manjado**. (grifo nosso)

No entanto, os alunos mostram tendência geral de usar um registro formal, quando o interlocutor é o professor-tutor, a quem se dirigem de maneira mais polida e educada, como vemos em (7). Esse estilo de enunciado reflete a relação hierárquica entre os participantes, o que revela a assimetria de papéis como já visto acima.

(7) F1

Assunto: 25/05/2009 **Professora, ajude-me!**

Postada por **Participante 6**

Acho que não entendi direito as perguntas. Não é para falarmos sobre a função de linguagem mais usada em uma mesa de bar entre amigos e depois falarmos sobre a música? Professora, poderia esclarecer por favor? Estive lendo a resposta de meus colegas e não entendi direito o exercício.

Quanto à sua organização e funcionamento, o fórum educacional é iniciado com uma questão inserida num tema, que é postada pelo professor-tutor. A partir dessa questão, os alunos começam a interagir. Cada intervenção postada constitui um turno, que não é linear; um aluno pode interagir com outro sem seguir uma linha cronológica, como se constata no exemplo (8), em que as mensagens não estão abertas:

(8) F5

/10/2009 – [Participante 01 e participante 03](#): do participante 06

- 05/10/2009 – [Participante 06](#): participante 03

- 20/10/2009 – [RESPONDENDO...](#): **CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)**

- 12/10/2009 – [Para o participante 06](#): do participante 07

- 13/10/2009 – [Para o participante 06](#): do participante 02

Assim, o fórum educacional tem um início padrão: o professor-tutor propõe uma atividade que leve os estudantes a discutirem um tópico do programa, como o exemplo (9) de F1.

(9) F1

Assunto: 22/05/2009 - Questão sobre Função de linguagem

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Anexo: [amigo é pra essas coisas-1.doc](#)

Funções da Linguagem

Como nós vimos na Unidade 01 – Funções da Linguagem – a linguagem é usada para manifestar objetivos, propósitos quando as pessoas se comunicam, isto é, é usada para funcionar em determinada situação. A partir dessa idéia, um linguista, Roman Jakobson, identificou seis funções da linguagem: referencial (a linguagem é usada para informar, para dizer algo sobre o mundo), emotiva (a linguagem é usada para expressar emoções, sentimentos, opiniões), conativa (a linguagem é usada para agir sobre o ouvinte ou leitor, levando-o a adotar um comportamento qualquer, realizar uma ação), fática (a linguagem é usada para estabelecer contato), metalinguística (a linguagem é usada para falar da própria linguagem), poética (a linguagem é usada para expressar os sentimentos do emissor por meio de textos que enfatizam a sonoridade, o ritmo e por meio das formas verbais).

Tendo isso em mente, discuta as propostas abaixo a partir do que segue.

1. Considere a seguinte situação hipotética: Colegas de trabalho, numa sexta-feira, depois de uma semana cansativa, reúnem-se num bar, depois do expediente, para “curtir” uma ‘happy hour’.

2. Leia a letra da música “Amigo é pra essas coisas”, de Aldir Blanc e Sílvio Da Silva Jr., interpretada por Chico Buarque de Holanda.

PROPOSTAS

Discuta com seus colegas:

1. Embora hipotética, a situação apresentada reflete uma prática social muito comum atualmente. Considerando essa situação, responda: que função da linguagem seria mais provável nessa interação? Em que você baseia sua resposta?

2. Com relação à música, responda: qual a função da linguagem predominante? Por quê? Lembrete: a) os textos não apresentam apenas uma função, mas várias ou mesmo todas, hierarquizadas, ou seja, há em cada texto uma função predominante, o que não exclui a presença de outra(s); b) os textos-mensagens empregam procedimentos linguísticos e discursivos que produzem efeitos de sentido relacionados com as diferentes funções e que nos permitem identificá-las; c) nem sempre haverá uma resposta única, pois podemos argumentar em uma ou outra direção.

Outra característica particular do fórum diz respeito à temporalidade. As contribuições via de regra não acontecem cronologicamente e os participantes têm a

liberdade de escolher as interações que mais lhes interessam, o que não pressupõe uma ordem temporal. Diferentemente da interação oral, em que o interlocutor dá sua contribuição lançando a vez ao seu ouvinte que se tornará interlocutor, a qualquer momento, o interlocutor poderá voltar às informações anteriores, uma vez que no fórum é possível interagir com quem postou uma mensagem hoje e, em seguida, com outro que publicou sua mensagem alguns dias antes. Essa é uma característica das ferramentas assíncronas. Com efeito, em ambiente assíncrono, com pouca pressão para responder imediatamente, os participantes dispõem de tempo para planejar e compor sua contribuição, o que permite que contribuições se estendam mais do que na conversação face-a-face. A discussão assíncrona também interrompe a sequência linear da conversação face-a-face, visto que não há necessidade de estabelecer uma relação imediata com um turno precedente; o participante pode interagir com alguma participação ocorrida muito antes. Nesse sentido, seria lícito aproximar o fórum, nesse aspecto, a debates que ocorrem em mesa redonda, cujos integrantes, depois de uma fala individual, podem dialogar com qualquer outro, recuperando uma fala não imediatamente anterior à sua.

Essas características podem ser verificadas no exemplo (10) de F1

(10) F1

Data da interatividade

Assunto: 25/05/2009 - tem de tudo (ou quase)

Postada

por: Participante 07

o texto da música já é por sí só poético, pois ele tem uma métrica brilhante dos compositores brasileiros, curta, triste e com uma dinâmica que faz a gente sentir o cansaço dos personagens, mas não apenas isso, há momentos referenciais "...a Rosa acabou comigo", como também a conativa "...a vida é um dilema" que por sí só gera a pergunta que dá continuidade à conversa e a função fática, nos cumprimentos e agradecimentos do amigo que está 'por baixo'. Para mim, num geral, o texto é poético, e sem uma melodia é de uma tristeza tão grande que se o cara não se matar eu mesmo vou lá e dou um de misericórdia bem na testa!(hehehehe) e é difícil para mim pensar em conativa ou fática diante de um texto desse, apesar de serem funções facilmente identificáveis, eu olho para um texto assim e vejo um par de homens cuja a maturidade e o destino, a fatalidade e o cansaço das constatações, os passos certos e errados da vida podem ser rapidamente resumidos em volta de um copo, em cinco dedos de prosa, de um bar com balcão de fórmica, luz fraca e cheirando a conhaque e caldo de mocotó, e que a vida sem sonho, numa certa altura pode se resumir a isso, a ter ou não ter emprego, a ter ou não ter a Rosa, e quando os sonhos morrem porque a alma envelheceu e amargou na boca e só se pode dizer que "o apreço não tem preço, eu vivo á Deus dará" e evoca em mim um pavor dessas fatalidades (não, não a falta do emprego ou da Rosa, mas a falta de juventude na alma, que não é, de maneira nenhuma, de ordem cronológica), pavor esse que me faz me agarrar com força ao sonho e ao mistério

profundo de encarar a vida como um jogo sério, mas ainda assim jogo, a ser visto com leveza e despreendimento e o desafio residir na regulação entre leveza e seriedade...

abraços

Participante 07

Assunto: 29/05/2009 – pergunta...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

O que vocês acharam da resposta do colega Participante 07. Concordam?

Assunto: 02/06/2009 - emoção

Postada

por: Participante 03

Note-se que essa interatividade foi lançada dia 02/06/2009 e abaixo dela dia 27/05.

Olá Participante 07 não achei a ponto onde identificas a função emotiva em sua expressão acima, seria tão somente a pura expressão emotiva do Participante 07 e não da musica o objeto de vossa ênfase eloquente?

Assunto: 27/05/2009 - funções de Linguagem

Postada

por: Participante 09

- 1) O Texto, Função Fática, esta centrado no canal de comunicação, tem uma conversa face a face, ele falando com um amigo.
- 2) 2) A Musica, Função Emotiva, ele expressa seus sentimentos e suas emoções, ele faz sua avaliação pessoal, se ele morresse ela talvez sofresse.

No primeiro caso, P3 interagiu com P7, cuja contribuição ocorreu em 25/05; no segundo, P9 respondeu à proposta inicial da tutora, postada em 22/05.

Um outro ponto a ser destacado na dinâmica do fórum diz respeito a alterações eventuais nos papéis que assumem os interlocutores. Isso ocorre quando um participante assume a função de “professor”, no que diz respeito à competência de avaliar, criticando manifestação do colega, crítica que incide não sobre a sua posição relativa ao tópico, mas sobre seu comportamento ou uso de formas linguísticas “inadequadas”, como vemos em (11) de F2

(11) F2

Assunto: 06/03/2009 – Comentários para a Turma

Postada

por: Participante 05

Prezados,

vejo muitos erros de português nos comentários da turma nas diversas disciplinas que estudamos até então, inclusive na disciplina Língua Portuguesa.

Como exemplos estão erros na acentuação, uso errôneo(ou falta) de vírgulas, e principalmente concordância em alguns trechos.

Temos que ficar atentos a estes detalhes, pois estamos nos graduando e futuramente teremos que exprimir idéias, elaborar textos e até mesmo apostilas, e a correção e melhora na maneira que empregamos nosso português é fundamental para o nosso sucesso, tanto individual quanto coletivo.

Assunto: 07/03/2009 – Concordo. Você pode auxiliar mais efetivamente.

Postada

por: Participante 03

Participante 05, concordo com você.

Como você tem domínio e facilidade na disciplina “Língua Portuguesa”, você poderia interagir objetivamente com cada um quando ocorrerem erros.

Eu mesmo reconheço minha deficiência na matéria e ficaria agradecido em ter sua ajuda.

Acredito no espírito de “cooperação” da nossa turma e devemos esforçarmos para mantê-lo sempre presente, não só nas atividades durante o curso, mais no nosso dia a dia.

Acho que você pode nos ajudar muito comentando os erros acima citados..... e que eu, certamente, cometi até aqui.

Abraço e pode começar!

Assunto: 08/03/2009 – INTERAGINDO

Postada

por: Participante 04

Participante 06, muito obrigado pela observação, mas faço o possível apesar de ter dificuldades nesta disciplina sempre me esforço para fazer as atividades, com os estudos e os trabalhos espero melhorar bastante não sou entendida como alguns colegas nosso, mas faço o necessário e tenho certeza que juntos vamos apreender bastante, pois a Língua Portuguesa é complexa mas necessária no nosso dia a dia.

Assunto: 08/03/2009 – comentário

Postada

por: Participante 06

Exatamente, também tenho essa dificuldade, é uma língua que exige um pouco mais de atenção. Acredito que você tenha feito exatamente o que foi pedido.

Assunto: 13/03/2009 – RESPOSTA

Postada

por: Participante 01

Caros colegas pelo menos vocês são educados por abordar os erros dos outros, porque as pessoas que estão fazendo faculdade tem que ser educadas. Por favor vamos continuar assim ajudando um os outros. Porque vejo que todos nós erramos, Participante 02 agradeço você novamente.

Assunto: 13/03/2009 – INTERAÇÃO

Postada

por: Participante 05

Vocês leram?

Assunto: 15/03/2009 - Interação

Postada

por: Participante 03

Participante 01 acho que ainda não. A qual leitura você se refere?

Assunto: 25/03/2009 - PESSOAL!

Postada

por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

A professora precisou interferir amenizando o problema gerado pelo participante 05.

Pessoal,

Por gentileza, não se sintam ofendidos quando um colega comentar e até criticar a sua contribuição, pois isso é o que caracteriza o Fórum.

Somos todos civilizados e estamos aqui para aprender e discutir questões que envolvem a Língua Portuguesa.

Um grande abraço.

Assunto: 23/03/2009 - Interação - Mal entendido

Postada

por: Participante 05

Caras colegas, de maneira alguma citei os erros ortográficos com a intenção de denegrir e/ou diminuir ninguém.

Acredito que fui mal interpretado, pois como estamos nos referindo a disciplina Língua Portuguesa, e que na mesma estamos trabalhando a produção textual, acho que escrever as palavras de maneira correta acaba sendo mais uma obrigação do que uma opção. Peço a gentileza que reflitam a respeito.

De toda maneira peço desculpas se de alguma maneira ofendi alguém com meus comentários.

Desse episódio, destacamos o cuidado que os interlocutores têm com a preservação da face. (GOFFMAN, apud KOCH, 1992, p.107). P5 fere as regras da polidez quanto aponta os “erros” linguísticos dos outros participantes, assumindo uma atitude controladora, e termina por desculpar-se. O que vemos aqui é que os participantes estabeleceram um processo de negociação, como meio de preservar suas faces, sem ameaçar a dos parceiros. Isso foi conseguido por meio de estratégias de aceitação da crítica, justificativa dos erros que motivaram a crítica, entre outras. Esse aspecto é particularmente interessante no fórum, porque, ao mesmo tempo em que mostra a ação de uma lei do discurso sancionada por práticas sociais de um grupo, mostra também uma particularidade que decorre da natureza escrita dessa ferramenta: quem escreve tem tempo suficiente para planejar e, com isso, controlar, de certa maneira, o dito. Portanto, o locutor expõe negativamente sua face (passando por

arrogante, controlador, crítico...) e a do interlocutor (objeto da crítica) e, dado o tempo de elaboração de que dispõe, faz uma intervenção socialmente condenável, de modo intencional. Embora essa não pareça ser uma característica genérica, ela evidencia a dimensão de ato social da interação virtual. Afinal, assim como em todos os tipos de interação, os interlocutores se representam uns diante dos outros e buscam preservar as faces mutuamente, o que nem sempre acontece.

Desse modo, em linhas gerais, o fórum educacional é um gênero complexo em que se desenvolvem atividades de discussão e construção de conteúdos, a partir de conteúdos já estudados. Ele é a ferramenta privilegiada por meio da qual as opiniões são mais elaboradas e reflexões mais profundas a respeito do tópico são provocadas. No entanto, diferentemente da lista de discussão, o fórum educacional é o *locus* em que os alunos são avaliados em termos de pertinência de sua contribuição por meio de comentários, a respeito do que eles aprendem no decorrer do curso.

Seus traços estáveis, intimamente ligados à suas condições de produção, envolvem

7. os papéis assimétricos entre os participantes: de um lado, o professor-tutor; de outro, os alunos participantes do curso; e papéis simétricos na relação aluno/aluno.
8. um grupo de temas restritos aos programas pré-estabelecidos do curso;
9. um estilo que se marca simultaneamente por traços de oralidade e de escrita formal;
10. uma organização estruturada em proposta de discussão feita pelo professor-tutor a respeito de um tema, seguida das intervenções dos participantes; tais intervenções não seguem uma ordem temporal, dando ao fórum um caráter de ferramenta assíncrona.

Acresce-se a esses traços o fato de o fórum educacional não apresentar outras semioses – além da escrita – como ocorre em outras interações virtuais.

3.3 Uma amostra: análise do Fórum 5

Nesta seção, apresentamos uma análise global do Fórum 5, focalizando a construção colaborativa da discussão sobre o assunto FUNDEF e FUNDEB. Este material faz parte do programa curricular do curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Claretiano na modalidade a distância. Os alunos participantes estão no segundo ano de curso e a disciplina ministrada foi “*Políticas da educação básica*”.

Esse material foi colhido no 4º bimestre de 2009, e ficou disponível aos alunos para interação do dia 24 de setembro ao dia 30 de outubro. No total, participaram 14 alunos, além do professor-tutor.

3.3.1 O início: proposta de tema e intervenções

No caso do Fórum 5, a tutora lançou a seguinte proposta:

(12)

Assunto: 24/09/2009 - UNIDADE 1 – POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA: ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS.

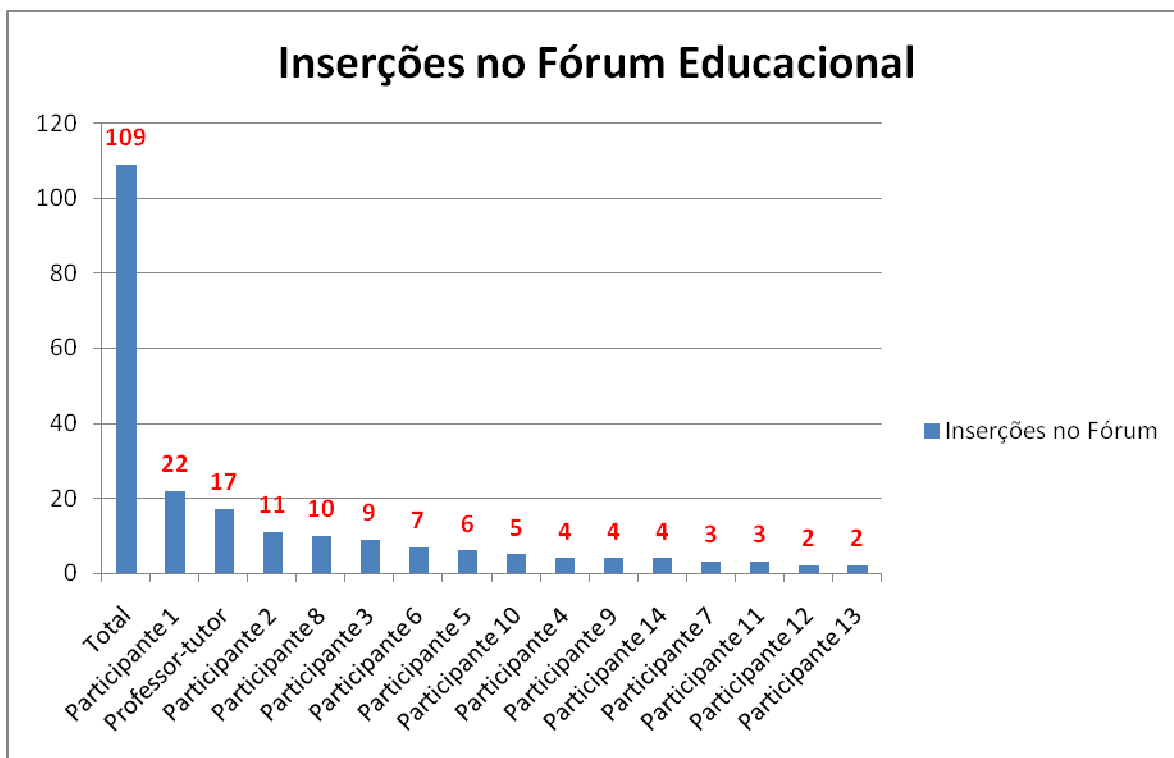
Postada

por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Em relação ao financiamento da educação escolar, elabore um quadro demonstrativo entre o FUNDEF e o FUNDEB. Ao elaborar esse quadro, procure destacar aspectos que demonstrem semelhanças e diferenças entre os dois fundos de financiamento para a educação. Em seguida, debata com seus colegas, no Fórum, as questões que você considera importante, tais como os percentuais destinados ao financiamento escolar, o destino final desses recursos e outros aspectos que você considera relevantes.

A partir daí os alunos executaram a tarefa no período de 24/09 a 20/10/2009, perfazendo um total de 109 intervenções como mostra o Quadro 6, que traz a distribuição dos turnos por participante.

Quadro 6 - Inserções no Fórum por participante



Adotamos como unidade de análise cada uma das intervenções, tomadas turno conversacional, conforme já alertamos: embora cada intervenção se marque pela alternância dos participantes e pelo acabamento, além de constituir um elo real na cadeia de comunicação verbal, não se trata de um enunciado tal como entende Bakhtin.

Esse levantamento já nos propicia um primeiro tópico de reflexão: diferentemente das conversações face-a-face, o participante do fórum não tem a obrigação de responder a uma mensagem particular. No entanto, em se tratando de um fórum educacional, o aluno obrigatoriamente deve participar da interação, sob pena de não lograr uma boa avaliação. Essa exigência pode acabar criando uma situação de aparente participação, como vemos no quadro 6. Embora fuja ao tema dessa pesquisa, deve-se notar um dado importante: a variação de número de postagens por participantes acaba criando um problema para a avaliação. Avaliar qualitativamente e não quantitativamente a participação do aluno talvez seja uma estratégia para uma avaliação mais eficiente.

3.3.2 Análise do funcionamento do Fórum 5

Tendo em mente a caracterização do fórum, tal como apresentada no item 3.2, passa-se a uma análise mais detalhada do Fórum 5, adotando-se as categorias de análise propostas por Hewings, Coffin e North (2006, p. 22), conforme apresentadas no item 3.2.1. Para facilitar a leitura do leitor deste trabalho, retomam-se aqui essas categorias (apresentadas nas p. 87 e 88) :

- a) **Intervenção voltada para o tópico de discussão**
- b) **Intervenção de ordem social**
- c) **Intervenção de ordem procedural**
- d) **Outros tipos de intervenção**

Dos quatro tipos, sem dúvida, o primeiro é o mais valioso, porque constitui uma contribuição real para a construção colaborativa da argumentação.

A seguir, identificamos e exemplificamos esses tipos de intervenção, relativamente ao Fórum 5, sem termos a pretensão de exaustividade.

(13) Intervenção voltada para a discussão

Assunto: 01/10/2009 - Unidade ! - meu modo de pensar

Postada por: Participante 03

Respondo pontualmente ao que foi pedido, comparando o FUNDEF e o FUNDEB. Ressalvo que não pude ter acesso direto aos textos legislativos que instituíram esses dois fundos, de modo que meu conhecimento é muito superficial, é somente baseado no resumo sumário que deles apresenta a apostila.

De acordo em essa limitada fonte, ambos os fundos têm sua origem e seu embasamento na Constituição de 1988, a qual determina a obrigação, por parte do Poder público, de destinar parte de seus recursos ao ensino básico, além de estabelecer a educação como direito de todos e dever do Estado. São palavras bonitas, sem dúvida, sonoras, altissonantes e carregadas de esperanças... que a dura realidade logo se encarrega de desfazer!

O FUNDEF, instituído no governo FHC, era um fundo destinado a financiar o ensino fundamental, da 1a. à 8a. série, prevendo, entre outras coisas, a melhoria das condições dos alunos e, também, dos docentes (inclusive financiando cursos de reciclagem e aperfeiçoamento para estes últimos). Ficava fixada a quota de 15% de alguns tributos (entre os quais o ICMS e o IPI) para manter o FUNDEF abastecido de recursos para essas finalidades.

Já o FUNDEB, promulgado no governo Lulla em substituição ao anterior FUNDEF, ampliou os objetivos sem, no entanto, ampliar as fontes de recursos, que continuam sendo de 15%. Os objetivos ampliados abrangem, agora, todos os níveis do ensino básico (e não só o fundamental), incluindo o ensino infantil, o médio e o de jovens e adultos (que no meu tempo de estudante se chamava Madureza, depois passou a ser Supletivo). E também não faltou, dentro da política vigente de classificar e dividir artificial e ideologicamente os brasileiros por "raças"

(como se existissem raças humanas!...) a menção aos indígenas e aos quilombolas.

Confesso que não sei avaliar se os 15% da arrecadação dos impostos previstos em lei são ou não são suficientes para tantos e tão belos projetos. É possível que sejam, é possível que não sejam. Só sei que, muito provavelmente, o dinheiro arrecadado é mal aplicado, como acontece em todas as áreas do nosso Brasil. Temos uma das maiores cargas tributárias do mundo e um dos piores serviços públicos do planeta. Temos impostos de Suíça ou Suécia, e serviços públicos de Gabão ou Bangladesh.

Sou, por isso, muito descrente dessas políticas públicas na área da Educação (como também na área da Saúde e da Previdência Social).

Ainda sou do tempo em que a Escola pública era de excelente nível. Quando eu era ginásiano, ser aluno de uma boa escola pública era indício de melhor preparo do que a maior parte das escolas particulares (não todas, mas uma boa parte delas). Entendia-se que o mau aluno, filho de pai rico, procurava uma escola paga, do tipo "pai pagou, filhinho passou". O participante 01 deve se lembrar disso, porque ele é do meu tempo. As escolas públicas eram severas, rígidas, ensinavam de fato. Para se entrar no Ginásio havia o Exame de Admissão, uma espécie de mini-vestibular, severíssimo, que era o terror da criançada. Os professores de Ginásio eram concursados, defendiam tese para suas cátedras e chamavam os alunos, meninos ou meninas de 11 a 15 anos, de senhores e senhoras... O participante 01, tenho certeza, pegou isso...

Hoje, em consequência das sucessivas LDBs, tudo mudou. Democratizou-se, no mau sentido, o ensino. Nivelou-se tudo por baixo. Ele ficou mais democrático, mais "cidadão", menos elitista. Multiplicaram-se as faculdades, os "depromados" se tornaram muitos milhões. E a consequência é que o Brasil tira sempre o primeiro lugar mundial, quando são feitos testes de avaliação comparativa de alunos mais mal preparados e ignorantes...

Desculpem o pessimismo, colegas. Mas contra fatos não valem argumentos.

Um abraço a todos.

PS - Na realidade, não sou pessimista, mas sou otimista. Continuo a acreditar no futuro do Brasil. Mas só depois de uma profundíssima transformação de mentalidades, de uma profunda regeneração moral da sociedade inteira. Acredito que essa transformação regeneradora se produzirá, não sei quando, mas tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde isso ainda será uma realidade.

P3, após a professora-tutora disponibilizar a questão no fórum educacional, coloca sua contribuição sobre o FUNDEF e o FUNDEB, cumprindo o primeiro objetivo da proposta: “elabore um quadro demonstrativo entre o FUNDEF e FUNDEB (...) e procure destacar aspectos que emonstrem semelhanças e diferenças entre os dois fundos de financiamento para a educação.” Além disso, o participante traz um comentário pessoal bem rico, o que ajudou os outros participantes a compreender melhor a situação sobre as políticas educacionais. O participante usa os verbos “confesso”, “sou do tempo” etc que exprimem uma argumentação com base em experiências pessoais; no entanto, demonstra conhecimento do que está falando com base em leituras prévias. Ele ainda insere o participante 01 em sua interatividade, demonstrando a noção de cumplicidade e um conhecimento pessoal entre os pares. Trata-se de um exemplo que claramente caracteriza o primeiro tipo de intervenção, aquele voltado para o andamento da discussão: P3 apresenta informações sobre o tópico em estudo, o FUNDEP e

FUNDEB, manifestando seu ponto de vista: embora os programas do governo destinem verbas para a educação – e P3 confessa que não sabe avaliar se tais verbas são suficientes ou não para os projetos – essas verbas são mal usadas; isso justifica sua descrença nas políticas públicas na área da Educação, à qual soma as áreas da Saúde e da Previdência Social. Como suporte a essa posição, lança mão de experiências pessoais.

P2 manifesta sua concordância à tese de P3, conforme podemos ver em (8), por meio da qual colabora com o desenvolvimento da discussão:

(14) Intervenção voltada para a discussão

Assunto: 02/10/2009 – Para o Participante 03

Postada por: Participante 02

Participante 03, você está certo em dizer que pelo conteúdo não podemos dizer se os 15% são suficientes ou não, só há o consenso que no Brasil toda verba que é repassada ao setor público são mal administradas.

No entanto, não é raro que a discussão resvale em um tópico paralelo, ainda que associado à questão central, que retarda o desenvolvimento do tópico, com vemos na interação (15).

(15) Intervenção não relacionada ao tópico

Assunto: 03/10/2009 – Ao Participante 03

Postada por: Participante 01

O MST deve ter muita verda "importada" e nacional, pois eles não largam a teta. Há assentamentos que deram certo? Uma CPI poderia até dar um ar de fiscalização, entretanto sempre acaba em pizza, aliás um prato bem manjado.

Assunto: 06/10/2009 – Ao Participante 01

Postada por: Participante 05

Hj ouvi num telejornal que o MST torce para que a reforma agrária não dê certo. Eles perderiam as verbas que caem do "céu", e trabalhar mesmo que é bom, eles não querem.

Trata-se de um tipo de interação que leva a uma intervenção de outra ordem: a intervenção procedural. Com efeito, usando uma intervenção que busca recolocar a

discussão “nos trilhos”, a tutora intervém, não, sem antes, dar seu apoio a P5 por meio de uma avaliação positiva.

(16) Intervenção procedural

Assunto: 20/10/2009 - Respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Olá Participante 05,

Ótima observação, porém, cuidado com a fuga do tema da interatividade.

Abraços,

Profa. Carol

Na interatividade (17) encontramos a mesma fuga temática de (15):

(17) Intervenção não relacionada ao tópico

Assunto: 07/10/2009 - Para participante 5

Postada

por: Participante 3

Participante 3, fiquei sabendo que você e a participante 6 estão fazendo o maior sucesso nessa escola, que os alunos todos estão entusiasmados com as duas "fessoras". Nesta semana, o participante 12, o participante 8 e eu começamos o mesmo trabalho numa escola aqui de Piracicaba...

Assunto: 07/10/2009 – Para o participante 3

Postada

por: Participante 5

Verdade, eles são ótimos. Parece que os conhecemos há muito tempo.

Um detalhe: não é "fessoras", é "ssora".

Bárbaro!!!!

De acordo com as categorias adotadas para a análise, encontramos também o caso da intervenção de ordem social, quando, por exemplo um participante encoraja o outro, como vemos em (17).

(18) Intervenção de ordem social

Assunto: 11/10/2009 – Para o participante 6

Postada

por: Participante 01

É complicado voce encontrar algo de bom.

Assunto: 07/10/2009 - Para participante 01

Postada

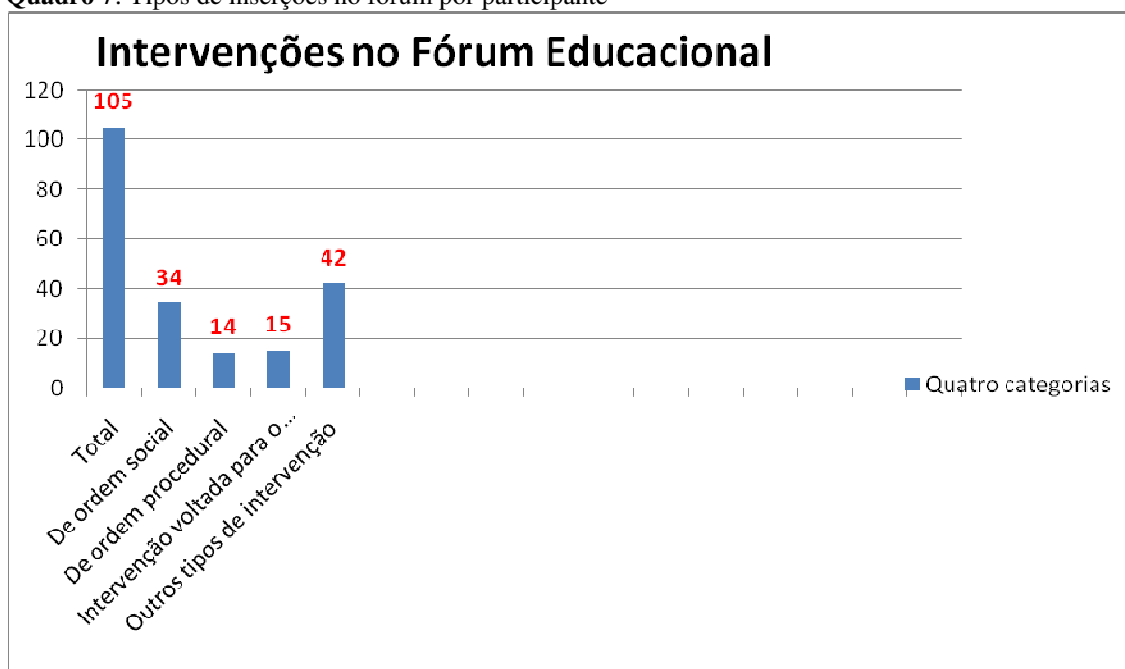
por: Participante 10

Estou com vc participante 01. Isso é uma vergonha. Quem faz estágio nas escolas publicas,

podem ver como está tudo caindo aos pedaços. Garanto que os filhos do governador e outros políticos nunca estudaram em escolas públicas.

Um quadro mais analítico permite ter uma visão melhor desses tipos de intervenção pelo número de ocorrências desses movimentos.

Quadro 7: Tipos de inserções no fórum por participante



Percebe-se que a incidência maior de intervenções é do tipo “outros tipos de intervenção”; a partir desse dado, o que se pode constatar é que o fórum educacional abre provocações, desdobrando os dinâmicos na discussão sobre os temas abordados. Os participantes tendem a iniciar um novo debate, quando fazem menções a outros temas e não respondem pontualmente ao que foi pedido. Muitas vezes eles emitem opiniões contendo experiências profissionais ou familiares, trazendo reflexões sociais e políticas. Houve nesses tipos de interação, apesar da fuga ao tema, uma construção colaborativa e dialógica; cada participante, imbuído de seu papel de agente da aprendizagem e em uma atitude responsiva, conquistou seu espaço na discussão.

Uma crítica talvez seja pertinente: o baixo número de intervenções voltadas para a discussão do tópico, cuja função é fazer a argumentação progredir, aponta para uma necessidade de correções de rumo mais frequentes ou uma orientação explícita quanto à necessidade de o aluno se ater ao tema e realmente contribuir com teses, refutações,

reformulações, questionamentos, entre outros, levando-os a usar a ferramenta como uma verdadeira arena de discussão.

Isso não quer dizer que esse processo seja totalmente controlável por parte do tutor. Dada a natureza assíncrona desse gênero e a sua natureza inerentemente polifônica, os participantes podem desviar-se do tema principal, dando origem a subtemas em torno dos quais se reúne um grupo de alunos, o que não constitui um problema e sim uma característica recorrente do gênero. Nas interações ocorridas no fórum, a polifonia institui uma democracia social, já que todos os que falam têm reais possibilidades de serem ouvidos e de intervirem com sua fala no processo social e no outro, como apontam Scorsolini-Comin, Inocente e Matias (2009). Nesse aspecto, inclusive, ele se aproxima da conversação espontânea.

O fórum educacional abre espaço para uma discussão dinâmica, que preza além das contribuições pontuais, a formação do posicionamento crítico e o incentivo a expressão livre; essa expressão livre foi encontrada no tipo “outros tipos de intervenção” e na “intervenção de ordem social”. Enquanto nas “intervensões voltadas para o tópico da discussão” trazia somente o que era pedido, sem muitas vezes, dar um posicionamento crítico ou o desenvolvimento das suas competências comunicativas, já que eram contribuições baseadas em pesquisas de outrem; nas intervenções do tipo “outros tipos de intervenção” e as de “ordem social” os participantes sentem-se mais livres e convidados a dar sua contribuição, expressando seu posicionamento, emitindo e recebendo pontos de vistas diversos, tecendo a construção da aprendizagem de uma forma colaborativa. No entanto, é necessário enfatizar que, em se tratando de uma ferramenta usada num ambiente universitário, voltada para a construção do conhecimento sobre um tópico, é preciso estimular mais a participação que realmente contribua para a argumentação. Afinal, o fórum educacional é o espaço em que as opiniões devem ser mais elaboradas e as reflexões, mais aprofundadas. Achar o caminho, eis o desafio para o professor-tutor, a quem cabe a responsabilidade de orientar o processo.

A menor incidência de intervenção foi a “intervenção de ordem procedural”, realizada, no fórum educacional analisado, somente pela professora, dada a característica desse tipo de intervenção que está voltada para a manutenção das

discussões, ajuda quanto a procedimentos de ordem técnica e condução da tarefa. No entanto, essas intervenções não se resumem a dar conselhos ou prescrever formas de realizações de atividades, ou a figura de um “norteador” autoritário dos alunos dentro do debate; a ordem procedural deve conter intervenções que fomentem a discussão, que provoquem novas situações comunicativas, que engendrem percursos e que formulem problemas para serem questionados e assim, estimular ainda mais a construção da aprendizagem de forma colaborativa.

Analisando-se o corpus total, composto dos cinco fóruns, percebeu-se que o cronograma de envio das interatividades constituiu um fator determinante para o sucesso ou não da atividade. Nos quatro primeiros fóruns, a professora-tutora, e aqui pesquisadora, não estipulou uma data, deixando o fórum aberto até a finalização da disciplina e não da unidade tratada no fórum; com isso, muitos alunos não tiveram cuidado em ler todas as intervenções postadas e deixando para postar suas contribuições no final da disciplina, o que resultou num mau gerenciamento do tempo, dificuldade de analisar e rever a tessitura, de avaliar e refletir sobre cada intervenção postada. Com isso, em vez de propiciar a aprendizagem, dificultou-se a construção colaborativa.

Já no Fórum 5, a professora-tutora, além de estipular um prazo de envio, lembrava seus alunos em outras ferramentas, como a Lista, de que havia um fórum a ser discutido. Com esse *feedback*, emergiu um maior comprometimento com a tarefa a ser realizada, de forma que todos os alunos participaram na semana estipulada.

A análise do corpus ainda apontou para um outro aspecto: o não fechamento de alguns fóruns. Esse dado pode ser visto de duas perspectivas: de um lado, a inconclusão pode apontar para uma dispersão quanto à aprendizagem a respeito do tema; de outro, isso pode indicar que a abertura de um diálogo não precisa necessariamente ter um término, deixando abertas novas possibilidades de respostas. No fórum educacional não se tem como critério “certo” e “errado” e “conclusão”; com espaço privilegiado para a manifestação de opiniões, ele pode permanecer aberto, sem que isso constitua um problema para a avaliação do aluno e sucesso no uso dessa ferramenta.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi orientada por um objetivo mais geral, que consistiu buscar uma caracterização do gênero fórum, aqui conduzida a partir da perspectiva bakhtiniana, o que pode propiciar a geração de estratégias de otimização do uso dessa ferramenta. Quanto ao segundo, buscou-se determinar o modo de estruturação, as marcas de estilo e a natureza temática do fórum educacional, assim como suas condições de produção e os mecanismos que regem seu funcionamento no ambiente da educação virtual.

Para que o fórum educacional fosse caracterizado como um gênero do discurso, partiu-se do conceito bakhtiniano, segundo o qual os gêneros, *enunciados relativamente estáveis*, variam de acordo com as esferas de comunicação humana. No caso do fórum educacional, trata-se de uma esfera relativamente nova, que envolve a comunicação mediada pelo computador. Esse pressuposto exigiu a abordagem de algumas noções-chave e de outros autores que mantêm diálogo(s) com o autor russo.

Como corpus de análise foram selecionados cinco fóruns educacionais, desenvolvidos no Centro Universitário Claretiano, dos quais quatro foram colhidos no primeiro semestre de 2009 dos cursos de Administração (Fórum 1 e 4) e de Licenciatura em Geografia e Pedagogia (Fóruns 2 e 3, respectivamente). O Fórum 5, desenvolvido no segundo semestre do mesmo ano, na disciplina *Políticas da Educação Básica*, do qual participaram alunos do segundo ano de Licenciatura em História, foi tomado como corpus de análise mais minuciosa.

A investigação mostrou que o fórum educacional é uma ferramenta assíncrona que proporciona uma intensa interação entre os agentes da aprendizagem, por meio de discussões em que os participantes manifestam sua opinião a partir de um tópico lançado pelo professor-tutor. Com base nas análises pôde-se verificar que o fórum educacional proporciona a produção de um texto coletivo, de múltiplas vozes e opiniões. É uma ferramenta por meio da qual os alunos participam ativamente e efetivamente construindo a aprendizagem colaborativamente. Averiguou-se que nas interatividades os alunos além de interagir de forma ativa, demonstravam aceitação e respeito à ideia e ponto de vista dos parceiros. Assim, o aluno dialoga não apenas com a proposição inicial, mas também com os outros posicionamentos manifestados pelos outros

participantes; nesse sentido, a polifonia e a dialogia ficam patentes, pois um participante não só emite sua opinião sobre o tema, mas também sobre o que foi escrito pelos outros parceiros da interação. No fórum educacional são estabelecidas continuamente redes de conexão entre as diversas vozes que tecem a discussão, em que a palavra de um é atravessada pela palavra de todos os outros. Como decorrência, o fórum permite a manifestação dos mais diversos valores, das mais diversas perspectivas sobre o tema e, a reboque, sobre o mundo em que o aluno vive.

Desse modo, o fórum educacional permite a consolidação das principais características da educação a distância, que pressupõe ênfase na auto-aprendizagem, na qual o aluno é incentivado / motivado a estudar e pesquisar de forma independente e a desenvolver, juntamente com seus colegas, a aprendizagem de forma interdependente. Desse modo, a aprendizagem é construída no plano individual e coletivo.

Quanto aos temas pertinentes ao gênero, constatou-se que o modo de conduzi-los é crucial para a geração de discussão. Não basta que o fórum aborde um tópico da disciplina; é preciso que ele seja formulado de tal forma que possibilite a instauração do diálogo e da discussão, levando, em última instância, à formação do pensamento crítico. Além disso, é necessário fomentar a participação dos alunos, que não devem se restringir a apresentar resultados de pesquisa, mas que devem refletir e questionar, envolvendo-se com os outros.

Verificou-se ainda que a figura do professor-tutor é muito importante, pois além de mediador, ele tem a palavra de ordem, pode mudar o rumo da discussão, pode avaliar, pode corrigir deslizes, sem que, com isso, ele desestime a participação dos aprendizes. No entanto, apesar de estar constantemente monitorando as intervenções postadas, nem sempre o professor-tutor consegue responder e interagir com cada uma das intervenções, o que mostrou causar certa ansiedade e frustração em alguns alunos. O professor-tutor, em um ambiente virtual, precisa estar atento aos anseios de cada aluno, mesmo que a quantidade de alunos favoreça a dispersão e a não interação com todas as intervenções. No fórum educacional o professor-tutor precisa saber interagir com seus alunos, percebendo, por meio da escrita, uma desmotivação, um equívoco, um confronto de pensamento ou um desentendimento, quando os participantes enunciam seu ponto de vista.

Atentou-se também para o fato de que o professor-tutor nem sempre será o líder na discussão, na motivação ou na emissão de comentários; por vezes, detectaram-se alunos que possuíam habilidades sociais e afetivas mais expressivas e que interagiam com maior frequência com o restante dos colegas de curso; tais alunos sugeriam livros, compartilhavam textos e traziam vivências na educação de muita riqueza. Essa diversidade fortuita deixa o debate mais instigante.

Nos fóruns estudados, ficou nítido que a estrutura afetiva fornece o elo e a sustentação da interação a distância. Para haver interação entre as partes interessadas, os participantes devem se reconhecer como um grupo e legitimar o fórum como lugar de interação, propício para a discussão e troca e construção de conhecimento.

Com esta pesquisa foi possível examinar e definir as características e os aspectos que configuram o fórum educacional, o que pode contribuir para aumentar o conhecimento sobre esse gênero e, conseqüentemente, propiciar um maior grau de seu domínio pelos participantes envolvidos neste tipo de interação. No entanto, é necessário reconhecer que mais pesquisas devem ser realizadas no sentido de se compreender ainda mais essa ferramenta como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Com base na fundamentação teórica adotada e nos dados apresentados nesta pesquisa, acredita-se que uma análise mais profunda sobre o fórum educacional criará condições para a instrumentalização da ação do professor-tutor e do aluno nesta modalidade educacional. Conhecer e dominar as características do fórum educacional resultaria em melhores resultados na aquisição do conhecimento e na comunicação entre professor-tutor e aluno.

Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero chat. In *Anais da XX Jornada – Gelne*, João Pessoa-PB, 2004, p. 1279-1291.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARROS, Diana Luz Barros. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Barros; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo, 2003.
- BAZERMAN, C.. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Pulo: Cortez, 2005.
- BELLONI, M. L. *Educação a distância*. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- BENVENISTE, É. As relações de tempo no verbo francês. In _____. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional USP, 1976. p. 260-293.
- _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005. p.144-162.
- BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v.1, p.61-78.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. MEC-SEED. *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância*. Brasília, ago./2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/referenciaisqualidadeead.pdf>>. Brasília, agosto de 2007. Acesso em: 8 jul./2009.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP.

CUNHA, D. de A. C. da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 166-79.

FAUSTINI, C. H. Educação a distância: um curso de leitura em língua inglesa para informática via internet. In: MENEZES, V. (Org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

FERRAZ, A. P. M. *Instrumento para facilitar o processo de planejamento e desenvolvimento de materiais instrucionais para a modalidade a distância*. Tese de Doutorado. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HEWINGS, A.; COFFIN, C. ; NORTH, S. Supporting undergraduate students' acquisition of academic argumentation strategies through computer conferencing, *The Higher Education Academy*, nov. 2006. p. 1-82.

KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KENSKI, V. M.. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas: Papyrus, 2003.

KOCH, I. G.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LITWIN, E. (Org.). *Tecnologia educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Edições 34, 1999.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v.1, p. 151-166.

MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002a.

Disponível em <<http://64.233.163.132/search?q=cache:BfszP--nN5gJ:bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEMarcGTE.doc+G%C3%8ANEROS+TEXTUAIS+EMERGENTES+NO+CONTEXTO+DA+TECNOLOGIA+DIGITAL1&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br..>>. Data de acesso: 10/06/2009.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002b. p. 19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K.S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NISKIER, A. *Educação à distância – A tecnologia da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PAIVA, V. L. M. O.; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, J. L. (Org.). *Internet & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. (no prelo).

RODRIGUES, R. H.. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In Meurer, J.L. (Org.) *Gêneros textuais sob perspectivas diversas*. Florianópolis: UFSC/GT de LA da ANPOLL (2002)

_____. *Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin - ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas*. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/117.pdf>. Data de acesso: 25/02/2010.

SCHNEUWLY, B. Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: Y. Reuter, Ed. *Actes Du Colloque de L'université Charles- De Gaulle III. Les interactions lecture-écriture*. Neuchâtel: Peter Lang, PP.155-173.) 1994.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2008. v.1, p. 177-190.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SILVA, M. *Educação on-line*. São Paulo: Loyola, 2003.

SCORSOLINI-COMIN, F.; INOCENTE, D. F.; MATIAS, A. B. Análise de ferramentas de interação e comunicação em ambiente virtual de aprendizagem a partir de contribuições de Bakhtin, *EDUCAÇÃO: Teoria e Prática*, v. 19, jan/jun. 2009, p. 173-189.

SOBRAL, A. U. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

XAVIER, A. C. S. *Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado) em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: /s.n./, 2002.

XAVIER, A. C. S. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. S. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

YATES, S. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: David BARTON e Nigel HALL (EDS.) 2000. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 233-251.

ANEXOS

ANEXO 1

FÓRUM 1 (F1)

Assunto: 22/05/2009 - Questão sobre Função de linguagem

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Anexo: [amigo é pra essas coisas-1.doc](#)

Funções da Linguagem

Como nós vimos na Unidade 01 – Funções da Linguagem – a linguagem é usada para manifestar objetivos, propósitos quando as pessoas se comunicam, isto é, é usada para funcionar em determinada situação. A partir dessa idéia, um linguista, Roman Jakobson, identificou seis funções da linguagem: referencial (a linguagem é usada para informar, para dizer algo sobre o mundo), emotiva (a linguagem é usada para expressar emoções, sentimentos, opiniões), conativa (a linguagem é usada para agir sobre o ouvinte ou leitor, levando-o a adotar um comportamento qualquer, realizar uma ação), fática (a linguagem é usada para estabelecer contato), metalinguística (a linguagem é usada para falar da própria linguagem), poética (a linguagem é usada para expressar os sentimentos do emissor por meio de textos que enfatizam a sonoridade, o ritmo e por meio das formas verbais.

Tendo isso em mente, discuta as propostas abaixo a partir do que segue.

1. Considere a seguinte situação hipotética: Colegas de trabalho, numa sexta-feira, depois de uma semana cansativa, reúnem-se num bar, depois do expediente, para “curtir” uma ‘happy hour’.

2. Leia a letra da música “Amigo é pra essas coisas”, de Aldir Blanc e Sílvio Da Silva Jr., interpretada por Chico Buarque de Holanda.

PROPOSTAS

Discuta com seus colegas:

1. Embora hipotética, a situação apresentada reflete uma prática social muito comum atualmente.

Considerando essa situação, responda: que função da linguagem seria mais provável nessa interação? Em que você baseia sua resposta?

2. Com relação à música, responda: qual a função da linguagem predominante? Por quê?

Lembrete: a) os textos não apresentam apenas uma função, mas várias ou mesmo todas, hierarquizadas, ou seja, há em cada texto uma função predominante, o que não exclui a presença de outra(s); b) os textos-mensagens empregam procedimentos linguísticos e discursivos que produzem efeitos de sentido relacionados com as diferentes funções e que nos permitem identificá-las; c) nem sempre haverá uma resposta única, pois podemos argumentar em uma ou outra direção.

Assunto: 22/05/2009 - Resposta sobre funções de linguagem

Postada por: Participante 01

Anexo: [musica chico buarque.doc](#)

Estou enviando respostas sobre a música do Chico Buarque

Assunto: 29/05/2009 - Pedido...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Participante 01,

Por favor, envie direto sem anexar. Pode ser?

Obrigada

Assunto: 29/05/2009 - Resposta ao pedido

Postada por: Participante 01

Pode sim... tentarei.

Assunto: 29/05/2009 - Mandei novamente!

Postada por: Participante 01

Questão 1

A meu ver, como já foi dito são várias as funções de linguagem, mas para mim a mais presente é a

emotiva pois se trata de um desabafo de um indivíduo que foi abandonado pela mulher amada e é consolado por um amigo que o escuta e lhe dá conselhos.

Questão 2

Por se tratar de uma música a função predominante é a poética por expressar sentimentos, sonoridade e ritmo , aliás a música em questão para mim, é genial !

Assunto: 30/05/2009 - resposta...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Obrigada Participante 01 .

Vamos discutir a resposta dada. Vocês concordam ou não com o Participante 01?

Assunto: 31/05/2009 - Resposta ao meu colega Participante 01

Postada Participante 02

por:

Oi Participante 01, concordo com você quanto à questão 1, mas em relação à questão 2 fiquei meio em dúvida. Quanto a musica realmente a letra é rica em detalhes e figuras de linguagem mas quanto à figura de linguagem que predomina em todo texto..ao meu entender seria a emotiva, mas pensando na sua resposta...a duvida bateu!!

Assunto: 02/06/2009 - Poetica?

Postada Participante 03

por:

Olá Participante 01,

Concordo com relação a predominância da função poética mas onde se aplica a questão do ritmo e sonoridade?

Assunto: 04/06/2009 - Comentário

Postada Participante 04

por:

Sem dúvida há várias funções de linguagem na letra da música "Amigo é pra essas coisas", de Aldir Blanc e Sílvio Da Silva Jr., interpretada por Chico Buarque de Holanda. Como exemplo podemos citar a referencial, a fática e a emotiva. A música expressa sentimentos do emissor por meio de textos que enfatizam a sonoridade, o ritmo e por meio das formas verbais, portanto, temos também a função poética que é predominante.

Assunto: 23/05/2009 - respostas funcoes linguistica

Postada Participante 05

por:

resposta 1: Ao meu ver, concerteza a a questão predominante é o seu emocional e expressivo pois ele desabafa a dor de ter perdido o seu grande amor e com um dialeto simples conta para seu amigo(o que senti naquele momento).

resposta 2: Bom por se tratar de uma musica ou um caso ocorrido em uma vida ele expressa esse sentimento por tanto o fator predominante é o expressivo.

Assunto: 25/05/2009 - Professora, ajude-me!

Postada Participante 06

por:

Acho que não entendi direito as perguntas. Não é para falarmos sobre a função de linguagem mais usada em uma mesa de bar entre amigos e depois falarmos sobre a música? Professora, poderia esclarecer por favor? Estive lendo a resposta de meus colegas e não entendi direito o exercício.

Assunto: 25/05/2009 - respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Sim, faça isso.

Coloque a sua contribuição.
Aguardo.

Assunto: 26/05/2009 - resposta

Postada por: Participante 06

Já dei minha contribuição professora.

Assunto: 29/05/2009 - resposta...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Ah! Que bom!

Assunto: 25/05/2009 - Resposta

Postada por: Participante 06

Para a situação 1, a linguagem mais usada seria a fática, aquela em que o emissor e o ouvinte estabelecem um contato.

Para a música a função é a emotiva, onde o emissor fala de seus sentimentos, seu sofrimento para um amigo (ouvinte).

Assunto: 25/05/2009 - tem de tudo (ou quase)

Postada por: Participante 07

o texto da música já é por si só poético, pois ele tem uma métrica brilhante dos compositores brasileiros, curta, triste e com uma dinâmica que faz a gente sentir o cansaço dos personagens, mas não apenas isso, há momentos referenciais "...a Rosa acabou comigo", como também a conativa "...a vida é um dilema" que por si só gera a pergunta que dá continuidade à conversa e a função fática, nos cumprimentos e agradecimentos do amigo que está 'por baixo'. Para mim, num geral, o texto é poético, e sem uma melodia é de uma tristeza tão grande que se o cara não se matar eu mesmo vou lá e dou um de misericórdia bem na testa!(hehehehe) e é difícil para mim pensar em conativa ou fática diante de um texto desse, apesar de serem funções facilmente identificáveis, eu olho para um texto assim e vejo um par de homens cuja a maturidade e o destino, a fatalidade e o cansaço das constatações, os passos certos e errados da vida podem ser rapidamente resumidos em volta de um copo, em cinco dedos de prosa, de um bar com balcão de fórmica, luz fraca e cheirando a conhaque e caldo de mocotó, e que a vida sem sonho, numa certa altura pode se resumir a isso, a ter ou não ter emprego, a ter ou não ter a Rosa, e quando os sonhos morrem porque a alma envelheceu e amargou na boca e só se pode dizer que "o apreço não tem preço, eu vivo á Deus dará" e evoca em mim um pavor dessas fatalidades (não, não a falta do emprego ou da Rosa, mas a falta de juventude na alma, que não é, de maneira nenhuma, de ordem cronológica), pavor esse que me faz me agarrar com força ao sonho e ao mistério profundo de encarar a vida como um jogo sério, mas ainda assim jogo, a ser visto com leveza e desprendimento e o desafio residir na regulação entre leveza e seriedade...

abraços

Participante 07

Assunto: 29/05/2009 - pergunta...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:
O que vocês acharam da resposta do colega Participante 07. Concordam?

Assunto: 29/05/2009 - Não sei...

Postada por: Participante 01

por:
Acho que em partes concordo sim , mas em outras não. Veja meu comentário sobre a música....

Assunto: 30/05/2009 - resposta

Postada por: Participante 05

Bom em pontos tem razão o nosso colega, mais continuo batendo o pé que o expressivo tem predominancia total pois ele expressa o que senti e nao o que senti expressa.(risos)

Assunto: 31/05/2009 – resposta ao questionamento da professora ..

Postada Participante 02

por:

O texto do Participante 07 e o texto da musica são igualmente ricos em detalhes, .. Participante 07 você respondeu á questão poetizando brilhantemente, e fez com que concordássemos e discordássemos em parte mas ao fim tendo o prazer de dividirmos opiniões e tendo a oportunidade de enriquecer nosso conhecimento...

Assunto: 30/05/2009 - TEM QUASE TUDO

Postada Participante 08

por:

Concordo com o Participante 07 quando ele diz que o texto apresenta quase todas as funções. Aliás, a resposta dele foi bem poética!!

Apesar da música ser por si só poética, na minha visão, a que mais predomina, tanto na música quanto na situação nº 1, da conversa informal de amigos em uma mesa de bar, a função que mais predomina é a emotiva, pois é o momento do desabafo entre amigos, da troca de intimidades, de expressar opiniões, sentimentos, nem que seja simplesmente para falar apenas de futilidades...

Assunto: 02/06/2009 - emoção

Postada Participante 03

por:

Olá Participante 07 não achei a ponto onde identifica a função emotiva em sua expressão acima, seria tão somente a pura expressão emotiva do Participante 07 e não da musica o objeto de vossa ênfase eloquente?

Assunto: 27/05/2009 - funções de Linguagem

Postada Participante 09

por:

1) O Texto, Função Fática, esta centrado no canal de comunicação, tem uma conversa face a face, ele falando com um amigo.

2) A Musica, Função Emotiva, ele expressa seus sentimentos e suas emoções, ele faz sua avaliação pessoal, se ele morresse ela talvez sofresse.

Assunto: 31/05/2009 - Respostas às questões 1 e 2.

Postada Participante 02

por:

1)O texto é muito rico e possui um pequeno misto de figuras de linguagem.A mais provável na minha opinião é a EMOTIVA.Como diz o texto da musica.Um amigo encontra o outro em um bar depois de um ano ou mais e ao sentar-se,um começa à abrir o coração para o outro..e ambos falam de suas experiências amorosas..um foi desiludido e encontrava-se sem rumo no mundo,sem ânimo para nada e sem acreditar até em DEUS... o outro por outro lado,mesmo com as desilusões e obstáculos que a vida colocou em seu caminho conseguiu seguir sempre enfrente,e era feliz no amor.

2)Dentre todas usadas no texto da musica pelo autor, na minha opinião predominou-se a LINGUAGEM EMOTIVA...porque ambos falaram de seus sentimentos,suas vidas ,que mesmo em meio `a desilusões,decepções, seguir sempre enfrente, aconteça o que acontecer, é sempre o melhor caminho á ser seguido.

Assunto: 02/06/2009 - Resposta sobre funções de linguagem

Postada Participante 10

por:

Entendo como a maioria dos colegas que as linguagens presentes e predominantes são a emotiva e a poética.

Assunto: 06/06/2009 - Resposta questão sobre função de linguagem

Postada Participante 11

por:

Olá pessoal,

- a) Na minha opinião está predominante a função poética e emotiva praticamente nas mesmas proporções, por se tratar de expressões de sentimentos.
- b) Predomina a função poética por se tratar de uma música e procurar em alguns trechos a rima.

ANEXO 2

FÓRUM 2 (F2)

Assunto: 09/02/2009 - UNIDADE 1 – COMUNICAÇÃO HUMANA: ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO, FUNÇÕES DA LINGUAGEM, FALA E ESCRITA

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Imagine uma situação em que lhe seja solicitada a elaboração de um texto escrito de propaganda do curso que você está fazendo. Nele, você deverá usar duas funções da linguagem dentre as opções:

a) Função conativa e função referencial.

ou:

b) Função conativa e função poética.

Faça uso de sua criatividade. Para elaborar a propaganda, preste atenção nas publicidades de revistas, jornais etc. Destaque, na propaganda que você criou, o trecho do texto em que aparece cada uma das duas funções da linguagem e informe que funções você utilizou.

Em seguida, apresente o seu texto propagandístico no Fórum. Leia os textos dos seus colegas de curso e observe que funções da linguagem eles utilizaram na elaboração da propaganda.

Assunto: 09/02/2009 - Propaganda - Função Conativa e Função Referencial

Postada por: Participante 01

Pessoal, tudo bem? Segue abaixo o texto em que fiz uso da função CONATIVA e da função REFERENCIAL. Segue a legenda logo abaixo do texto.

{A carência de profissionais é um problema que atinge inúmeras instituições em todo o Brasil, inclusive as de ensino público e privado}.

[Aderindo ao curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro Universitário Claretiano, você estará se qualificando para atuar como um profissional escasso e disputado no mercado de trabalho.]

[Seja um aluno do Claretiano hoje, para ser um professor eternizado amanhã.]

{Função Referencial}

[Função Conativa]

Assunto: 12/02/2009 - Função...

Postada por: Participante 02

Participante 01, tudo bem?

A sua idéia de Função Referencial tem característica de informação de acordo com o texto apresentado, e a Conativa mostra bem a tentativa de convencer o destinatário como se fosse um conselho a ser seguido.

Assunto: 09/03/2009 - É isso mesmo.

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Assunto: 16/02/2009 - COMENTARIO

Postada por: Participante 03

concordo plenamente com sua explicação A carência de profissionais é um problema que atinge inúmeras instituições em todo o Brasil, inclusive as de ensino público e privado. [Aderindo ao curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro Universitário Claretiano, você estará se qualificando para atuar como um profissional escasso e disputado no mercado de trabalho.]

[Seja um aluno do Claretiano hoje, para ser um professor eternizado amanhã.]

Assunto: 17/02/2009 - Cometários

Postada por: Participante 07

Gostei muito do texto, pois comente a carência de profissionais realmente habilitados, mas o trecho de ser um professor eternizado amanhã, nos dias quem que vivemo, diria que e meio poético, não acha?

Assunto: 19/02/2009 - É MESMO!!!

Postada Participante 01

por:

Bem observado Participante 07. Minha intenção foi usar a função conativa, mas como você disse, parece poética. Aproveito para lançar essa pergunta para a professora: Pode haver dupla função?

Assunto: 09/03/2009 - Respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Olá Participante 01:

Vamos responder sua dúvida.

Antes de Examinar cada uma das funções, duas observações devem ser feitas:

- As mensagens (os textos) não têm apenas uma função, mas várias ou mesmo todas, hierarquizadas, ou seja, há em cada texto uma função predominante;
- Os textos-mensagens empregam procedimentos linguísticos e discursivos que produzem efeitos de sentido relacionados com as diferentes funções e que nos permitem identificá-las.

Ficou claro?

Aguardo retorno.

Assunto: 09/03/2009 - ENTENDI

Postada Participante 01

por:

Sim professora, deu pra entender. Mesmo assim é preciso muita atenção para não cometer erros, pois as funções de confundem facilmente.

Muito obrigado

Assunto: 28/02/2009 - acho que não..

Postada Participante 04

por:

Participante 07, pode até ser, que tenha uma dupla função, mas no caso deste trecho, em minha concepção, achei que foi estritamente um apelo ao leitor desta propaganda.

Assunto: 27/02/2009 - Função Poética Também

Postada Participante 05

por:

"...para ser um professor eternizado amanhã..." ,pareceu-me Participante 01, de função poética também. a esperança é algo profundo do "eu".

Assunto: 09/03/2009 - Respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Como disse ao Participante 01, antes de Examinar cada uma das funções, duas observações devem ser feitas:

- As mensagem (os textos) não têm apenas uma função, mas várias ou mesmo todas, hierarquizadas, ou seja, há em cada texto uma função predominante;
- Os textos-mensagens empregam procedimentos linguísticos e discursivos que produzem efeitos de sentido relacionados com as diferentes funções e que nos permitem identificá-las.

No caso aparece sim a função poética, mas ela não é predominante.

Ficou claro?

Assunto: 28/02/2009 - Comentário

Postada Participante 06

por:

Participante 01 a sua Função Referencial expressa uma linguagem precisa direta e objetiva dando enfase ao conteúdo desta informação.

A sua Função Conativa tenta convencer o receptor a praticar esta ação.

Assunto: 28/02/2009 - Adendo

Postada Participante 06
por:

Na frase [Seja um aluno do Claretiano hoje, para ser um professor eternizado amanhã.] podemos situa-la também como uma função poética pois ela está suplementando ou modificando o sentido denotativo da mensagem.

Assunto: 09/03/2009 - Excelente!

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)
por:
Excelente!

Assunto: 28/02/2009 - comentário

Postada Participante 04
por:

Participante 01, o que pude perceber é que você se utilizou bastante e de forma bem empregada as funções referencial e poética, pois houve uma preocupação com a informação e a organização do texto. Quanto à função Conativa, deixa bem claro com o apelo "Seja um aluno Claretiano hoje, para ser um professor eternizado amanhã".

Assunto: 12/02/2009 - Função conativa e Função referencial.

Postada Participante 02
por:

Pessoal, aproveitei a idéia do Participante 01 para diferenciar Função Conativa e Referencial
{ Caros alunos, os cursos à distância estão cada vez mais sendo procurados. }
[Faça o curso de Geografia à distância aqui no Centro Universitário Claretiano.]
{ De acordo como as poucas vagas do curso, a data de inscrição será adiantada por uma semana encerrando dia 19/02/2009. }
[Aproveite agora e realize já sua inscrição.]
{ Função Referencial }
[Função Conativa]

Assunto: 17/02/2009 - Comentários

Postada Participante 07
por:

Ficou ótima para visualizar os tipos de funções, e muito legal a forma como informou sobre o curso, o trecho "Aproveite agora e realize já ..." deixa bem clara a função conativa.

Assunto: 28/02/2009 - Clareza...

Postada Participante 08
por:

Participante 02, o seu texto destaca-se pela clareza. Não há dúvidas quanto às funções que o mesmo utiliza. Cada período foi elaborado de uma forma objetiva, mostrando a função referencial e a função conativa, sem deixar margens para dúvidas.

Assunto: 16/02/2009 - EXPLICAÇÃO FUNÇÃO CONATAÇÃO E FUNÇÃO REFERENCIAL E ALGUNS EXEMPLOS

Postada Participante 03
por:

Funções de Linguagem:
Segundo o Aurélio, a linguagem é o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas. O emissor, sempre tem um objetivo específico ao se comunicar. Ele pode informar, demonstrar sentimentos, persuadir, entre outros, para isso, ele faz uso de suas funções.
Existem seis funções básicas de linguagem:
Função Referencial ou denotativa
Função Emotiva
Função Conativa
Função Metalinguística

Função Fática

Função Poética

Função referencial ou denotativa

Neste tipo de discurso o emissor centra a sua mensagem de forma predominante sobre quem a mensagem se destina. Estes discursos são caracterizados pela objetividade, neutralidade e imparcialidade do emissor. Um exemplo deste discurso são as notícias jornalísticas, as informações técnicas e científicas.

Exemplo: Numa cesta de madeira temos uma dúzia de bananas, cinco laranjas, dois limões, uma maçã verde, uma maçã vermelha e uma pêra.

O texto acima tem por objetivo informar o que contém a cesta, portanto sua função é referencial.

Função emotiva ou expressiva

Neste tipo de discursos o que predomina é a atitude do emissor, seus sentimentos e emoções perante o referente (a quem a mensagem se destina), produzindo uma apreciação subjetiva. Trata-se de discursos marcados pela adjetivação e interjeições. Ocorre quando o fator mais importante é o próprio eu. A poesia lírica exemplifica este tipo de discurso.

Exemplo: Nós amamos os nossos filhos.

Função conativa ou apelativa

Trata-se de um tipo de discurso onde o emissor procura influenciar, seduzir, convencer ou persuadir o receptor provocando nele uma reação. É caracterizada pelos recursos apelativos como: o uso do vocativo, do imperativo e da interrogação. Dois exemplos deste tipo de discurso são a propaganda política e a publicidade.

Exemplo: "Compre aqui e concorra a um carro".

"Compre aqui..." é a tentativa do emissor de convencer o receptor a praticar a ação de comprar ali.

Função Metalinguística

Essa função tem por finalidade definir o sentido dos sinais que podem ser compreendidos pelo receptor. Usa a linguagem para falar dela mesma. É a palavra comentando a palavra, o cinema falando do cinema, a pintura expressando a pintura. Estas funções raramente surgem isoladas, em geral aparecem combinadas. A sua predominância é que caracteriza o tipo de discurso.

Exemplo: Frase é qualquer enunciado linguístico com sentido acabado.

Função Fática

A função fática tem por finalidade estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação ou testar o canal. Entendeu? A pergunta "entendeu?" é um bom exemplo de função fática.

Exemplo: Alô Amanda! Estou lhe esperando no cinema, ok ? Você me ouviu ? Alô !!

Função Poética

É a linguagem presente nas obras literárias de poesia, entre outras. As palavras e suas combinações são valorizadas. Não se deixe confundir; e embora seja mais comum em poesia, essa função pode aparecer em qualquer tipo de mensagem linguística, como letras de músicas, textos de propaganda, entre outros.

Exemplo:

No peito a mata
aperta o pranto
do olhar do louco
pra meia-lua.
O clímax da noite,
escorrendo orvalho como estrelas,
refletindo nas águas
da cachoeira gelada.
Cabeça caída, cabelos escorridos,
pêlos eriçados pela emoção nativista.
Segurem as florestas, mãos fortes,
decididas!
Ficar o vazio é não ter a noite
é não ter o clímax.
O clímax da vida!

Assunto: 25/02/2009 - comentário...

Postada por: Participante 02

Participante 03, achei didático e ilustrativo seus exemplos sobre a explicação de função, porém não observei o proposto sobre "texto escrito de propaganda do curso que você está fazendo" conforme proposto. O que você acha?

Assunto: 25/02/2009 - COMENTÁRIO

Postada Participante 01

por:

O Participante 02 tem razão. Está faltando a propaganda proposta no exercício.

Assunto: 28/02/2009 - Comentário

Postada Participante 06

por:

Participante 03 coloque mais informações sobre o exercício proposto, como a escolha de duas funções de linguagem e elabore sua propaganda do curso no claretiano.

Assunto: 09/03/2009 - Obrigada pelo complemento.

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Olá Participante 03,

Obrigada pelo complemento.

Assunto: 17/02/2009 - Função conativa e poética

Postada Participante 07

por:

Você está sem tempo para estudar? (CONATIVA)

Não tem formação superior? (CONATIVA)

Faça agora um curso EAD nas Faculdades Claretiano. (CONATIVA)

Você se dedica algumas horas por dia, (CONATIVA)

em casa, (POÉTICA)

ou em qualquer lugar, (POÉTICA)

e sua vida vai mudar. (POÉTICA)

Assunto: 25/02/2009 - COMENTÁRIO...

Postada Participante 03

por:

"Você está sem tempo para estudar? (CONATIVA)

Não tem formação superior? (CONATIVA)

Faça agora um curso EAD nas Faculdades Claretiano. (CONATIVA)

Você se dedica algumas horas por dia, (CONATIVA)"

COMENTÁRIO-->NA FUNÇÃO CONTATIVA FOI USADO O PODER DE PERSUASÃO

"em casa, (POÉTICA)

ou em qualquer lugar, (POÉTICA)

e sua vida vai mudar. (POÉTICA)"

COMENTÁRIO-->NA FUNÇÃO POÉTICA HOVE O CUIDADO DA COMBINAÇÃO DAS PALAVRAS.

Assunto: 09/03/2009 - respondendo... interatividade igual a da Maria da Graça

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Participante 02,

Faça a sua interatividade.

Aguardo o seu retorno.

Assunto: 09/03/2009 - retorno da interatividade igual da Maria....

Postada Participante 02

por:

Carol, na interatividade com a Participante 07 eu copieei a interatividade dela para melhor explicação e entendimento do meu comentário. Favor olhar novamente. ok?

Assunto: 27/02/2009 - Dúvidas

Postada Participante 05
por:

Oi Participante 07, " você se dedica algumas horas por dia..." não poderia ser caracterizado como função referencial?

Assunto: 28/02/2009 - Rima...

Postada Participante 08
por:

Participante 07, na última parte da sua resposta, a rima "lugar/mudar" reforçou a função poética. Ficou uma resposta bem interessante.

Assunto: 09/03/2009 - respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)
por:

Olá Participante 08,
 Por que você acredita que a frase "Você está sem tempo para estudar?" seja conativa?
 guardo seu retorno.

Assunto: 22/02/2009 - Propaganda....

Postada Participante 08
por:

A propaganda que eu elaborei foi a seguinte:
 Matricule-se no curso de Geografia da Faculdade Claretiano!(Função Conativa).
 O mercado de trabalho se abrirá para você. (Função Conativa).
 Levantamento feito pela Secretaria da Educação indica que ainda há falta de muitos Professores de Geografia no Magistério Paulista.(Função Referencial).

Assunto: 23/02/2009 - COMENTARIOS...

Postada Participante 03
por:

"Matricule-se no curso de Geografia da Faculdade Claretiano!(Função Conativa)."
 ESSA FRASE TEVE UM ENUNCIADO DE OBRIGAÇÃO, CENTRADA NO DESTINATÁRIO
 " Levantamento feito pela Secretaria da Educação indica que ainda há falta de muitos Professores de Geografia no Magistério Paulista.(Função Referencial)."
 ESSA FRASE TEVE A INTENÇÃO DE INFORMAR, TRANSMITINDO CONHECIMENTO PRECISO.

Assunto: 26/02/2009 - DÚVIDA...

Postada Participante 01
por:

Olá Participante 08, fiquei em dúvida sobre sua frase "O mercado de trabalho se abrirá para você. (Função Conativa)". Será que ela não está mais para referencial?

Assunto: 28/02/2009 - Tentativa de sanar sua dúvida...

Postada Participante 08
por:

Participante 01, a apostila utiliza a seguinte frase para definir a função conativa:"convencer o destinatário de algo ou persuadi-lo a crer em algo, a fazer ou a desistir de fazer algo". Quando escrevi "o mercado de trabalho se abrirá para você" foi com a intenção de convencer quem lesse a propaganda.
 Mas, gostei da sua observação... me fez pensar.

Assunto: 28/02/2009 - Comentário

Postada Participante 06
por:

Matricule-se no curso de Geografia da Faculdade Claretiano!(Função Conativa), O mercado de trabalho se abrirá para você. (Função Conativa), muito bem colocadas suas frases Maria Cristina ela são centradas no destinatário visando influenciar seu comportamento através de um texto publicitário.
 Levantamento feito pela Secretaria da Educação indica que ainda há falta de muitos Professores de

Geografia no Magistério Paulista. (Função Referencial), também muito bem colocada esta frase você está dando ênfase ao conteúdo da informação, com uma linguagem precisa direta e objetiva.

Assunto: 04/03/2009 - comentário

Postada por: Participante 03

nossa sua propagando esta ótima me chamou muita atenção a sua explicação
Levantamento feito pela Secretaria da Educação indica que ainda há falta de muitos Professores de Geografia no Magistério Paulista.(Função Referencial

Assunto: 09/03/2009 - respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Participante 08,

Veja o seguinte:

Os textos com predominância de FUNÇÃO CONATIVA, por sua vez, constroem-se, sobretudo com os procedimentos que seguem:

- Uso da 2ª pessoa, do imperativo, do vocativo, de modalização deôntica (dever), de estrutura de perguntas e respostas.
- Estes textos produzem os efeitos de sentido de interação com os destinatários, a que se procura convencer ou persuadir, e de que esperam, como resposta, atitudes e comportamentos, sejam eles linguísticos ou não. São efeitos de sentido de procedimentos do tipo dos apontados. Os textos publicitários citados ilustram a função conativa.

a)O Itaú tem tudo. Só falta você. Abra já a sua conta.

O texto emprega a 2ª pessoa (você) e o imperativo (abra) para produzir o efeito de persuasão.

Explique-me por que você acredita que a frase "O mercado de trabalho se abrirá para você" seja conativa.

Aguardo.

Assunto: 12/03/2009 - Resposta....

Postada por: Participante 08

Professora,

No meu entender, ao dizer que "o mercado de trabalho se abrirá para você" estou tentando fazer com que o destinatário se mobilize para fazer o curso de Geografia porque há falta de professores dessa disciplina. Portanto, no meu entender, tal colocação atende ao que consta na página 11 da apostila e também às observações que você fez.

Se estou tentando influenciar o seu comportamento, trata-se da função conativa.

Assunto: 25/03/2009 - respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por: Mesmo assim, a função não é conativa.

Assunto: 28/03/2009 - Continuo em dúvida....

Postada por: Participante 08

por: Profª, irei fazer uma nova leitura do texto. Diante da sua resposta, fiquei com mais dúvidas ainda voltarei ao assunto... seja para concordar ou fazer um novo questionamento.

Assunto: 27/02/2009 - Bom Bril

Postada por: Participante 05

por: [ativ1_lp.doc](#)

Boa Noite Professora e Caros Colegas de Classe:
Envio a propaganda em arquivo

Martinho

Assunto: 04/03/2009 - comentario

Postada por: Participante 03

ficou otimo a sua ilustracao

Assunto: 09/03/2009 - Faça a propaganda do seu curso.

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá Participante 05,
Faça a propaganda do seu curso.
Aguardo.

Assunto: 24/03/2009 - desculpas

Postada por: Participante 05

Anexo: [forum1_lp.doc](#)

professora, não percebi que era uma propaganda sobre o curso. envio uma tentativa agora obrigado

Assunto: 25/03/2009 - Agora sim!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Agora sim.

Mas coloque as funções utilizadas.

Abraços.

Assunto: 28/02/2009 - Função Conativa e Função Referencial

Postada por: Participante 06

Função Conativa: Antes de escolher seu curso para 2009, vá a um polo da Faculdade Claretiano.

Função Referencial: Centro Univesitário Claretiano - Aberto das 9:00 às 18:00 hs - Rua Dom Bosco, nº 466 - Batatais.

Assunto: 28/02/2009 - Propaganda

Postada por: Participante 04

A cada ano os resultados do ENADE confirmam que alunos matriculados em cursos à distância, em seus exames, obtém conceitos mais altos em relação aos cursos presenciais. Sendo assim, juntamente com esta evolução na difusão e maneira de se estudar, o Centro Universitário Claretiano preparou diversos cursos de Graduação e Pós-graduação para cada anseio profissional. Com os cursos da Claretiano, que são de qualidade, você estará preparado para os diversos desafios ao longo da sua vida pessoal e profissional. Já é hora de mudar e elevar seu conceito, faça Claretiano!

Comentário: Para a elaboração desta propaganda utilizei Função conativa, no momento em que convido o leitor a mudar e elevar seu conceito, fazendo Claretiano. Usei a função poética e referencial, na preocupação com a organização e elaboração do texto e na preocupação com a informação respectivamente.

Assunto: 04/03/2009 - comentario

Postada por: Participante 03

sua propaganda foi bem elaborada e me chamou atenção

Assunto: 28/02/2009 - funções de linguagem, conativa e referencial

Postada por: Participante 09

Anexo: [propaganda texto.doc](#)

Optei por usar a linguagem conativa e referencial texto: Conativa-Para você que deseja se tornar um profissional na área da educação e entender a complexidade do nosso planeta não perca essa grande chance. Referencial- Um curso a distância com qualidade presencial, corpo docente qualificado em um dos melhores cursos EAD do Estado de São Paulo o texto propagandístico segue em anexo

Assunto: 04/03/2009 - comentario

Postada por: Participante 03

ficou ótimo a sua propaganda em anexo quando você se refere-se do curso de geografia

Assunto: 28/02/2009 - Interajam entre si.

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá pessoal, estou lendo as interatividades enviadas, mas peço que interajam entre si também. Um ótimo trabalho.

Assunto: 04/03/2009 - propaganda

Postada por: Participante 03

A propaganda que eu elaborei foi a seguinte:

Matricule-se melhor curso de geografia a distância na faculdade claretiano! função conativa.

E o melhor curso do Brasil não perca matricule-se já. Função Conativa

Levantamento feito pela Secretaria da Educação indica que ainda há falta de muitos Professores de Geografia no Magistério Paulista. (Função Referencial).

Assunto: 09/03/2009 - Finalizando o Fórum - Funções de linguagem

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá pessoal:

Parabéns pelas excelentes interatividades enviadas.

Vou fazer um pequeno resumo e instigá-los a mais discussões, ok?

Jakobson considerava um conjunto de seis fatores constitutivos de qualquer processo de comunicação linguística e fazia corresponder a cada um desses fatores uma função distinta da linguagem:

«A linguagem deve ser estudada em toda a variedade das suas funções. Antes de abordar a função poética, devemos determinar qual é o seu lugar entre as outras funções da linguagem. Para dar uma idéia destas funções, é necessário apresentar um apanhado sumário dos fatores constitutivos de qualquer processo linguístico, de qualquer ato de comunicação verbal.

O destinatário endereça uma mensagem ao destinatário. Para ser operante, a mensagem requer em primeiro lugar um contexto para o qual remete (é o que também se chama, numa terminologia um pouco ambígua, o referente), contexto apreensível pelo destinatário, e que é ora verbal ora suscetível de ser verbalizado,

depois, a mensagem requer um código, comum, no todo ou pelo menos em parte, ao destinatador e ao destinatário (ou, por outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); enfim, a mensagem requer um contato, um canal físico e uma conexão psicológica entre o destinatador e o destinatário, contato que lhe permite estabelecer e manter a comunicação.

Jakobson retoma o esquema de K. Bühler para as funções da linguagem – função expressiva, função apelativa e função representativa – e acrescentou-lhe mais três funções - função fática, função metalinguística e função poética.

As funções estariam, segundo Jakobson, centradas em um dos elementos do processo de comunicação por ele proposto, ou seja, enfatizariam um desses elementos na comunicação.

Cada um destes seis fatores dá origem a uma função linguística diferente.

Até aqui foi o que a nossa apostila trouxe, agora vamos conhecer o que os críticos descrevem sobre o MODELO DE JAKOBSON.

Este esquema tem sido objeto de inúmeros comentários e também de algumas críticas.

Alguns autores sublinham o fato de este esquema fazer uma assimilação extremamente simplificadora dos elementos que intervêm no processo de enunciação, ao reduzi-los às categorias do destinatador e do destinatário.

No processo enunciativo, o destinatador nem sempre é uma instância única, mas desdobra-se numa diversidade de entidades.

Um dos casos mais evidentes de desdobramento da instância enunciativa é o do discurso relatado, no qual um locutor assume, direta ou indiretamente, um enunciado produzido no decurso de um ou mais processos de enunciação diferentes.

O destinatário também nem sempre é uma instância homogênea. Assim, por exemplo, um discurso parlamentar pode ter efetivamente como destinatário o público dos cidadãos eleitores ausentes, além dos parlamentares que se encontram presentes.

Mas a crítica que os autores atualmente fazem com mais insistência ao esquema de Jakobson é a que tem a noção de código como objeto.

Ao postular a existência de um código comum ao destinatador e ao destinatário, Jakobson formulou uma concepção utópica de código, visto deixar de lado a existência de casos, mais frequentes do que muitas vezes se pensa, em que cada um dos protagonistas do processo de comunicação não domina completamente o código do outro ou utiliza um código, pelo menos, parcialmente diferente daquele que o destinatário utiliza para decifrar a sua mensagem.

Jakobson parece assim esquecer ou, pelos menos, colocar em segundo plano os fenômenos muito importantes das variações linguísticas e da heterogeneidade do dialeto.

Os críticos do esquema de Jakobson costumam ainda denunciar a assimilação algo simplificadora dos processos de comunicação humana com o esquema cibernético da teoria da informação que, como se sabe, não foi concebida para dar conta do sentido, mas formulada pelos engenheiros das tecnologias da informação para medir a quantidade de sinais que podem passar em simultâneo pelas redes da informação, tais como telégrafos e telefones.

A concepção mais completa da diversidade das funções da linguagem ainda continua a ser a que os Estóicos propuseram, ao distinguirem as funções significantes das funções designadora ou referencial, expressiva ou manifestadora e de elaboração do sentido.

O que vocês pensam sobre essas críticas?

Aguardo posicionamentos críticos.

Assunto: 12/03/2009 - Posicionamento crítico

Postada por: Participante 02

Os críticos descrevem sobre o MODELO DE JAKOBSON, e dizem que ele entende como tudo fosse um código apenas de um jeito bem comum e com uma absorção bem simples na comunicação que poderia ocasionar o não entendimento entre destinatador e destinatário.

Assunto: 14/03/2009 - Comentário

Postada por: Participante 06

O esquema da comunicação humana proposto por Jakobson é um dos mais famosos, tendo adaptado à Linguística o esquema inicialmente proposto pela Teoria da Informação, inspirou-se num esquema

triádico que definia a atividade linguística através de três funções:

Representação - Expressão - Apelo

Ele propõe alarga-las a seis funções da linguagem:

Expressiva Apelativa Referencial poética Metalinguística Fática

cada uma das quais é originada por um dos seis elementos da comunicação verbal:

Emissor Receptor Contexto Mensagem Código Canal

O esquema da comunicação de Jakobson foi, durante muito tempo, uma referência por ter alargado os estudos linguísticos, do quadro estreito do sistema da língua, ao fenômeno da comunicação globalmente considerado.

No entanto, foi também muito criticado por ser, simultaneamente:

demasiado generalista, sendo acusado de:

- falta de rigor analítico;

- falta de clareza conceptual e terminológica;

demasiado particular, não permitindo ir além do estudo da comunicação verbal.

Assunto: 15/03/2009 - Minha opinião....

Postada por: Participante 08

No meu entender o texto é bastante complexo e exigiria uma aula presencial com muitos exemplos, para maior clareza.

A parte mais clara foi aquela em que há uma crítica ao modelo de Jakobson. No meu entender, no processo de comunicação, os protagonistas nem sempre dominam o código utilizado por um deles. Isso acontece muito em textos técnicos, jurídicos, etc...Concordo que o destinatário nem sempre constitui um grupo homogêneo e para muitos, o discurso acaba ficando desprovido de sentido.

ANEXO 3

FÓRUM 3 (F3)

Assunto: 08/03/2009 - INTERAGINDO

Postada por: Participante 04

Participante 06, muito obrigado pela observação, mas faço o possível apesar de ter dificuldades nesta disciplina sempre me esforço para fazer as atividades, com os estudos e os trabalhos espero melhorar bastante não sou entendida como alguns colegas nosso, mas faço o necessário e tenho certeza que juntos vamos apreender bastante, pois a Língua Portuguesa é complexa mas necessária no nosso dia a dia.

Assunto: 08/03/2009 - comentário

Postada por: Participante 06

Exatamente, também tenho essa dificuldade, é uma língua que exige um pouco mais de atenção. Acredito que você tenha feito exatamente o que foi pedido.

Assunto: 13/03/2009 - RESPOSTA

Postada por: Participante 01

Caros colegas pelo menos vocês são educados por abordar os erros dos outros, porque as pessoas que estão fazendo faculdade tem que ser educadas. Por favor vamos continuar assim ajudando um os outros. Porque vejo que todos nós erramos, Participante 02 agradeço você novamente.

Assunto: 13/03/2009 - INTERAÇÃO

Postada por: Participante 05
Vocês leram?

Assunto: 15/03/2009 - Interação

Postada por: Participante 03
Participante 01 acho que ainda não. A qual leitura você se refere?

Assunto: 25/03/2009 - PESSOAL!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Pessoal,
Por gentileza, não se sintam ofendidos quando um colega comentar e até criticar a sua contribuição, pois isso é o que caracteriza o Fórum.
Somos todos civilizados e estamos aqui para aprender e discutir questões que envolvem a Língua Portuguesa.
Um grande abraço.

Assunto: 12/03/2009 - Interação

Postada por: Participante 02

Eu também tenho dificuldades nessa disciplina, mas creio que juntos venceremos esta etapa. Redação não é o meu forte.

Assunto: 13/03/2009 - RESPOSTA PARA / Participante 02

Postada por: Participante 02

Eu tenho dificuldades também, porque já tem muitos anos que formei, mas não tenho vergonha de falar, mas sou humilde e educada, e na minha casa todos estudam. E agradeço a Deus por tudo. E nós vamos errar muito ainda. É consertando que se aprende.

Assunto: 21/03/2009 - Interação

Postada por: Participante 05

Participante 01, sinceramente não é nada pessoal, mas devemos entender que se trata do idioma oficial do nosso país, e que, o uso de um dicionário reduziria drasticamente vários erros cometidos até então.

Assunto: 23/03/2009 - INTERAÇÃO:

Postada por: Participante 01

Participante 05, interagir não é fazer crítica ao conteúdo ortográfico. As distorções desta natureza devem ser colocadas de forma a não magoar ou mesmo rebaixar as pessoas. Podem ser colocadas de maneiras suave, no sentido de orientação. Os níveis de dificuldades entre as pessoas são bastante variadas. Uns são autoditadas, outros têm pequenas dificuldades e outros muitas. Seria ótimo se os professores pudessem orientar melhor os colegas o que evitaria atitudes desagradáveis entre os alunos.

Assunto: 15/03/2009 - Ídem, ídem na mesma data!

Postada por: Participante 03

Eu então nem se fala!

Mais é isso mesmo, temos que nos ajudar e com certeza melhoraremos muito. Ou melhor! já estamos melhorando.

Assunto: 12/03/2009 - Interação

Postada por: Participante 02

Participante 04, eu não sou tão bom em português para te corrigir, mas acho que seu texto ficou um pouco confuso. Parece que falta pontuação e coerência entre as frases. Dê uma olhada de novo nele.

Assunto: 21/03/2009 - Interação Edna

Postada por: Participante 05

Participante 04,

vários são os erros na sua resposta.

Por ser uma dissertação, não devemos fazer uso de verbos na primeira pessoa.

Há muitos erros ortográficos, o que acaba tornando seu parágrafo difícil de se entender. Verifique as concordâncias (verbais e nominais) e principalmente a escrita correta das palavras e os tempos verbais.

Assunto: 23/03/2009 - INTERAÇÃO

Postada por: Participante 04

Participante 05,gostaria que citasse os verbos, concordâncias, erros ortográficos e gramaticais.Sei sim que erro quem nunca errou? O que queria saber do colega é se está mesmo interagindo conosco ou está levando para o lado crítico, pois sei que tem facilidade em todos os conteúdos e que pelo jeito que se coloca nunca teve dificuldades, por isso sinceramente quero uma resposta já que se considera um (QI)seja sincero.

Assunto: 23/03/2009 - INTERAÇÃO:

Postada por: Participante 01

Isto mesmo Participante 04 ,porque cada pessoa tem sua opinião e o seu modo de pensar diferenciado.SE nós soubéssemos tudo não estaríamos em uma faculdade. E mais, o professor não pediu que apontássemos os erros ortográficos,ou pediu? Isto cabe ao Professor,vocês não acham? Peço opinião da professora para encerrar este acontecimento, eu não vou aceitar está grosseria mais.

Assunto: 23/03/2009 - Interação - Mal entendido

Postada por: Participante 05

Caras colegas, de maneira alguma citei os erros ortográficos com a intenção de denegrir e/ou diminuir ninguém.

Acredito que fui mal interpretado, pois como estamos nos referindo a disciplina Língua Portuguesa, e que na mesma estamos trabalhando a produção textual, acho que escrever as palavras de maneira correta acaba sendo mais uma obrigação do que uma opção. Peço a gentileza que reflitam a respeito. De toda maneira peço desculpas se de alguma maneira ofendi alguém com meus comentários.

ANEXO 4

FÓRUM 4 (F4)

Assunto: 09/02/2009 - UNIDADE 2 - TEXTO, COERÊNCIA E COESÃO

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Discuta com seus colegas de curso as questões:

O texto seguinte tem coesão? Por quê? Utilize elementos do texto (substantivos, pronomes, 1) conjunções etc.) para fundamentar sua resposta. 2)O que podemos compreender do texto?

Cena 10

Promessa 1

Todo santo sábado Mariano leva um pedaço de cera na Igreja de São Judas Tadeu. Leva um braço, reza; leva uma coxa, reza; um peito... e assim por diante. Nos próximos dois meses deve completar o corpo, pondo cabeça por cima e sandálias por baixo de tudo. Nesse dia pensa acender uma vela da mais grossa no tamanho de Jacira, que nunca existiu. Acha que quando pedir pela última vez, essa Jacira sem pulmões vai sair andando, batendo os saltos pelas cerâmicas. Mariano também acha que pode aproveitá-la por um bom tempo até que derreta no sol (BONASSI, Fernando. “15 Cenas de descobrimento de Brasis”. In: MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 607).

(1) “Promessa” é o miniconto número 10 que faz parte de “15 Cenas de descobrimento de Brasis”.

Assunto: 03/03/2009 - Sim, tem coesão.

Postada por: Participante 1

Professora Carolina e Amigos,

O texto acima tem coesão por vários motivos.

Talvez 11 elementos, se não erre pelo caminho.

1)“Leva” um braço: “Leva” a repetição de uma mesma palavra é um dos recursos coesivos que remete por anáfora a “Mariano”.

2)“assim por diante”: “assim” remete por anáfora a “leva um braço, reza; leva uma coxa, reza;” lembrando ainda que anáfora faz remissão a algo que já foi mencionado.

3)“deve completar o corpo”: É uma expressão nominal que faz referência anafórica a “Mariano”.

4)“por baixo de tudo”: É uma expressão nominal que faz referência catafórica a “Jacira”.

5)“nesse” dia: “nesse” é um pronome demonstrativo que faz remissão anafórica a “dois meses”

6)“acho” que quando pedir: “acho” o sujeito desse verbo esta elíptico sendo portanto outro recurso coesivo anafórico que remete a “Mariano”.

7)“essa” Jacira sem pulmões: “essa” é um pronome demonstrativo atuando como referência catafórica a “Jacira” que vem me seguida.

8)“batendo” os saltos: “batendo”o sujeito desse verbo esta elíptico, sendo portanto recurso coesivo anafórico que remete a “Jacira”

9)que pode “proveita-la”: “aproveita-la” La é pronome pessoal anafórico que faz remissão a “Jacira sem pulmões”

10)até que “derreta” no sol: “derreta” o sujeito desse verbo esta elíptico e por anáfora remete a “Jacira sem pulmões”

11)“que”derreta no sol : o pronome relativo “que”é ainda um conectivo denominado conjunção integrante já que integra um objeto direto oracional “derreta no sol” à oração “por um bom tempo”

Abraço

Participante 1

Assunto: 05/03/2009 - Coesão por estar centrada no usuário

Postada por: Participante 2

por:

Prezado Participante 1:

Interessante sua observância relacionadas em 11 elementos e a possibilidade de haver outras que se

enquadrem no texto.

Também afirmo que o miniconto tenha mais coesão do que coerência por estar centrada no usuário, e voltada a situação da comunicação. Ao mesmo tempo está ligado à gramática da língua, estabelecendo conexões entre as partes do texto.

Poderia ainda acrescentar alguns elementos linguísticos encontrados no miniconto da promessa, por exemplo:

- Mariano e Igreja São Judas Tadeu = substantivo próprio
- cêra (de braço, coxa, peito, cabeça), sandália, vela, cerâmica como substantivo comum.
- um , uma = artigos indefinidos
- essa = pronome demonstrativo
- até que = conjunção de tempo
- por = proposição indicando causa
- quando = conjunção subordinativa adverbial temporal
- porque = conectiva, explica o ato da fala.

obs.: espero ser complementado pelos demais colegas e com a ajuda da Prof. Carol aprimorar o conhecimento de nossa língua portuguesa.

Participante 2

Assunto: 05/03/2009 - interpretação do texto

Postada Participante 2

por:

Ao texto intitulado como promessa poderão ser dadas várias interpretações, dependendo da visão e compreensão do receptor da mensagem.

De certa forma procuro penetrar no sentimento de fé demonstrada pelo Mariano, que semanalmente visita a Igreja para expressar a sua confiança e piedade ao seu santo preferido. Ao levar um objeto simbólico e cada semana agregar mais uma parte ao símbolo, provavelmente deseja manifestar com isso, a sua confiança total em alcançar um milagre, um prêmio ou uma cura. Ele usa de muita fé e fantasia, a tal ponto de se imaginar a vitória alcançada.

Participante 2

Assunto: 06/03/2009 - complementação da interpretação de texto

Postada Participante 2

por:

Prezados colegas!

O miniconto da Promessa dá margem para inúmeras interpretações.

O texto pode ser interpretado como um mundo em chamas, onde o ser humano está sendo despedaçado. O autor leva cada sábado, no sentido consecutivo de atos para a reconstrução da vida humana. Esta vida cada dia mais mutilada pelas estruturas de cimento que atinge o mundo natural e sobrenatural, o ser integral do humano com relação do divino.

A busca do divino na reconstrução do ser original e completo que saiu das mãos do Criador.

Jacira sem pulmões significa a falta do elemento ar na natureza e o sufocar dos bens físicos na qual a natureza sobrevive.

Mariano busca a perspectiva de vida nova e permanente, embora o derreter-se ao sol expressa a sua linguagem de uma vida com tempo e espaço limitado. Esse andar saltando pelos cimentos comprova esta sua esperança de uma vida nova.

Este cimento que consome a cera pelos raios ardentes de sol é a figura do mundo que é purificado e ressurgente para os novos tempos.

Participante 2

Assunto: 07/03/2009 - Que beleza ein..

Postada Participante 3

por:

Participante 2 voce este bimestre está muito inspirada, palavras que se completam, palavras com coesão, muito boa sua colocação e fiquei muito feliz com sua participação no grupo hoje.

Assunto: 01/04/2009 - Muito bom!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Pessoal,

Algumas observações para discutir com vocês:

* "15 cenas do descobrimento de Brasis" são micro contos que relatam com humor e ironia cenas do Brasil.

* Em Belém, onde acontece o Sírío de Nazaré, os fiéis levam partes do corpo ou objetos feitos de cera como agradecimento por graça recebida; mas o santo que é citado no texto é São Judas, o Santo das causas impossíveis.

Assunto: 07/03/2009 - Completo

Postada por: Participante 3

Neste caso posso dizer que isto que é explicação no estudo dado, espero poder fazer melhor nas proximas atividades, pois estes meses estou numa correria no emprego , sobre pressão, já viu né, necessito mesmo deste emprego, mas sem duvida dedicarei mais para as atividades, agora que hoje foi muito bom, acredito que foi valido isto para que possamos trabalhar melhor junto.abraço.

Assunto: 01/04/2009 - Excelente!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Parabéns pela interatividade.
Excelente!

Assunto: 06/03/2009 - COESÃO-

Postada por: Participante 4

Concordo que o texto tem coesão, pois existem elementos gramaticais que fazem a ligação entre as partes do texto. Apenas estou em dúvida em relação aos comentários do Participante 1, pqe ainda não entendi a matéria tão profundamente.

Quanto aos comentários da Participante 2, encontrei também, como ela:

- artigo indefinido: um, uma
 - pronomes relativos: que
 - preposição: até
 - advérbio: sábado, dois meses, bom tempo
 - concordâncias verbais
 - coordenação e pontuação na organização das frases do texto
- Existem realmente elementos coesivos.

Participante 4

Assunto: 06/03/2009 - Comentario

Postada por: Participante 5
Olá Participante 4,

Concordo com a sua resposta que existe coesão no texto, mas a interpretação do texto é importante também e o que consegui entender é a estória de uma pessoa chamada Mariano, onde exercita a sua fé ao levar pedaços do corpo em forma de cera para uma igreja. Espera poder completar um corpo de mulher, chamando-a de Jacira e acendendo uma vela do seu tamanho.

E na sua imaginação sonha em poder sair com ela e passear que o sol possa derreter-la

Assunto: 06/03/2009 - Coesão e Intrepretação

Postada Participante 5

por:

Ola,

Entendo o texto como estoria de uma pessoa chamada Mariano, onde exercita a sua fé ao levar pedaços do corpo em forma de cera para uma igreja. Espera poder completar uma corpo de mulher, chamando-a de Jacira e acendendo uma vela do seu tamanho.

E na sua imaginação sonha em poder sair com ela e passear que o sol possa derrete-la.

O texto tem coesão pois utiliza os artigos definidos e indefinidos corretamente, exemplo:

"Leva um braço, reza; Leva uma coxa, reza; um peito..."

Assunto: 07/03/2009 - esta tudo ligado

Postada Participante 3

por:

É professora, depois do dia de hoje podemos dizer que crescemos como estudante de lingua portuguesa, foi muito valioso as avaliações que pudemos nos unir como grupo e como auxilio aos nossos estudos.abraço.

Assunto: 01/04/2009 - respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Que bom! Fico feliz! Qualquer dúvida, estarei aqui para ajudá-los.

Assunto: 01/04/2009 - Respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Pessoal,

a) Apesar da aparente confusão em "...sandálias por baixo de tudo..." e das incoerências evidentes como "...tamanho de Jacira, que nunca existiu", o texto de Bonassi tem uma coerência que impressiona. Uma leitura apressada e desatenta poderá achar o texto sem sentido, mas a releitura e o exercício de destrinchar o texto em partes, assim como Mariano carregou os pedaços de Jacira, poderemos reconstruir nossa estátua.

Ao lermos as frases isoladas, fora do contexto, sentimos estranhamento com:

"...leva um braço, reza..." : Afinal, braço de quem ele está levando?

"...Jacira, que nunca existiu...": Se Jacira nunca existiu, como Mariano a está levando?

"...essa Jacira sem pulmões...": Como uma mulher pode não ter pulmões?

"...batendo os saltos pela cerâmica...": Mariano colocou sandálias em Jacira, então como ela poderia bater saltos?

"...pode aproveitá-la até que derreta no sol...": Mariano desfrutaria sexualmente de um boneco de cera?

Quem se derreterá no sol, Mariano ou Jacira?

"...nesse dia pensa...": Quem pensa? Mariano? Não precisaríamos do pronome "ele"

Entretanto, ao encadearmos as frases e buscarmos o sentido (implícito na poesia do texto) real do conto, enxergamos com clareza sua mensagem.

b) Mariano quer construir uma mulher de cera para "desfrutar" da mesma. Sua idéia é fazê-la em partes e dirigir-se a Igreja de São Judas para que o "milagre" seja realizado. Daí a frase: "... leva um braço, reza...". Passados dois meses, ele acredita que terá terminado sua "Gioconda", e então rezará com todas as forças "...uma vela maior que Jacira..." para que ganhe vida a Jacira sonhada. Realizado seu desejo "... vai sair andando...", então Jacinto desfrutará da mulher, até a sua morte "... derreta no sol...", como cera que é.

Assunto: 07/03/2009 - A Coesão

Postada Participante 3

por:

Sim pode se notar que a coesão está ligando sempre a reza com os devidos pontos, sempre ligando um ao outro.

Assunto: 07/03/2009 - INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

Postada Participante 6

por:

Olá!

Há coesão por estabelecer ligação entre as partes constituintes do texto.

Mariano leva um pedaços de cera à Igreja, e logo explica que estes pedaços de cera são partes do corpo de Jacira, uma pessoa que não existe, mais com sua fé, imagine que irá existir.

Ele reza sempre que leva um pedaço do corpo, e cita que mesmo sem pulmões, ela irá viver como ele.

Ele demonstra toda sua fé.

Encontrei no texto:

Preposição: até;

Advérbios: Sábado, meses, tempo.

Substantivo próprio: Mariano, Igreja São Judas Tadeu, Jacira;

Substantivo comum: cera, sandália, vela, cerâmica;

Pronome demonstrativo: essa

Artigos Indefinido: um, uma

Abraços,

Participante 6

Assunto: 07/03/2009 - Coesão e Texto

Postada Participante 7

por:

Amigos e professora,

A coesão: é a correta ligação entre os elementos de um texto, que ocorre no interior das frases, entre as próprias frases e entre os vários parágrafos. Pode-se dizer que um texto é coeso quando os conectivos (conjunções, pronomes relativos, substantivos, artigos, numerais) e também a preposição são empregados corretamente.

Coesão é que faz o seu texto ser mais claro, ter coerência, ter início, meio e fim.

- Mariano e Igreja São Judas Tadeu - Substantivo próprio

- Cera, vela, cerâmica - Substantivo

- um, uma - Artigos indefinidos

- Essa - pronome demonstrativo.

O texto trata de Mariano que na sua fé acredita existir uma pessoa chamada Jacira, não por ela ser de verdade, mas porque ele a cada sábado da um pedaço a ela (braço, peito, coxa) e acredita que assim que ele terminar essa Jacira terá vida, onde ele poderá aproveitar até que o sol a derreta, por se tratar de uma fé feita de cera.

Abraços

<http://recantodasletras.uol.com.br/trabalhoscolares/634746>

<http://colunas.g1.com.br/portugues/?s=Coes%C3%A3o>

Assunto: 08/03/2009 - Texto X Discurso

Postada Participante 1

por:

Pessoal,

Vejo o seguinte discurso:

Mariano viveu grandes frustrações no que se refere a amores não correspondidos e que muito o atormenta, assim recorre à sua imensa fé, não se importante que possa parecer louco para os outros.

Livrar-se desse tormento passa por realizar um grande sonho.

Seu sonho é o de viver um grande amor, nem que seja por um breve espaço de tempo, ao lado da mulher ideal (Jacira).

Acho que é isso que o move.

Abraços

Participante 1

Assunto: 01/04/2009 - Excelente posicionamento!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

O texto apresentado possui coesão, pois apresenta em sua estrutura elementos linguísticos e expedientes sintáticos que estabelecem as ligações e conexões necessárias para uma boa estruturação textual. Vejamos alguns trechos que nos mostram tais conexões:

"...essa Jacira..." (essa- pronome demonstrativo que faz referência a Jacira).

"...uma coxa; reza..." (uma - artigo indefinido utilizado para introduzir o termo que o precede (coxa) pela primeira vez).

"Todo santo sábado...", "Nos próximos dois meses...", "Nesse dia..." (São expressões utilizadas para que ocorra a coesão sequencial, portanto, marcadores de tempo. São importantes, pois marcam no texto a sequência temporal dos acontecimentos).

"...assim por diante." (Assim- conjunção coordenativa, utilizada para unir uma oração anterior a outra que exprime conclusão).

O texto também possui a pontuação adequada.

Assunto: 10/03/2009 - Há coesão.

Postada por: Participante 8

Tenho muitas dificuldades nesta matéria por isso demorei tanto,mas espero ter respondido certo.

Há coesão pois existe ligação, harmonia entre os elementos de um texto, as palavras, as frases e os parágrafos dão continuidade ao outro.

Consegue passar a mensagem, pois Mariano um homem de muita fé, toma atitude que aos outros olhos seria de uma pessoa “desequilibrada”, mas cada pessoa tem sua filosofia de vida.

Mariano - substantivo próprio

um , uma - artigos indefinidos

cêra de braço, coxa, peito, cerâmica - substantivo comum.

nesse - pronome demonstrativo

Assunto: 01/04/2009 - Conclusão

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá queridos alunos,

Parabéns pelos textos argumentativos.

Ficaram excelentes!

ANEXO 5

FÓRUM 5 (F5)

Assunto 24/09/2009 - UNIDADE 1 – POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA:

: ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS.

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Em relação ao financiamento da educação escolar, elabore um quadro demonstrativo entre o FUNDEF e o FUNDEB. Ao elaborar esse quadro, procure destacar aspectos que demonstrem semelhanças e diferenças entre os dois fundos de financiamento para a educação. Em seguida, debata com seus colegas, no Fórum, as questões que você considera importante, tais como os percentuais destinados ao financiamento escolar, o destino final desses recursos e outros aspectos que você considera relevantes.

Assunto: 27/09/2009 - UNIDADE 1

Postada por: Participante 01

Como elaborar um quadro demonstrativo, se as míseras verbas à educação são verdadeira mentiraS, hipocrisias, apenas interesses eleitoreiros, de políticos sem escrúpulos, como o governador de São Paulo. Datavênia professora, estamos queimando vela para defuntos que já estão há muito tempo em estado de putrefação. Escolas com número reduzido de funcionários, com as condições física em estado ruim. Tenho dito. " Podem me prender podem me bater que não mudo de opinião" (Zé Ketti)

Assunto: 29/09/2009 – Ao Participante 01

Postada por: Participante 02

Participante 01, em nível municipal, posso dizer que aqui em Corumbataí existe verba suficiente para investir em uma boa educação, mas o que muitas vezes acontece é a má utilização desse recurso, que são de vez em vez desviados para cobrir rombos em outra área.

Assunto: 30/09/2009 - UNIDADE 1

Postada por: Participante 01

Informações sobre verbas, passadas a mim pela profa.Elizabete Folton Guimarães Costalati, diretora da escola em que faço estágio:

VERBAS:

FDE: Fundo Desenvolvimento da Educação: Verba ESTADUAL, quadrimestral para manutenção do prédio escolar: valor: R\$ 1,50/aluno. Bem que pode ser o dobro, pois não dizem que São Paulo é o estado mais rico da federação?

FNDE: Fundo Nacional Desenvolvimento Educação. Que comanda o PDDE-Programa Dinheiro Direto na Escola (Federal). A verba é enviada uma vez ao ano e pode comprar material permanente, material de consumo e realizar pequenos reparos e consertos na escola. Valor: R\$ 1,80/aluno.

DMPP - verba estadual que vem às escolas a cada três meses, e é para comprar materiais de consumo: papel sulfite,, giz, materiais de limpeza. Valor da verba; variável.

Assunto: 30/09/2009 - Ao Participante 01

Postada por: Participante 02

Participante 01, eu não sei dizer valores de verbas que vem para Corumbataí, o que sei é que todo final de ano o Secretário da Educação diz que precisa gastar o dinheiro para não precisar devolver, na maioria das vezes gasta em bobagens, deixando de lado algumas prioridades, exemplo: contruir uma "caixa d'água", pois quando falta água, é só esvaziar os pequenos depósitos que a escola inteira fica sem água, o que acha?

Assunto: 03/10/2009 - Ao Participante 02

Postada por: Participante 01

por:

Fico feliz em saber, a diretora da escola em que faço estágio, traz tudo anotado na ponta do lápis e nos arquivos do PC. Devolver o que sobrou é uma piada pornográfica por parte do secretário.

Assunto: 02/10/2009 - Para Participante 01

Postada Participante 03

por:

Muito interessantes esses dados. Confesso que não fazia a menor idéia de como eram beneficiadas (será que se pode falar em beneficiamento, com essas "merrecas"???) as escolas.

Um tema interessante para uma CPI (se tivéssemos parlamento digno desse nome) seria fiscalizar tudo o que é arrecadado para o FUNDEB e o modo concreto com que o dinheiro é aplicado. Desconfio que boa parte do dinheiro se perca pelo caminho, utilizada em propaganda do próprio governo, em financiamento a "escolas" do MST, em mensalões e coisas do gênero... E o que é realmente canalizado para o ensino, também se aplique mal, por falhas administrativas, por falta de planejamento adequado.

Assunto: 03/10/2009 – Ao Participante 03

Postada Participante 01

por:

O MST deve ter muita verda "importada" e nacional, pois eles não largam a teta. Há assentamentos que deram certo? Uma CPI poderia até dar um ar de fiscalização, entretanto sempre acaba em pizza, aliás um prato bem manjado.

Assunto: 03/10/2009 - Para Participante 01

Postada Participante 03

por:

Participante 01, o irmão de um compadre meu, de Porto Alegre, me contou que encontrou, na cidade de São Jerônimo (a uns 70 km de Porto Alegre), um amigo, participando de uma manifestação do MST. Ele se surpreendeu, porque o tal amigo era filho de um fazendeiro muito rico. E perguntou o que estava fazendo no MST. O sujeito respondeu: - daqui não saio, porque aqui tenho comida, bebida, jogo e mulheres à vontade. E não preciso trabalhar. Você acha que eu sou trouxa de ficar trabalhando na fazenda do meu pai?

Assunto: 05/10/2009 – Ao Participante 03

Postada Participante 04

por:

MST é uma coisa de louco. Eles tem faculdade...direta e gratuita. Um programa de educação só para eles. Tudo obviamente financiado pelo Governo federal. Mas eu me pergunto: POR QUE?????????????

Assunto: 06/10/2009 – Ao Participante 01

Postada Participante 05

por:

Hj ouvi num telejornal que o MST torce para que a reforma agrária não dê certo. Eles perderiam as verbas que caem do "céu", e trabalhar mesmo que é bom, eles não querem.

Assunto: 20/10/2009 - Respondendo...

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Olá Participante 05,

Ótima observação, porém, cuidado com a fuga do tema da interatividade.

Abraços,

Profa. Carol

Assunto: 04/10/2009 - Para Participante 01 e Participante 03

Postada Participante 06

por:

Olha, nós percebemos grandes diferenças entre o FUNDEF e o FUNDEB...o F e o B...rsrs.

Até porque não houveram grandes mudanças do que o ex-presidente FHC propôs e o que o Lulla o nosso grande presidente(rsrs) propôs novamente, porém em uma reformulação ainda não profunda a termos de

aprimorar o fator educação em nosso país.

Acho que o dinheiro deve estar se perdendo entre os "F" e os "B" da vida...mais conhecidos como caixas 2,3,4...e assim por diante.

Assunto: 05/10/2009 - Para Participante 06

Postada por: Participante 03

Participante 03, gostaria muito de poder dizer que você se engana quanto ao destino do dinheiro, mas infelizmente acho que você tem toda a razão...

Assunto: 20/10/2009 - respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá Participante 03:

É, infelizmente a Carol parece ter mesmo razão.

Assunto: 12/10/2009 - Para Participante 06

Postada por: Participante 07

Não sei lhe dizer, mas até concordo. Só que o dinheiro que chega em sua cidade é suficiente para a educação, só que é mal gerenciado, é fácil falar mal do Lula, do congresso etc. Mas será que para o professor participar de um conselho e fiscalizar esse pouco dinheiro que ves falam é muito difícil. A classe dos professor falam mal mas não assume responsabilidades, a Lei esta ai, mas quem a leu e a conhece?

Assunto: 13/10/2009 - Participante 07

Postada por: Participante 02

Participante 07, será que muitos professores não fiscalizam por medo de perseguição ?

Assunto: 20/10/2009 - Vamos refletir sobre esse assunto...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Pessoal:

Acho que vale a pena refletirmos sobre esse ponto.

Assunto: 20/10/2009 - respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Pensando um pouco nas semelhanças e diferenças entre FUNDEF E FUNDEB, o Paulo Sena em seu artigo "A LEGISLAÇÃO DO FUNDEB" afirma que o Fundeb adotou as seguintes características que já integravam o Fundef. Vejam:

- natureza contábil do fundo;
- contas únicas e específicas com repasses automáticos;
- âmbito de cada estado, sem comunicação de recursos para além das fronteiras estaduais;

- aplicação de diferentes ponderações para etapas e modalidades de ensino e tipos de estabelecimento;
- controle social e acompanhamento exercido por conselhos nas três esferas federativas;
- destinação a ações de manutenção e desenvolvimento do ensino na educação básica (artigo 70 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB);
- possibilidade de retificação dos dados do censo por demanda dos entes federados;
- complementação da União.

Entre os aspectos que representam aperfeiçoamento em relação ao Fundef podem-se mencionar:

- todas as etapas da educação básica passaram a contar com um mecanismo de financiamento (a inclusão das creches não estava prevista na proposição enviada pelo Poder Executivo e ocorreu com a ampla mobilização da comunidade educacional, particularmente do denominado movimento Fraldas Pintadas e do compromisso assumido pelo Congresso Nacional);
- a regra da complementação da União, antes definida em legislação ordinária, e nunca respeitada pelos governos do período, foi constitucionalizada (no mínimo 10% dos recursos dos fundos) e representa o maior avanço do novo modelo, vitória obtida no Congresso Nacional, que inclusive reconstituiu na lei regulamentadora o texto da EC n. 53/06, uma vez que a Medida Provisória – MP – n. 339/06 havia retirado a expressão “no mínimo”;
- a vedação do uso da fonte do salário-educação para a complementação da União;
- a preocupação com o aperfeiçoamento do desenho institucional dos conselhos de acompanhamento e controle social, com base no aproveitamento de proposições elaboradas e aprovadas no âmbito da Câmara dos Deputados, ainda no período do Fundef (substitutivos ao Projeto de Lei n. 241/99, do qual foram relatores os deputados Gastão Vieira, na Comissão de Educação, e Fátima Bezerra, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania). Assim, foram criados impedimentos para que parentes de autoridades integrem os conselhos, foi reforçada sua autonomia, vedado o exercício da presidência por representante do órgão controlado e facultada, na esfera municipal, a transformação do conselho em câmara do conselho municipal de educação. Foram ainda expressamente previstas a indicação pelos sindicatos e a eleição pelos pares;
- possibilidade de litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos estaduais e o federal;
- previsão de que também os registros contábeis e demonstrativos referentes às despesas realizadas estejam permanentemente à disposição dos Conselhos de Acompanhamento e Controle Social – CACs – e dos órgãos de controle interno e externo;
- previsão da fixação em lei de piso salarial profissional nacional para o magistério;
- cômputo das matrículas, para recebimento dos recursos do fundo, tendo como critério obrigatório o atendimento ao âmbito de atuação prioritária, isto é, à função própria (educação infantil e ensino fundamental, para os municípios, e ensino médio e ensino fundamental, para os estados);
- a exemplo da Lei que aprovou o PNE, a Lei do Fundeb prevê (artigo 30, VI) avaliações periódicas e um prazo para realização da primeira avaliação da lei (até 2008);
- previsão da realização, no prazo de cinco anos, de fórum nacional com o objetivo de avaliar o financiamento da educação básica, com representantes das esferas federativas, trabalhadores, pais e alunos

(artigo 35, Lei do Fundeb), além da garantia de participação popular e da comunidade educacional no processo de definição do padrão nacional de qualidade (artigo 38, parágrafo único);

- no plano conceitual, a consolidação da proposta de educação no campo como substitutivo à “escola rural”.

Assunto: 20/10/2009 - Leia na íntegra

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá pessoal:

Caso você se interesse, você poderão ler o artigo do Paulo Sena na íntegra. Segue o sítio:

<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0438134.pdf>

Abraços.

Assunto: 12/10/2009 - Para o Participante 03

Postada por: Participante 07

Será que o debate poderia ser melhor, Não são merrecas que chegam ao município, e não precisamos do parlamento para realizar esse controle, é só as pessoas cultas participarem dos conselhos fiscalizadores, e perceberão que o dinheiro chega aqui, e é aqui que podemos agir, não em Brasília, esse conselho, como já aconteceu aqui, pode sim fazer o prefeito devolver o dinheiro aplicado erradamente.

Digo de novo Participem ...

Assunto: 18/10/2009 - Participação excelente!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Excelente suas colocações.

Obrigada.

Assunto: 04/10/2009 - Para Participante 01

Postada por: Participante 06

Como diria Boris Casoy em suas frases bordão:

- "Isto é uma vergonha!".

- "É preciso passar o Brasil a limpo".

Assunto: 05/10/2009 –Para o Participante 01

Postada por: Participante 04

Conversando outro dia com uma profa, ela me disse que as vezes as contas não são lá muito transparentes na escola pq eles são obrigados a destinar a verba em compra de materias específicos. Ou seja, as vezes vc tem uma verba "excedente" (se é q é possível) pra comprar material escolar, mas não tem a verba p outra necessidade. Então o jeitinho é por baixo do pano passar o excente para outro lugar, sem declarar, e todo mundo fica feliz.

A lei as vezes complica, ou é pouco estudada para as reais necessidades de uma escola.

Assunto: 11/10/2009 – para a Participante 04

Postada Participante 01
por:

Ocorre que se as verbas não forem usadas, devem ser devolvidas, concordo em que se divide para compra de material necessário. Devolver para que(m)?

Assunto: 05/10/2009 – para o Participante 01

Postada Participante 08
por:

Participante 01, quando vc menciona que o valor do FDE poderia ser o dobro, pois nosso estado é o mais rico da União, vc tem razão. O único problema é que o nosso governador é sovinha e não se preocupa adequadamente com os interesses públicos e sim com sua campanha para presidência da República.

Assunto: 06/10/2009 – Para o Participante 08

Postada Participante 02
por:

Participante 08, sem fundo político, realmente qual governante tem interesse plenamente voltados aos interesses públicos?

Assunto: 06/10/2009 – Para o Participante 02

Postada Participante 08
por:

É Participante 02, os fundos os projetos sociais, não importa qual político seja, todos têm algum interesse à parte, e geralmente interesses financeiros.

Assunto: 06/10/2009 – para o Participante 08

Postada Participante 05
por:

Todos os políticos não se lembram das promessas em campanhas nem o que estão fazendo no cargo que ocupam. Essa falta de preocupação e interesse não é privilégio só do nosso governador.

Assunto: 07/10/2009 – Para o Participante 05

Postada Participante 08
por:

Infelizmente é verdade Participante 05, e o pior é que o Serra não se esqueceu de certas coisas, ele é sínico mesmo, mas tudo bem não adianta reclamarmos, temos é que tocar a vida adiante.

Assunto: 27/10/2009 – Para o Participante 08

Postada Participante 01
por:

Por ele ser sínico é que todo o funcionalismo público estadual está nesta situação.

Assunto: 11/10/2009 – Para o Participante 8

Postada Participante 01
por:

As propagandas do governo de São Paulo, que estão na TV, são puras quimeras às custas de nosso dinheiro.

Assunto: 14/10/2009 – Para o Participante 01

Postada por: Participante 08

E o pior é que muitas pessoas acreditam

Assunto: 05/10/2009 - Para o Participante 02

Postada por: Participante 04

Corumbataí deve ser alguma espécie de Shangrilá, rs. Não faltam verbas para educação...maravilha. E algum tempo atrás vc comentou que a cidade também possuía computadores para programas de inclusão.

Brincadeiras a parte, se então há verbas só falta honestidade.

Assunto: 18/10/2009 - respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Concordo Cristiano.

O mau gerenciamento do dinheiro público penaliza principalmente a área educacional e a da saúde. É lamentável.

Assunto: 27/10/2009 - Para o Participante 02

Postada por: Participante 01

Nem mesmo quem paga plano de saúde está em condições de continuar com o mesmo, pois os aumentos são frequentes e os intencos de problemas de saúde a serem atendidos pelos planos, são limitados. O SUS, tem atendido, entretanto muitos destes atendimentos, são determinados pelo ministério público. Os exames de urgência são agendados para três meses à frente, mas é urgente. Diante disso muitos entram na justiça e ganham, e isso muitos não o sabem, em especial os menos instruídos.

Assunto: 02/10/2009 - Para o Participante 01

Postada por: Para o Participante 09

Para o Participante 01 , realmente a situação esta ruim.

Mas falando da comparação entre as duas legislações, pelo menos agora fora atribuído verbas á todas as modalidades de ensino, e não só ao ensino fundamental, como no FUNDEF.

Assunto: 03/10/2009 - Para o Participante 09

Postada por: Participante 01

As verbas poderiam ser utilizadas, como exemplo, por que não aplicar em orientação psico-terapêutica em professores que trabalham na fundação CASA? E mesmo em professores que atuam nas escolas normais, pois vivem em condição de risco. Ontem uma diretora aqui em Rio Claro, fez um BO pois estava sendo ameaçada por duas alunas. Ocorre que nada se faz, pois os filhos dos nossos irreponsáveis pelo governo, estudam em escolas pagas (com nossos impostos) e na classe média-alta a situação está

ruim, mas o dinheiro consegue resolver.

Assunto: 04/10/2009 - Para o Participante 01

Postada por: Participante 06

Compreendo Participante 01 e respeito as tuas indignações contra o governador José Serra entre outros do partido do PSDB, como o nosso ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Porém, ficar "taxando" os mesmos em todo o momento da história não vai acrescentar na evolução de idéias para um novo pensamento ao homem.

Pense, todos fazem coisas ruins e boas...acredito que eles não sejam diferentes. Pode ter toda essa revolta de muitos para com os mesmos. Contudo, penso que o pensamento de repúdio de uma maneira generalizada, sinceramente não leva a pensamentos concretos e que frutificarão para análises mais profundas de nós futuros professores e historiadores.

Assunto: 11/10/2009 - Para o Participante 06

Postada por: Participante 01

É complicado voce encontrar algo de bom.

Assunto: 07/10/2009 - Para o Participante 01

Postada por: Participante 10

Estou com vc Participante 01. Isso é uma vergonha. Quem faz estágio nas escolas publicas, podem ver como está tudo caindo aos pedaços. Garanto que os filhos do governador e outros politicos nunca estudaram em escolas publica.

Assunto: 11/10/2009 - Para o Participante 10

Postada por: Participante 01

Joelmir Beting diz: " Na prática a teoria é outra ".

Assunto: 09/10/2009 - Para o Participante 01

Postada por: Participante 11

Pois é Participante 01, o papel aceita tudo. Na teoria temos uma educação de primeiro mundo, mas na prática a coisa muda.

Assunto: 29/09/2009 - Investimentos

Postada por: Participante 02

**FUNDEF: fundo destinado, especificamente, a financiamento do ensino fundamental (1ª a 8ª séries), onde estabelecia critérios de reserva, vinculação e distribuição de receitas para o ensino fundamental. Tinha também como objetivo fundamental investir em pessoal docente, por meio de incentivos salariais, promoção de cursos de formação continuada e planos de carreira.

*O Fundo é composto por 15% (quinze por cento) de recursos providos de: ICMS, FPE e FPM, IPI.

**FUNDEB: veio substituir o FUNDEF, cujos objetivos são também de obter financiamento à educação e, apenas por meio de este novo fundo, pretende-se atingir todos os níveis da educação básica e não só o ensino fundamental, como era anteriormente.

****Conclusão:** o repasse tanto do FUNDEF e do FUNDEB para financiamento da educação são os mesmos, pois o segundo veio em substituição do primeiro para não só repassar esse investimento ao ensino fundamental, mas também atender os demais níveis de ensino básico como: ensino infantil, fundamental e médio; educação de jovens e adultos; educação das comunidades indígenas e quilombolas, e educação especial.

Assunto: 29/09/2009 - Continuação

Postada por: Participante 02

Em relação aos recursos que são destinados a Educação, acredito que são suficientes, mas o que ocorre são a má utilização destes, muitas vezes desviados para cobrir rombos em outra área que não seja a da educação.

Assunto: 01/10/2009 - Para o participante 02

Postada por: Participante 01

Podem ser suficientes, entretanto há escolas que necessitam de reparos urgentes, antes das chuvas de verão, pois os telhados estão caindo, e quando chove só se entra de canoa. Para isso a BURROCRACIA é enorme e só de atende quando cai algo sobre quem está na sala, e aí o governo se acovarda em assumir a culpa. Dei em uma escola tradicional de Rio Claro, em que o piso superior estava com sérias rachaduras na escada de acesso, e todas as salas interditadas. Foram três anos de espera pela burrocacia do estado. E se algo trágico ocorresse neste meio tempo?

Assunto: 01/10/2009 – Para o Participante 01

Postada por: Participante 02

Participante 01, podemos dizer que o investimento para a educação é insuficiente, é mal distribuído, ou a burocracia para utilizá-lo atrapalha, ou ainda podemos somar esses fatores para explicar a má situação do ensino?

Assunto: 03/10/2009 - para o Participante 02

Postada por: Participante 01

Somar os fatores é um bom caminho.

Assunto: 02/10/2009 - Para Participante 02

Postada por: Participante 09

Para Participante 02
Esperamos que agora em 2010, as porcentagem de repasse do governo federal deve se estabilizar em 10%, as coisas melhore um pouco
São Leis sucessivas mas com certeza tende a melhorar por que piorar já não tem mais como.

Assunto: 02/10/2009 – Para o Participante 09

Postada por: Participante 02

Soraia, nós como futuros professores não podemos perder as esperanças que a educação como um todo

(ensino, prédio das escolas, capacitação de professores) há de melhorar, concorda?

Assunto: 03/10/2009 - PARA Participante 02

Postada por: Participante 09

Nós enquanto brasileiros criticos sempre temos a esperança de algo melhor para o nosso país e enquanto educadores sempre queremos o melhor para a educação, e devemos agir para que isso ocorra.

Assunto: 03/10/2009 – para os Participante 09 E Participante 02

Postada por: Participante 01

O discurso é sempre o mesmo. Seria de bom alvitre voltar a Ronda Escolar, uma forma de aplicar as verbas. Mas como podemos melhorar a situação se voltamos ao fator família?

Assunto: 03/10/2009 - PARA Participante 02 - CORREÇÃO

Postada por: Participante 09

Ao interagir com você, eu estava no computador em meu trabalho e ao invés de sair do sistema acabei enviando a mensagem, fiz alguns acertos e agora envio novamente.
Esperamos que agora no ano de 2010, as porcentagens de repasse do governo federal devam se estabilizar em 10%, talvez as coisas melhorem um pouco.
São Leis sucessivas, mas com certeza tendem a melhorar porque piorar já não tem mais como.

Assunto: 01/10/2009 - Unidade ! - meu modo de pensar

Postada por: Participante 03

Respondo pontualmente ao que foi pedido, comparando o FUNDEF e o FUNDEB. Ressalvo que não pude ter acesso direto aos textos legislativos que instituíram esses dois fundos, de modo que meu conhecimento é muito superficial, é somente baseado no resumo sumário que deles apresenta a apostila. De acordo em essa limitada fonte, ambos os fundos têm sua origem e seu embasamento na Constituição de 1988, a qual determina a obrigação, por parte do Poder público, de destinar parte de seus recursos ao ensino básico, além de estabelecer a educação como direito de todos e dever do Estado. São palavras bonitas, sem dúvida, sonoras, altissonantes e carregadas de esperanças... que a dura realidade logo se encarrega de desfazer!

O FUNDEF, instituído no governo FHC, era um fundo destinado a financiar o ensino fundamental, da 1a. à 8a. série, prevendo, entre outras coisas, a melhoria das condições dos alunos e, também, dos docentes (inclusive financiando cursos de reciclagem e aperfeiçoamento para estes últimos). Ficava fixada a quota de 15% de alguns tributos (entre os quais o ICMS e o IPI) para manter o FUNDEF abastecido de recursos para essas finalidades.

Já o FUNDEB, promulgado no governo Lulla em substituição ao anterior FUNDEF, ampliou os objetivos sem, no entanto, ampliar as fontes de recursos, que continuam sendo de 15%. Os objetivos ampliados abrangem, agora, todos os níveis do ensino básico (e não só o fundamental), incluindo o ensino infantil, o médio e o de jovens e adultos (que no meu tempo de estudante se chamava Madureza, depois passou a ser Supletivo). E também não faltou, dentro da política vigente de classificar e dividir artificial e ideologicamente os brasileiros por "raças" (como se existissem raças humanas!...) a menção aos indígenas e aos quilombolas.

Confesso que não sei avaliar se os 15% da arrecadação dos impostos previstos em lei são ou não são suficientes para tantos e tão belos projetos. É possível que sejam, é possível que não sejam. Só sei que, muito provavelmente, o dinheiro arrecadado é mal aplicado, como acontece em todas as áreas do nosso Brasil. Temos uma das maiores cargas tributárias do mundo e um dos piores serviços públicos do planeta. Temos impostos de Suíça ou Suécia, e serviços públicos de Gabão ou Bangladesh.

Sou, por isso, muito descrente dessas políticas públicas na área da Educação (como também na área da Saúde e da Previdência Social).

Ainda sou do tempo em que a Escola pública era de excelente nível. Quando eu era ginasiano, ser aluno de uma boa escola pública era indício de melhor preparo do que a maior parte das escolas particulares (não todas, mas uma boa parte delas). Entendia-se que o mau aluno, filho de pai rico, procurava uma escola paga, do tipo "pai pagou, filhinho passou". O Pitta deve se lembrar disso, porque ele é do meu tempo. As escolas públicas eram severas, rígidas, ensinavam de fato. Para se entrar no Ginásio havia o Exame de Admissão, uma espécie de mini-vestibular, severíssimo, que era o terror da criançada. Os professores de Ginásio eram concursados, defendiam tese para suas cátedras e chamavam os alunos, meninos ou meninas de 11 a 15 anos, de senhores e senhoras... O Pitta, tenho certeza, pegou isso... Hoje, em consequência das sucessivas LDBs, tudo mudou. Democratizou-se, no mau sentido, o ensino. Nivelou-se tudo por baixo. Ele ficou mais democrático, mais "cidadão", menos elitista. Multiplicaram-se as faculdades, os "depromados" se tornaram muitos milhões. E a consequência é que o Brasil tira sempre o primeiro lugar mundial, quando são feitos testes de avaliação comparativa de alunos mais mal preparados e ignorantes...

Desculpem o pessimismo, colegas. Mas contra fatos não valem argumentos.

Um abraço a todos.

PS - Na realidade, não sou pessimista, mas sou otimista. Continuo a acreditar no futuro do Brasil. Mas só depois de uma profundíssima transformação de mentalidades, de uma profunda regeneração moral da sociedade inteira. Acredito que essa transformação regeneradora se produzirá, não sei quando, mas tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde isso ainda será uma realidade.

Assunto: 02/10/2009 –para o Participante 03

Postada por: Participante 02

Participante 03, você está certo em dizer que pelo conteúdo não podemos dizer se os 15% são suficientes ou não, só há o consenso que no Brasil toda verba que é repassada ao setor público são mal administradas.

Assunto: 02/10/2009 - Para Participante 02 e colegas

Postada por: Participante 03

Participante 02, hoje, lendo o Jornal de Piracicaba, fiquei sabendo que em 2010, pela primeira vez desde que foi instituído o FUNDEB, o município receberá, desse fundo, mais do que contribuirá. Isso porque aumentou muito o número de alunos de escolas municipais, o que determinará um repasse maior de verbas.

No meio da notícia, de passagem, falava em 20% de dedução dos impostos. O texto não era inteiramente claro, mas pareceu-me que o porcentagem dos impostos, canalizada para o FUNDEB, não é mais de 15%, mas é de 20%.

Será que você, ou algum outro colega, saberia se a porcentagem realmente foi aumentada? Ou terei entendido mal a notícia?

Obrigado.

Assunto: 20/10/2009 - Respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá Armando e Pitta:

Segue um sítio interessante e que eu aprecio muito é de Josias de Souza "Nos bastidores do poder" :

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2008-10-01_2008-10-31.html

Acredito que vocês encontrarão artigos interessantes.

Abraços.

Assunto: 27/10/2009 - CAROLINA

Postada Participante 01
por:

Obrigado pela indicação.

Assunto: 30/10/2009 - respondendo... ao Participante 01

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)
por:

Parabéns pela sua participação, as suas contribuições sempre trazem um posicionamento crítico bem interessante.

Continue assim.

Abraços.

Assunto: 03/10/2009 - Participante 03 E COLEGAS

Postada Participante 01
por:

Um pouco de lenha: E um AI-5 para controlar? Não precisa jogar pedras!

Assunto: 09/10/2009 - Para Participante 03

Postada Participante 06
por:

Vai uma "ditadurazinha" aí?!...(rsrs)

Assunto: 10/10/2009 – Para o Participante 06

Postada ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS (1037176)
por:

Acho que você se enganou, Participante 06. Quem aludiu a uma ditadurazinha foi o Participante 01, não fui eu.

Eu, aliás, até fui fichado no Dops, no tempo dos militares. Ou melhor, tinha no DOPS uma pasta pessoal, com meus primeiros artigos marcados com lápis vermelho e uma nota manuscrita de algum censor anônimo, dizendo: "É preciso vigiar esse!".

Chique, não?

Assunto: 10/10/2009 - Para Participante 03

Postada Participante 06
por:

Chiquetérrimo!;D

Assunto: 20/10/2009 - Participante 06

Postada Participante 01
por:

O Participante 03 tem razão, eu escrevi se não seria uma boa termos uma ditadura!

Assunto: 11/10/2009 - Participante 06

Postada Participante 01

por:

Com muito prazer!

Assunto: 20/10/2009 - Excelente!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Excelente participação.

Assunto: 24/10/2009 - FUNDEF e FUNDEB

Postada por: Participante 12

Realmente muitas coisas deixam nossa posição desanimada, mas precisamos saber que em alguns lugares as organizações funcionam e o dinheiro enviado pelo FUNDEB consegue fazer a diferença. Até 2008, O PDDE (Programa dinheiro direto na Escola) atendia somente os alunos do Ensino Fundamental. Em 2009, houve a inclusão do Ensino Médio, aumentando assim o valor enviado para as APMs das escolas e proporcionando uma melhora no processo educativo das escola que atendem o Ensino Médio, uma vez que há possibilidade da compra de materiais específicos para o EM e para o EJA (antigo Supletivo).

Assunto: 03/10/2009 - UNIDADE 1

Postada por: Participante 09

O FUNDEF visava financiar apenas o ensino fundamental: salários dos docentes, cursos e plano de carreira. Este era aplicado na manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental, e valorização do magistério, sua distribuição era feita através dos governos estaduais e municipais, isto se dava conforme o número de alunos matriculados de 1ª a 8ª séries, com diferenciação de custos por aluno conforme três níveis.

O FUNDEF de 1.988 ampliou apenas o atendimento no ensino fundamental, deixando à margem do processo de inclusão as crianças da educação infantil e de jovens do ensino médio. Na educação infantil apenas 18,5% de zero a seis anos eram atendidos, ensino fundamental 97% das crianças de sete a quatorze anos, e no ensino médio 40% dos jovens entre quinze e dezessete anos.

Já os recursos do fundo 40% eram destinados a manutenção do ensino fundamental e 60% para remuneração dos professores, os recursos da união eram de 18% e dos estados e municípios de 25%.

O FUNDEB, criado pela Lei Federal nº 11.494/07, visava o financiamento não apenas do ensino fundamental, mas do ensino básico que agora engloba: ensino infantil, fundamental e médio.

Para o FUNDEB será destinado recursos de 20% dos seguintes impostos: Fundo de Participação dos Estados, FPM, ICMS, IPI exp., IPVA, IT Rural, ITCMD e do governo federal 10% do total de contribuição dos estados e municípios a partir de 2010.

A aplicação desse recurso esta voltada à manutenção e desenvolvimento do ensino básico, valorização dos trabalhadores em educação, incluindo os salários.

Sendo assim estão destinados 60% para manutenção dos salários dos professores efetivos, e 40% em manutenção e desenvolvimento do ensino, remuneração de funcionários, capacitação de professores e outros, aquisição, manutenção, construção, conservação de instalações de equipamentos necessários, aquisição do material didático e manutenção do transporte escolar.

Os financiamentos feitos pelo FUNDEF eram apenas para o ensino fundamental já os do FUNDEB vieram para manter a educação como um todo, repassando esses investimentos não só ao ensino fundamental, mas também ao ensino infantil e médio; educação de jovens e adultos; educação das comunidades indígenas, quilombolas e educação especial. Conclui-se que os recursos são praticamente os mesmos e as destinações também 60% para salários de docentes e 40% para manutenções gerais e salários de funcionários etc.

Referencia Bibliográfica:

; acesso em 02/10/2009.

Assunto: 03/10/2009 – Para o Participante 09

Postada por: Participante 02

Participante 09, mesmo sem nós realmente sabermos se o repasse do FUNDEB é suficiente, o que precisamos é fiscalizar sempre que pudermos para ver se realmente o dinheiro está sendo aplicado na educação.

Assunto: 03/10/2009 – para os Participantes 02 e 09

Postada por: Participante 01

Realmente compete a nós pais, professores, que dia a dia participamos das atividades das escolas, fiscalizarmos tudo.

Assunto: 09/10/2009 – Para o Participante 09

Postada por: Participante 11

Esperamos Soraia que todo este projeto e investimento, realmente produza frutos em nossa sociedade.

Assunto: 11/10/2009 - para Participante 09

Postada por: Participante 13

Vendo assim é tudo lindo né pena que na prática a muita dificuldade e, os recursos chegarem ao destino , mas o conceito é interessante

Assunto: 20/10/2009 - Respondendo...

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Olá Participante 09:

Apreciei muito sua interatividade, porém, você não citou a fonte de pesquisa, o que é essencial, ok? Aguardo.

Assunto: 05/10/2009 - diferenças

Postada por: Participante 04

Parece-me que a maior e significativa diferença entre os financiamentos é a seguinte:

Uma é do FHC e a outra é do Lullalá.

Claro que o Lulla ia mudar algo do FHC, nem que fosse pra continuar igual, rs.

O lulla manteve pessoas do staff do governo do FHC que eram do seu interesse e destronou outras, e a isso ele chama mudanças.

Enfim, a respeito da polêmica do destino das verbas, parece-me que elas atingem mesmo os dois aspectos, insuficiência de recursos e má utilização. Como alguém pode gastar mal com tão pouco é uma proeza, há, há.

Assunto: 05/10/2009 – para o Participante 04

Postada por: Participante 02

Participante 04, como diz a Participante 06: a diferença está no final, um fundo termina com "F" e o outro com "B", e a educação continua um problema a se resolver no quesito verbas, certo?

Assunto: 05/10/2009 – para o Participante 04

Postada por: Participante 08

Participante 04, a pesquisa que eu fiz para esse Fórum, faz parecer que tudo é uma maravilha em ambos os Fundos, mas uma coisa nós temos que concordar, ambos os fundos não serviram para tirar a educação do Fundo do Poço, não concorda?

Assunto: 05/10/2009 - Para o Participante 08

Postada por: Participante 03

Você disse uma grande verdade, Fábio...

Assunto: 05/10/2009 - UNIDADE 1

Postada por: Participante 08

O grande objetivo do FUNDEF foi financiar e qualificar o Ensino Fundamental principalmente através da elevação dos salários dos professores em efetivo serviço neste nível de ensino; a valorização dos mesmos para este aspecto seria primordial. Desse modo, ficou determinado que 60% do Fundo deveriam ser destinados ao pagamento de professores. (Alguns colegas que já trabalham na área da educação, podem confirmar a veracidade disso!)

Define-se também, a idéia de custo por aluno – sem, entretanto, definir um custo qualidade-social. Pretendeu-se desse modo, garantir recursos mínimos para os alunos do EF, das redes estaduais e municipais.

Já o FUNDEB, que vigora atualmente e vai permanecer até 2021 substituindo o FUNDEF, inclui na redistribuição de verbas os demais níveis de ensino. Começou a ser contemplada toda a educação básica brasileira

Utilizando os princípios básicos do antigo sistema, o Fundeb também faz uso da concepção de custo por aluno, valorização do magistério, complementação por parte do Governo Federal, sem esquecer-se da finalidade primordial que é a melhoria da qualidade da educação e etc.

Site pesquisado

www.horizontecientifico.propp.ufu.br

Assunto: 06/10/2009 – para o Participante 08

Postada por: Participante 01

Nós que estamos acostumados com as pataquadas deste governo, sabemos o quão hipócrita são os que lá em cima comandam. Rio Claro teve de mandar policiais militares para outras cidades, e o efetivo aqui ficou a ver navios, e os QRUs felizes das vidas, inclusive alunos ameaçando diretora de escola, como ocorreu na semana passada.

Assunto: 06/10/2009 – para o Participante 01

Postada por: Participante 08

Participante 01, essa situação não é apenas privilégio de Rio Claro, mas de todo estado.

Assunto: 07/10/2009 – para o Participante 01

Postada por: Participante 05

Na escola que faço estágio junto com Participante 06, as "crianças" são ótimas, a direção e professores se desdobram no que conseguem fazer, mas se tivesse uma sequência de ensino e recursos financeiros o desfecho seria outro.

Assunto: 07/10/2009 – para o Participante 08

Postada por: Participante 05

Só que a realidade é outra pelo que percebemos. A qualidade de ensino não melhora e os educadores não são remunerados de acordo.

Eu e a Participante 06 estamos fazendo estágio em uma escola que abrange tanto o ensino fundamental como o médio e percebemos certa carência tanto na parte patrimonial como na administrativa. A direção da escola se esforça muito, mas o financeiro é pouco, precisa fazer mágica para dar conta das necessidades da escola.

Assunto: 07/10/2009 - Para Participante 05

Postada por: Participante 03

Participante 05, fiquei sabendo que você e a Participante 06 estão fazendo o maior sucesso nessa escola, que os alunos todos estão entusiasmados com as duas "fessoras". Nesta semana, o Participante 12, o Participante 08 e eu começamos o mesmo trabalho numa escola aqui de Piracicaba...

Assunto: 07/10/2009 – para o Participante 03

Postada por: Participante 05

Verdade, eles são ótimos. Parece que os conhecemos há muito tempo.
Um detalhe: não é "fessoras", é "ssora".
Bárbaro!!!!

Assunto: 07/10/2009 – para o Participante 05

Postada por: Participante 08

Participante 05 se der, tente assistir algumas aulas também em um escola particular, vc verá a diferença entre os dois tipos de ensino,e o tamanho do abismo entre uma escola e outra.

Assunto: 07/10/2009 - Para o Participante 08

Postada por: Participante 10

Realmente. Tudo isso é muito bonito, mas apenas no papel isso é visto. Acredito que apenas a informação pode mudar esse quadro desastroso que está o nosso país. Mas hoje a garotada não está preocupada com o futuro do país.

Assunto: 08/10/2009 - para o Participante 10

Postada por: Participante 08

Participante 10, agora vc falou, ou melhor escreveu, tudo, a garotada em sua grande maioria não está nem aí.

Assunto: 09/10/2009 – Para o Participante 08.

Postada por: Participante 11

Na escola que faço estágio, a garotada fala que é para eu desistir, pois essa profissão de professor é furada. E os próprios professores denigrem a profissão. Falo de escola publica.

Assunto: 09/10/2009 - comentando

Postada por: Participante 01

O que se vê nas salas dos professores são apenas reclamações sobre alunos, sobre as salas de aulas. Isso cansa os ouvidos dos mestres.

Assunto: 14/10/2009 – para o Participante 10

Postada por: Participante 08

Tom, em uma das escolas em que eu fui procurar para estagiar, o Participante 03 estava junto, nós sentimos isso da própria diretora da escola

Assunto: 17/10/2009 - Para Participante 08

Postada por: Participante 14

Acredito que o desinteresse da garotada está na falta de perspectiva de um futuro melhor... Estudar para que? Para eles é melhor viver o hoje. Só o hoje interessa para eles. Vivem como se fosse o último dia da vida deles. Mudar essa realidade, criar novas expectativas é a função principal de um verdadeiro educador. Utopia? Talvez não...

Assunto: 21/10/2009 – para o Participante 14

Postada por: Participante 01

Você tocou em uma tema muito preocupante, a garotada apenas pensa no hoje, o amanhã dá-se um jeito.

Assunto: 24/10/2009 – Para o Participante 08

Postada por: Participante 12

Caro participante 08, podendo contribuir. Infelizmente alguns dos recursos arrecados são utilizados de forma equivocada e não atingem os seus objetivos. E a qualidade de ensino continua da mesma forma.

Assunto: 07/10/2009 - Unidade 1

Postada por: Participante 05

Fundef: destina-se exclusivamente ao ensino fundamental.

Fundeb: abrange num único fundo, todos os níveis de ensino.

O governo federal vinculou uma porcentagem da carga tributária destinada exclusivamente ao financiamento e manutenção do ensino, distribuindo recursos para os estados e municípios aplicarem na educação.

A UNESCO recomenda aos países em desenvolvimento, um gasto MÍNIMO de 10% do PIB com educação.

O governo anuncia que a partir de 2009 será destinado 20% da carga tributária para a educação.

Assunto: 11/10/2009 - para o Participante 05

Postada por: Participante 13

O dinheiro como se vê existe , pena muitas vezes não chegar ao destino certo o povo.

Assunto: 17/10/2009 - Para o Participante 05

Postada por: Participante 14

Parece-me muito bom o aumento do investimento em 2009 para educação. Acho que, boa parte deste dinheiro deveria ser gasto com a capacitação dos professores e, a criação de um piso salarial nacional, fixando um valor justo e compatível para um profissional com formação de nível superior. É inconcebível um professor de ensino médio receber R\$ 850,00 de salário (em média), no estado mais rico da Nação.

Assunto: 07/10/2009 - Participação

Postada por: Participante 10

Vamos começar com o FUNDEF.

Estes são os seus principais objetivos.

1: Pagar os docentes e outras despesas voltadas para a manutenção do ensino fundamental público.

2: Pagar encargos sociais devidos pelo Poder Público.

3: Investimento na melhoria dos professores que se encaixam nessa faixa, como cursos de especialização, ensino superior ou "reciclagem".

4: Elaboração de planos de carreira e remuneração para os docentes, para a melhoria da qualidade do ensino público.

5: Outras despesas voltadas para a manutenção do ensino fundamental público.

Não consegui os dados das escolas, mas posso dizer que essas idéias são muito belas no papel, mas ridículas na realidade. É fácil a explicação. Basta acompanhar como é feita a gestão do ensino público.

Assunto: 07/10/2009 - Participação

Postada por: Participante 10

FUNDEF: Fundeb é um fundo de natureza contábil, regulamentado pela Medida Provisória nº 339, posteriormente convertida na Lei nº 11.494/2007. Sua implantação foi iniciada em 1º de janeiro de 2007, de forma gradual, com previsão de ser concluída em 2009, quando estará funcionando com todo o universo de alunos da educação básica pública presencial e os percentuais de receitas que o compõem terão alcançado o patamar de 20% de contribuição. O Fundeb substituiu o Fundo de Manutenção e

Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - Fundef, que só previa recursos para o ensino fundamental.

Os recursos do Fundo destinam-se a financiar a educação básica (creche, pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos). Sua vigência é até 2020, atendendo, a partir do terceiro ano de funcionamento, 47 milhões de alunos. Para que isto ocorra, o aporte do governo federal ao Fundo, de R\$ 2 bilhões em 2007, aumentará para R\$ 3 bilhões em 2008, R\$ 5 bilhões em 2009 e 10% do montante resultante da contribuição de estados e municípios a partir de 2010.

Para ser honesto, acredito que apenas 2% de todo esse montante é realmente utilizado para a educação. Então cadê o resto da verba?

Deve estar nas contas dos MSTs da vida, ou programas assistencialista de nosso governo que de certa forma podemos dizer que é populista.

Assunto: 07/10/2009 - Governador do Ceará precisa explicar o que é FUNDEB para políticos em pleno mandato!

Postada por: Participante 06

<http://www.youtube.com/watch?v=zLpqgFghHPI>

Este vídeo traz a tona o que muitos políticos ainda não sabem, ou sabem e acham que o dinheiro dos recursos aplicados em diversos fundos podem ser utilizados sem nenhum senso crítico.

E assim, o governador do Ceará Cid Gomes alerta para quaisquer indivíduo e principalmente ao político em questão que cogitou usar os recursos do FUNDEB para as obras de enchentes que abalam as regiões a cerca do município de Granj- Esmerino Arruda.

Com isso, Cid Gomes fica indignado e com jeitinho para não causar tumulto, explica para que serve o FUNDEB e se empregado erroneamente, pode causar sérias responsabilidades a cerca do mesmo, levando até a penalidades.

Imaginem, os politicos em plena gestão não sabem como gerir o seu governo...ou nao querem saber! Prefiro pensar que não saibam.

Assunto: 20/10/2009 - Obrigada.

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

Participante 06,

Parabéns pela iniciativa de trazer o vídeo, será muito útil.

Abraços.

Assunto: 07/10/2009 - Interatividade da unidade 1- Políticas da Educação Básica: Aspectos históricos, sociais e políticos.

Postada por: Participante 06

FUNDEF - O QUE É FUNDEF?

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) foi instituído pela Emenda Constitucional nº 14, de 12 de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei nº 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto nº 2.264, de 27 de junho de 1997 foi implantado em 1º de janeiro de 1998. Trouxe como inovação a mudança da estrutura de financiamento do ensino fundamental no País, pela subvinculação de uma parcela dos recursos destinados a esse nível de ensino.

O FUNDEF, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério é um fundo instituído em cada Estado da Federação e no Distrito Federal, cujos recursos devem ser aplicados exclusivamente na manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental público e na valorização de seu magistério.

Em cada Estado o FUNDEF é composto por recursos do próprio Estado e de seus Municípios, sendo constituído por 15% do:

* Fundo de Participação do Estado (FPE);

- * Fundo de Participação dos Municípios (FPM);
- * Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS)
- * Recursos relativos à desoneração de exportações, de que trata a Lei Complementar nº 87/96; e
- * Imposto sobre Produtos Industrializados, proporcional às exportações (IPI-exp.). Os recursos do FUNDEF constituídos na forma acima é redistribuído, automaticamente, ao Estado e seus Municípios proporcionalmente ao número de matrículas no ensino fundamental das respectivas redes de ensino, constantes do Censo MEC do ano anterior.

Características Principais do FUNDEB:

o ABRANGÊNCIA: Toda a Educação Básica Pública.

o VIGÊNCIA: 14 anos (2007 a 2020).

o DISTRIBUIÇÃO: Com base no número de alunos da educação básica (Matriculados nos respectivos âmbitos de atuação prioritária) e constantes do último Censo Escolar.

o EDUCAÇÃO BÁSICA: Creche + Pré-escola + Fundamental + Médio, inclusive Educação de Jovens e Adultos.

o REPASSES: Automáticos, via Banco do Brasil.

Disponível em:

http://qese.edunet.sp.gov.br/fundef/saiba_mais.htm

http://qese.edunet.sp.gov.br/fundef/sugbapes/carac_princ.htm

Acesso em : 07 de outubro de 2009.

Podemos perceber que o FUNDEF trouxe grandes mudanças para a educação que se hoje a temos um pouco melhor, foram graças a tentativas, sejam elas utilizadas de forma inescrupulosa como podemos ver nos dias atuais.

Desde o governo do presidente FHC até o de Lulla, percebemos que o FUNDEB é uma continuação da aplicação de um fundo que já havia sido criada, com fins à educação.

A abrangência é bem maior obviamente como podemos ver na análise comparativa entre os dois.

Contudo, a necessidade aumenta quando o nível de fundos aplicados se eleva, pois a corrupção está a solta entre políticos desonestos.

Porém, mesmo com todo esse entrelace de corrupção, má gestores no poder...etc. Acredito que os fundos de apoio em geral, podem ser algo bom, se aplicados de maneira correta em seu destino, como explicita Cid Gomes- governador do Ceará.

Assunto: 20/10/2009 - Parabéns!

Postada por: CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:
Excelente participação.

Assunto: 08/10/2009 - Minha participação

Postada por: Participante 11

por:
Vejam, o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) tem como finalidade, investir na educação infantil, no ensino médio e na educação de jovens e adultos. Já o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental), que existe atualmente, destina recursos somente para o ensino fundamental priorizando quatro faixas de valores por aluno/ano. Teoricamente falando, o FUNDEB prioriza 11 faixas constituídas da educação infantil, 1ª a 4ª série urbana, 1ª a 4ª série rural, 5ª a 8ª série urbana, 5ª a 8ª série rural, ensino médio urbano, ensino médio rural, ensino médio profissionalizante, educação de jovens e adultos. Deixo de lado as considerações técnicas e burocráticas, para expor minha opinião a Profª e colegas de classe. Creio que os valores podem ser discutidos, porém a aplicação dos recursos deve passar antes de um bom gerenciamento, por uma política educacional séria e sem damagogias. Devemos através destes recursos legais, buscar a qualidade e não a quantidade como temos visto principalment em São Paulo.

Assunto: 11/10/2009 - unidade 1

Postada por: Participante 13

por:
A questão de financiamento penso não ser o mais correto porque como financiar algo que é do povo, ou educação não é dever do estado.

Então ele tem obrigação ditada pela constituição em levar a educação ao povo, o FUNDEF - o conceito de ensino fundamental público é algo muito interessante valorizar o magistério olha, que lei mas na realidade os recursos não chegava ao destino é mesmo com o FUNDEB , continua não chegando , mas penso que

deveria haver fiscalização nossa, isso nós porque o dinheiro é nosso, é não financiamento , penso que os professores deveriam ser muito valorizados , porque colaboram pra formação de caráter, formadores de conceitos, mas nesta questão a verdade estamos engatinhando.

Assunto: 16/10/2009 – Para o Participante 13

Postada por: Participante 03

Gostei da sua ponderação, Participante 13. De fato, o dinheiro é nosso, extorquido excessiva e abusadamente de nós pelo governo, e quando este faz alguma coisinha ainda toma ares de estar fazendo um grande favor... Na realidade, você observou bem, usar dinheiro na educação popular não é um "financiamento" generoso do governo, é uma obrigação que o governo tem. E que, por sinal, cumpre muito mal...

Assunto: 12/10/2009 - Unidade I

Postada por: Participante 07

A diferença entre os dois fundos é a Educação Infantil, no FUNDEF essa modalidade não era contemplada. O comum entre esses dois é os conselhos fiscalizadores. Podemos não ter deputados nem senadores para saber do dinheiro que vem para o Estado e Município, mas temos conselhos com representação do Poder Público, dos professores, funcionários e população, se realmente esses conselhos atuarem o dinheiro não será gasto em vão. Existem valores diferenciados para o Ensino Médio, Fundamental e Infantil e este é calculado pelo número de alunos do ano anterior, dependendo do ano se tem uma verba maior ou menor. mas participem dos conselhos de sua cidade é assim que construímos uma democracia, não só criticando participando. Voê sabe quem é o seu conselheiro?

Assunto: 17/10/2009 - Para o Participante 07

Postada por: Participante 14

Realmente, Participante 07. A participação efetiva dos conselhos fiscalizadores é muito importante. O dinheiro existe e, aplicá-lo corretamente, sem desvio, é fundamental. Infelizmente, eu não conheço o conselho e, nunca ouvi falar de sua atuação, mas vou procurar saber. Espero não ter surpresas desagradáveis.

Assunto: 17/10/2009 - Fundef e Fundeb

Postada por: Participante 14

Anexo: [Diferenças entre FUNDEF E FUNDEB_tabela.doc](#)

Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) – Tem como objetivo principal, gerar recursos para a otimização qualitativa e quantitativa do ensino fundamental e magistério. Foi instituído pela Emenda Constitucional nº 14, de 12 de setembro de 1996 e, regulamentado pela Lei nº 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano e, pelo Decreto nº 2.264, de 27 de junho de 1997 foi implantado em 1º de janeiro de 1998. Trouxe como inovação, a mudança da estrutura de financiamento do ensino fundamental no País, pela subvinculação de uma parcela dos recursos destinados a esse nível de ensino.

Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) – É um fundo de natureza contábil, instituído pela Emenda Constitucional nº 53, de 19 de dezembro de 2006 (um fundo independente para cada Estado e para o Distrito Federal). O Fundeb tem como principal função substituir o Fundef que, se mostrou ineficiente para garantir a qualidade do ensino e a valorização dos professores. Para que isso seja possível, os recursos e investimentos na educação básica e na formação e manutenção dos professores foram aumentados. Infelizmente, devido à políticas equivocadas e, ao mau uso do dinheiro destinado a educação, o ensino em nosso país se encontra em um verdadeiro caos. É imperativo que, a sociedade em geral se mobilize para uma verdadeira revolução educacional, visando uma educação justa e competente, envolvendo a família e a escola.

Segue tabela com as principais diferenças, juntamente com apresentação em Power Point sobre o FUNDEB (extraído do site: <http://qese.edunet.sp.gov.br/fundef/FUNDEB.ppt>)

Assunto: 20/10/2009 - Excelente tabela

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Olá Participante 14,
A tabela do MEC ficou muito boa.
Obrigada.

Assunto: 20/10/2009 - Finalização do Fórum!

Postada CAROLINA SCAVAZZA BALDOCHI (100094)

por:

Olá pessoal:

Parabéns pelas interatividades e discussões estabelecidas nesse Fórum.

Desfrutei de cada participação e gostaria de comentar todos os Fóruns individualmente, porém, isso me pareceria muito repetitivo e sem agregação de conhecimento.

Comentei alguns e tentei contribuir com a formação e informação desse Fórum.

Trago para finalizar esse Fórum, como que um prêmio, um texto que aprecio muito. É de Josias de Souza. Reflete bem o nosso “Brasilzão”, o seu povo e o seu governo. Leiam:

Brasil do B

BRASÍLIA - Brasil bacharel. Biografia bordada, brilhante. Bom berço. Bambambã. Bico bacana, boquirroto. Bastante blabláblá. Baita barulho. Bobagem, besteira, blefe. Batente banho-maria. Bússola biruta. Baqueta bêbada.

Brasil Biafra. Breu. Barbárie boçal. Barraco barrento. Barata. Bacilo. Bactéria. Bebê buchudo, borocoxô. Bolso banido. Boca banguela. Barriga baldia. Barbeiragem. Bastaria bóia, baião-de-dois.

Brasil Bélgica. Brancura. Black-tie. Badalação brega. Boa brisa. Bens. Banquetes. Brindes. Brilho besta. Bonança bifocal. BMW: blindagem. Bolsa balofa: babau, baby.

Brasil bordel. Bancadas bandoleiras, buscando boquinhas, brechas, benesses. Bruma, biombo, bastidor barato. Balcão. Barganha. Bazar. Banda bandida. Bando bandalho. Baiano. Barbalho. Briga besta.

Bagunça.

Brasil benemerente. Bonança. Brasília bondosa. Banqueiro bajulado, beneficiado, bafejado. Bancarrota brecada. Balancete burlado. Bem-bom. Boca-livre. Brioche, bom-bocado. Bilheteria, borderô.

Brasil baixada. Borrasca. Barro. Buraqueira. Boteco. Bagulho. Birita. Bílis. Bochincho. Bebedeira.

Bofete. Bordoada. Berro. Bololô. Bafafá. Bazuca. Baioneta. Bala. Banguê-banguê. Blitz. Bloqueio.

Boletim. Bíblia. Bispo. Beato. Benzedeira.

Brasil benfazejo. Boleiro. Bate-bola. Bossa. Balangandã. Balacobaco. Boêmia. Barzinho. Bumbo.

Batucada. Balancê. Bole-bole. Beleza beçola. Beldade. Biquíni. Bumbum buliçoso. Boazuda. Beijo.

Beliscão.

Balada boba, burlesca. Basta.